



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**DANIEL EDUARDO DA SILVA**

**O ALEGÓRICO E AS VOZES ANTIMISÓGINAS COMO ESTRATÉGIA  
NARRATIVA EM CHRISTINE DE PIZAN: A *CIDADE DAS DAMAS***

**João Pessoa**  
**2016**

DANIEL EDUARDO DA SILVA

**O ALEGÓRICO E AS VOZES ANTIMISÓGINAS COMO ESTRATÉGIA  
NARRATIVA EM CHRISTINE DE PIZAN: A *CIDADE DAS DAMAS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Estudos Culturais e de Gênero

Orientadora: Profa. Dra. Nadilza M. de Barros  
Moreira

**João Pessoa  
2016**

S586a Silva, Daniel Eduardo da.  
O alegórico e as vozes antimisóginas como estratégia narrativa em Christine de Pizan: A Cidade das Damas / Daniel Eduardo da Silva.- João Pessoa, 2016.  
94f.  
Orientadora: Nadilza M. de Barros Moreira  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHL  
1. Pizan, Christine de, 1364-1430 - crítica e interpretação.  
2. Estudos culturais. 3. Misoginia. 4. Alegoria. 5. A Cidade das Damas.

UFPB/BC

CDU: 37:304(043)

DANIEL EDUARDO DA SILVA

**O ALEGÓRICO E AS VOZES ANTIMISÓGINAS COMO ESTRATÉGIA  
NARRATIVA EM CHRISTINE DE PIZAN: A *CIDADE DAS DAMAS***

Defesa em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016

Banca Examinadora:

---

**Profa. Dra. Nadilza Martins de Barros Moreira (PGL/UFPB)**

Orientadora

---

**Prof. Dr. Luiz Gonzaga Gonçalves (PGE/UFPB)**

Examinador Externo

---

**Prof. Dr. Fabrício Possebon (PGL/UFPB)**

Examinador Interno

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus boníssimo.

Aos meus padrinhos Rosglow Paulo César, e Maria da Guia Vieira César (*in memoriam*), pelo apoio incondicional aos meus estudos e dedicação.

À minha mãe Josefa Maria da Silva.

Agradeço à minha irmã Márcia Maria César Maia Leite, pelo apoio.

Agradeço à minha orientadora, Professora Dra. Nadilza Martins de Barros Moreira, pelo apoio, confiança e respeito a mim deferidos.

Aos professores que me acompanharam durante a graduação e a pós-graduação, em especial: Profa. Dra. Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne, ao Prof. Dr. Vinícius Meira, ao Prof. Fabrício Possebon, ao prof. Dr. Luiz Gonzaga Gonçalves e à Profa. Dra. Ana Cristina Cardoso.

Aos colegas da graduação e da pós-graduação em Letras e aos funcionários.

Aos familiares e aos amigos, pelo apoio.

## RESUMO

Esta pesquisa objetiva analisar *A Cidade das Damas* (1405) de Christine de Pizan (1364-1430) como uma obra alegórica por excelência no Medievo. Pretendemos mostrar que as alegorias utilizadas por autores masculinos à época da autora, são redimensionadas por Pizan na narrativa para a construção das vozes antimisóginas nas personagens centrais em três *Damas* virtuosas: a Razão, a Retidão e a Justiça. Estas *Damas* representam as mulheres no texto narrativo designando a valorização do sexo feminino e a superação das mulheres contra o patriarcado. O que nos leva a estudarmos a referida obra seriam as primeiras questões acerca da mulher levantadas pela autora denunciando a misoginia na literatura. A personificação das *Damas* alegóricas rompe com o silenciamento das mulheres na história da literatura e nos leva a buscarmos na Idade Média as obras de autoria feminina que caíram no esquecimento ou foram violentamente ocultadas. A narrativa é, simbolicamente, um campo de batalhas que vai defender as mulheres dos ataques misóginos. Designa-se, portanto, como um símbolo da resistência feminina, da superação e da emancipação das mulheres na sociedade francesa. A denúncia realizada, no Medievo, pela narradora é sempre pertinente e atual, pois diz respeito à violência contra as mulheres, que sofrem ainda com a opressão masculina, herança das sociedades antigas e retrógradas.

Palavras-chave: Christine de Pizan; misoginia; alegoria; *A Cidade das Damas*

## RÉSUMÉ

Cette recherche vise à analyser *La Cité des Dames* (1405) de Christine Pizan (1364- 1430) comme une œuvre allégorique par excellence au Moyen Âge. Nous avons l'intention de montrer que les allégories largement utilisées par les auteurs masculins à l'époque de Pizan sont redimensionnées par cette auteur dans le récit pour la construction des voix antimisogynes, elles deviennent alors les personnages centraux du récit, ce sont les trois Dames vertueuses: la Raison, la Droiture et la Justice. Ces Dames représentent les femmes dans le texte narratif désignant la valorisation des femmes et le dépassement du sexe féminin contre le patriarcat. Ce qui nous amène à étudier l'œuvre dans cette recherche ce seraient les premières questions sur les femmes posées par l'auteur tout en dénonçant la misogynie dans la littérature. La personnification des Dames allégoriques brise le silence des femmes dans l'histoire de la littérature et nous conduit ainsi à chercher dans le Moyen Âge, les œuvres écrites par des femmes qui sont tombées dans l'oubli ou ont été violemment cachées. *La Cité des Dames* est, symboliquement, un champ de bataille où les femmes sont protégées contre les attaques misogynes. On voit l'œuvre, par conséquent, comme un symbole de la force des femmes, de leur dépassement et de leur émancipation dans la société française. La dénonciation réalisée, au Moyen-Âge, par la narratrice est toujours pertinente et actuelle, car elle concerne la violence contre les femmes qui souffrent encore de l'oppression masculine, héritage des sociétés antiques et rétrogrades.

Mots-clés: Christine de Pizan; misogynie; allégorie; *La Cité des Dames*.

Excelentes, honoráveis e reverendíssimas princesas da França e de todos os países, e todas as damas, senhoritas e mulheres de todas as condições, vós que amastes, que amais e que amareis a virtude e os bons costumes, vós do passado, do presente e que vireis, alegrai-vos todas e senti satisfação com nossa nova Cidade que, graças a Deus, já se encontra totalmente – ou na maior parte – construída com suas casas quase povoadas. Rendei graças a Deus que me guiou nesse grande labor: construí para vós um refúgio honrado, uma cidade fortificada que vos servirá de morada eterna até o final dos tempos (PIZAN, 2012, p. 293).



# Sumário

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO 1: VIDA E OBRA DE CHRISTINE DE PIZAN .....</b>	<b>13</b>
1.1 Christine de Pizan: nasce uma feminista <i>avant la lettre</i> .....	13
1.2 A produção literária de Christine de Pizan no Medievo.....	23
1.3 A alegoria e a cidade: o fascínio de Christine de Pizan em <i>A Cidade das Damas</i> .....	30
<b>CAPÍTULO 2: MISOGINIA E AUTORIA FEMININA NO MEDIEVO.....</b>	<b>42</b>
2.1 O florescimento da produção literária feminina no Medievo.....	42
2.2 Obras emblemáticas na Antiguidade e no Medievo.....	51
2.3 A defesa do feminino em <i>A Cidade das Damas</i> .....	60
<b>CAPÍTULO 3: ESTRATÉGIA NARRATIVA EM A CIDADE DAS DAMAS.....</b>	<b>68</b>
3.1 <i>A Cidade das Damas</i> : a estratégia narrativa de combate à misoginia.....	68
3.2 A simbologia alegórica em <i>A Cidade das Damas</i> .....	75
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>90</b>

## APRESENTAÇÃO

O presente estudo tem como finalidade analisar a obra *A Cidade das Damas* (1404), de Christine de Pizan (1364-1430), como um referencial nos Estudos Culturais e de Gênero<sup>1</sup> no que diz respeito às questões sobre a autoria feminina no Medievo. Pretende-se analisar essa obra como um discurso alegórico, através da personificação das vozes narrativas antimisóginas das *Damas*: Razão, Retidão e Justiça.

A motivação para desenvolver o trabalho sobre a vida e a obra de Christine de Pizan e os temas abordados pela autora surgiu de um *insight* na disciplina *Mulher e Literatura*, ministrada pela Professora Dra. Nadilza M. de Barros Moreira, na graduação do Curso de Letras no período 2013.1, na Universidade Federal da Paraíba. Ao tomar conhecimento sobre os estudos literários focando a vida e a obra de mulheres-escritoras, partindo do Medievo, passando pelo Oitocentismo até a Contemporaneidade, deparei-me com a leitura de *A Cidade das Damas*. A obra chamou atenção como uma valiosa descoberta literária, na ocasião eu era graduado em Filosofia e aluno do décimo segundo período no Curso de Letras, Língua Francesa. Com a conclusão da Licenciatura em Letras foi apresentado o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC sob o título: *O pioneirismo feminista de Christine de Pizan em A Cidade das Damas* (2015).

Graduado em Filosofia no ano de 2006, observei que Pizan não estava incluída no cânone da filosofia medieval, pelo simples fato de não participar do círculo patriarcal mantido pela tradição patrística e escolástica. Na história da filosofia começa-se a estudar a filosofia de autoria feminina com Simone de Beauvoir (1908-1986) com o fortalecimento do movimento feminista na França no século XX.

Ignora-se, portanto, a presença das mulheres-escritoras ou até mesmo filósofas no Classicismo e/ou no Medievo filosófico. Dessa maneira, questioneei: por que não estudar uma obra tão instigante e reveladora como *A Cidade das Damas*? Refletindo sobre a ausência

---

<sup>1</sup> Em português, utilizado inicialmente no âmbito da periodização literária referindo-se aos gêneros poéticos, dramático, narrativo) e no âmbito gramatical (significando a distinção masculino/feminino), o termo “gênero” tem vindo a incorporar significados mais explicitamente relacionados com as dimensões política, sexual e cultural. Este processo de evolução de sentido foi fortemente influenciado pelo panorama anglo-americano, em que, graças ao trabalho efetuado pela teoria e crítica feministas, a palavra “*gender*” (inicialmente significando só a distinção gramatical – note-se que, para a periodização literária, a língua inglesa tem o termo “*genre*”), passaria a definir-se em relação a sexo e a significar a construção social ou cultural daquele. Assim, e por influência do inglês, no panorama português cada vez mais se vê aplicada a palavra “gênero” com o sentido de categoria sexual socialmente construída (MACEDO; AMARAL, 2005, p. 87).

feminina no cânone medieval, constatei que a obra em tela levanta os primeiros questionamentos sobre a condição feminina na Idade Média, uma vez que a narradora-personagem no início da narrativa fica estarecida no que diz respeito aos ataques e às aberrações misóginas contra as mulheres por parte dos homens na historiografia universal.

A violência em torno das mulheres no Medievo motivou Pizan a escrever em defesa do seu sexo. O advento do humanismo-renascentista no século XVI exalta os valores humanísticos na Modernidade retornando aos autores greco-latinos, mas em contrapartida ainda não vislumbra nem a valorização da mulher como escritora, nem a sua participação ativa na sociedade patriarcal. As obras da Renascença, depois de Pizan, como *Elogio da Loucura* (1509), a *Utopia* (1516) e *Pantagruel* (1532), de autoria masculina, ainda não se caracterizam como sinalizadoras pró-mulheres:

Seríamos tentados a ver nas fontes de que dispõem os medievais a origem das dificuldades que encontram quando procuram estabelecer uma história própria e uma cronologia específica para as mulheres. A Idade Média mostra-se escassa não apenas em confidências e em histórias de vida, mas também em informações homogêneas, aquelas que uma burocracia acumula e repete sem se cansar (DUBY; PERROT, 2012, p. 14).

É terrível afirmar que na Idade Média o sentimento que pairava sobre a cabeça dos homens em relação às mulheres era o da demonolatria (Cf. Maité Albistur e Daniel Armogathe, *Histoire du féminisme français*, vol. I, p. 102), atribuída ao sexo feminino pela natureza inferiorizada da mulher repleta de vícios e subordinada ao homem. Sobre o contexto da Renascença:

As hostilidades contra as mulheres ultrapassam as lutas de ideias e os impedimentos morais; intensificam-se na caça às feiticeiras. Esse procedimento, em geral, concebido apenas como sinal de tempos obscuros, é a marca visível de uma Renascença pouco lembrada. É durante todo o século XVI, entretanto, que os processos acerca da feitiçaria – atividade associada sempre à mulher – são mais numerosos. Os inquisidores, sejam laicos ou religiosos, atuam com rapidez, fustigados pelo problema da demonolatria (FORTUNA, 1995, p. 18).

Da Literatura Cortês do século XII à literatura misógina dos tempos modernos vê-se uma evocação laudatória preconceituosa nas obras de autoria masculina injuriando as mulheres. Uma prova cabal dessa equivocada realidade são os Sermões Religiosos. Os

Sermões eram veículos multiplicadores da misoginia<sup>2</sup> de base teológica e filosófica entre os séculos XV e XVI. As tônicas dessas práticas discursivas exprimiram de múltiplas maneiras, ao longo dos séculos, o medo permanente que os clérigos consagrados à castidade experimentavam diante do outro sexo.

Esta pesquisa, portanto, tem como objetivo resgatar a memória da autoria feminina através de Christine de Pizan no Medievo. Essa autora postergou visibilidade às mulheres por ter erguido de forma pioneira a voz em defesa do seu sexo mediante a vasta obra literária que produziu e legou às gerações que a sucederam. As reivindicações sobre o direito feminino na sociedade francesa legitimam Pizan na atualidade como a primeira escritora no Medievo que levanta as questões de gênero que se desenvolvem em *A Cidade das Damas*. Dessa maneira, os Estudos de Gênero vêm resgatar a memória da autoria feminina presente em crescentes estudos na Contemporaneidade. Com esta pesquisa, pretendemos mostrar a importância de se estudar uma obra gerada no Medievo que propicia, decerto, as primeiras questões sobre a condição feminina na história e na sociedade.

Na história das mulheres, a rigor, *A Cidade das Damas* é caracterizada como denúncia contra a misoginia na baixa Idade Média. Segundo Viennot (2004, p.48-49), em *A Cidade das Damas*, vê-se, notavelmente, como Pizan denuncia o uso feito por seus contemporâneos dos grandes autores clássicos. Recusa a ideia de uma sujeição social construída da mulher subordinada ao homem e recorre à história com os exemplos de mulheres célebres, a rigor, um antídoto contra o discurso dos misóginos.

Será visto neste trabalho que a inferiorização biológica da mulher tem suas raízes nas matrizes aristotélicas e médicas da Antiguidade clássica, com Galeno. Acreditamos que o estudo do *corpus* proposto identifica um discurso narrativo que ilustra e ratifica no Medievo as questões sobre a condição feminina, uma vez que *A Cidade das Damas*, aborda temas relacionados à educação da mulher, diferença de sexos, igualdade, e misoginia, evidenciando os Estudos de Gênero na literatura.

A segregação em torno do sexo feminino que desenvolve o processo misógino na historiografia das mulheres, serve de arcabouço na narrativa para abordar as questões sobre o direito das mulheres. O que o discurso narrativo pretende mostrar é a denúncia da misoginia e

---

<sup>2</sup> Segundo Bloch: “é o modo difamatório de falar sobre as mulheres, o que é diferente de fazer algo a elas, embora o discurso possa ser uma forma de ação e mesmo de prática social, ou pelo menos um seu componente ideológico. Uma tal distinção entre palavras e feitos, no que tange às relações entre os sexos, é o fundamento necessário de uma compreensão dialética e política do fenômeno, historicamente inspirada, uma compreensão de que outro modo permaneceria irremediavelmente emaranhada no literalismo de uma falsa ideologia, um literalismo que se arrisca a tomar a diferença entre os gêneros sexuais, em vez do exercício opressivo de poder por parte de qualquer um dos sexos, como a verdadeira causa histórica da injustiça social” (BLOCH, 1995, p. 12).

sua violência através de um espaço narrativo, isto é, a construção da fortaleza das mulheres, uma Cidade que se ergue sob a proteção das *Damas Razão, Retidão e Justiça*, virtudes femininas conforme representadas em *A Cidade das Damas*.

O foco da análise do *corpus* serão as *Damas* alegóricas que guiarão a voz narrativa na edificação da Cidade-fortaleza, onde as mulheres estarão protegidas dos ataques misóginos. As alegorias formam com a obra a estratégia narrativa do discurso alegórico em favor do sexo feminino, empreendido pela voz narrativa da personificação das *Damas Razão, Retidão e Justiça*, e pela interpretação dos seus respectivos símbolos. Através da interpretação dos símbolos pretendemos demonstrar os múltiplos processos de representação dos mesmos no desenvolvimento do discurso antimisógino proposto pela autora na obra em tela.

A presente pesquisa buscará se apoiar nos objetivos em estudo analisando duas categorias: a misoginia e a alegoria, uma vez que ambas sinalizam para o discurso antimisógino das três *Damas* alegóricas empreendido pelas vozes antimisóginas que funcionam na obra como estratégia narrativa e servirão para fundamentar a nossa pesquisa. Além disso, buscamos historiar a misoginia e trazer à tona algumas mulheres-escritoras na Idade Média, focalizando a relevância das suas vidas em parceria com a produção literária de Pizan sobre a condição da mulher no Medievo.

A relação entre os sexos ainda não era uma discussão na literatura, tampouco havia a apologia sobre a igualdade dos sexos. Entretanto, o discurso antimisógino em *A Cidade das Damas* inaugura e/ou expressa o desconforto que as relações de Gênero, ou seja, as relações de poder, estabelece entre os sexos masculino e feminino cerceando o lugar social às mulheres pela opressão do patriarcado nas sociedades antigas, privando-as do acesso ao estudo e o conhecimento.

Considerando o objetivo da pesquisa em apreço pretende-se problematizar a misoginia no *corpus* proposto para análise partindo da indagação: até que ponto a narrativa de Pizan é uma resposta não só à sociedade misógina medieval, mas também à nossa época contemporânea? Esta pergunta levanta outras questões instigantes qual seja a importância de estudar um texto gerado no ardor da transição medieval para o Renascimento? De que forma *A Cidade das Damas* lança luzes sobre as questões contemporâneas acerca da mulher? Previamente pode-se dizer que estudar na Contemporaneidade *A Cidade das Damas* é uma provocação aos Estudos de Gênero na atualidade, na medida em que resgatar a produção de autoria feminina confere visibilidade às mulheres-escritoras de ontem, que caíram no esquecimento, ou foram marginalizadas pelos espíritos da intolerância misógina.

O fio de Ariadne que leva ao labirinto da problemática da misoginia nesta pesquisa é a análise histórica que vamos apresentar sobre o referido tema e as matrizes do pensamento misógino cujos registros podemos encontrar nas obras de filosofia, de teologia e da história da literatura em geral, obras de autoria masculina marcadas pelo poder e pela intolerância do patriarcado.

Portanto, a finalidade deste trabalho ao resgatar a produção de autoria feminina a partir da obra *A Cidade das Damas* de Christine de Pizan, revela o tema da maior importância sobre as questões acerca da mulher. Surge com isso, nesta pesquisa, a problemática da igualdade dos sexos, cuja discussão far-se-á presente nas análises sobre as alegorias e suas representações simbólicas.

Esta pesquisa está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo trazemos uma abordagem histórica sobre a vida e obra de Pizan, considerando o florescimento de sua obra no Medievo com a finalidade de valorizar o sexo feminino. Esse capítulo visa contextualizar a produção de autoria feminina no Medievo. Pretendemos discutir o conceito de alegoria, e a relação do mesmo com o conceito de cidade presente no *corpus* a ser estudado. Dessa parceria (cidade e alegoria), os estudos pretendem apontar o discurso narrativo se tornando imagem e texto através do discurso alegórico empreendido na articulação das vozes narrativas como estratégia de persuasão.

No segundo capítulo, historiamos a misoginia, e almejamos identificar neste itinerário a presença de mulheres-escritoras na Idade Média que foram emblemáticas pela vida e pela obra que engendraram. Apresentamos também algumas obras misóginas da Filosofia e da Literatura que se caracterizam como matrizes difamatórias na história das mulheres. Essas matrizes conduziram o espírito do patriarcado para a perpetuação dos preconceitos em torno da mulher na historiografia universal.

Já no terceiro capítulo pretendemos nos deter na estratégia narrativa da obra analisando as alegorias razão, retidão e justiça personificadas nas três *Damas* através dos símbolos que elas representam. A análise literária do *corpus* sobre as *Damas* dar-se-á pela hermenêutica dos símbolos na narrativa, utilizando o dicionário de símbolos de Chevalier e Gheerbrant, coadunando-se com uma significativa interpretação sobre os símbolos bíblicos do cristianismo.

Por fim, as considerações finais nos levam a considerarmos *A Cidade das Damas* como uma obra alegórica que possui a prerrogativa de defender as mulheres da misoginia que as oprimia. Somando à *Cidade* que é o símbolo de proteção e de refúgio para as mulheres

temos as vozes antimisóginas das *Damas* alegóricas que representam, simbolicamente, as mulheres no discurso em defesa do Gênero Feminino na história da literatura.

## CAPÍTULO 1: VIDA E OBRA DE CHRISTINE DE PIZAN

Desse modo, bela filha, foi a ti concedido, entre todas as mulheres, o privilégio de projetar e construir a Cidade das Damas. E, para realizar essa obra, apanharás água viva em nós três, como em uma fonte límpida; nós te entregaremos materiais tão fortes e mais resistentes do que mármore fixado sem igual e permanecerá eternamente neste mundo (PIZAN, 2012, p. 67).

### 1.1 Christine de Pizan: nascimento de uma feminista *avant la lettre*

No período de transição da baixa Idade Média para a Renascença em meados do século XIV Christine de Pizan nasce em 1363, de família nobre italiana, oriunda de Veneza. Ao completar quatro anos, muda-se com a família para Paris. O seu pai Tomasso di Benvenuto Pisano<sup>3</sup>, convidado pelo rei de França Carlos V (1338-1380), para servir à coroa, desfrutava de grande prestígio na corte real e em 1368 foi nomeado pelo rei como astrônomo, alquimista e físico da corte. Sobre a mãe de Pizan sabemos que também era filha de um grande sábio professor de medicina Mondino de Liuzzi (1270-1326). Ele foi um dos precursores do estudo da Anatomia prática. Sua mãe estimulava a filha às tarefas domésticas, já seu pai sempre a incentivava aos estudos.

O fato de sua família viver na corte favoreceu a educação de Pizan nos mais altos moldes da nobreza francesa além de proporcionar-lhe contato com grandes personalidades da época como o rei Carlos VI (1368- 1422), e com as mulheres de poder, a exemplo da esposa do rei Isabel da Baviera (1370-1435), Rainha de França a qual oferecia mecenato a Christine de Pizan. No Medievo, considerando o contexto histórico da época, o círculo familiar de Pizan como a corte da França estavam imbuídos do espírito crítico de livre exame baseado na experiência, traços da modernidade que já começam a surgir com os valores humanistas. Ela conviveu com as mais distintas damas da realeza, princesas e rainhas, e teve livre acesso às bibliotecas dos palácios e depois dos conventos.

---

<sup>3</sup> O nome de família Pisano, de origem italiana vindo de Veneza, transmuta para o francês em Pizan. Dessa maneira, nesse trabalho de pesquisa, ora utilizaremos a grafia, em francês, para o nome da autora, Christine de Pizan, ora em grafia italiana. Dependendo das traduções encontraremos Cristina de Pisano em português, ou ainda Christine de Pisan com a letra “s”.



Pizan tinha o privilégio de falar várias línguas, ela lia e escrevia em latim, italiano e francês. Esta prerrogativa contribuiu para que ela lesse os clássicos da Filosofia traduzidos para o latim, além de ter tido acesso às obras da literatura universal e aos manuscritos guardados no acervo real: “A família Pizan viveu em um palacete perto do palácio de Saint-Pol desfrutando de favores reais. Christine pôde ter acesso livremente à leitura na Biblioteca Real, onde encontrou traduzidas as obras de Aristóteles (384-322 a. C.)”.<sup>4</sup>

As leituras feitas por Pizan moldaram sua personalidade como uma mulher que possuía uma mentalidade altamente inovadora e provocativa, ela desfrutava de uma atmosfera cultural e revolucionária à época, era a aurora do Renascimento. Segundo Llobet (1999, p 12), sobre sua infância encontramos dados autobiográficos em *La Mutation de Fortune* (1402) onde a autora narra o período de sua infância que transcorre docemente em um ambiente cortês ao se beneficiar de alguns privilégios que nem todas as meninas da corte poderiam ter.

Começa a formar-se em Pizan uma mente crítica no que se referia à condição feminina na sociedade medieval quando são suscitadas por Christine de Pizan nas suas obras as primeiras questões sobre o direito das mulheres na literatura. Relativamente às questões sobre o direito da mulher, mais tarde na Contemporaneidade caracterizaríamos como as primeiras questões de gênero surgidas na literatura universal.

No ano de 1379, Pizan casa-se com Etienne Castel um funcionário do palácio da corte rei Carlos V. Deste matrimônio concebeu três filhos, uma menina, e um menino e uma criança que morrera prematuramente segundo relatos de suas biografias. Pizan enviúva muito jovem, fica com os filhos sob sua responsabilidade e com o encargo de saldar numerosas dívidas deixadas pelo marido, para soerguer-se não procura os meios convencionais destinados às mulheres da época, isto é, um segundo casamento, ou o claustro, ou a viuvez resignada, ela decidiu sozinha viver de sua produção literária e manter-se viúva:

A sua reputação literária, espalhada em França e na Europa, principalmente pelos senhores que ofereciam os livros dela a outros príncipes e princesas, quando os visitavam nas suas cortes, será confirmada pelo grande número de traduções que se fizeram, já naquela época, das suas obras (CRUZEIRO, 1987, Introdução).

---

<sup>4</sup>*La família Pizan vivió en un palacete cercano al palacio de Saint-Pol disfrutando de favores reales. Christine pudo acceder libremente a la lectura en al Bibliothèque Royale, donde halló traducidas las obras de Aristóteles* (LLOBET, 1999, p. 12).[Tradução nossa].

Considerada uma *protofeminista*<sup>5</sup> na literatura ocidental, ou seja, a primeira mulher feminista na história da literatura francesa, Christine de Pizan se sobressai na ficção ao tratar de temas em defesa do seu sexo. Pizan é identificada nos estudos sobre mulher e literatura como merecedora do título de protofeminista, uma vez que ela denuncia a misoginia acerca de questões sobre o direito da mulher.

Sob a perspectiva dos Estudos de Gênero, o feminismo se apropria do que preconiza a crítica feminista no que diz respeito à relação dos textos literários no que concerne a representação feminina nas obras escritas por mulheres-escritoras. Como um movimento social e político, o feminismo tem ondas no contexto sociocultural nas sociedades se caracterizando em ciclos no que diz respeito às discussões sobre o direito das mulheres por intermédio dos debates nos estudos literários. Nesse sentido do movimento feminista podemos considerar a misoginia quando se caracteriza oscilantemente, isto é, quando ela atinge debates mais calorosos, ou declínios de acordo com a época e os interesses do patriarcado na história das sociedades.

Embora o feminismo seja um movimento social que ganha força no século XX em países da Europa e, nos Estados Unidos discutindo o papel e o lugar das mulheres no mundo, é a partir da Idade Média, que se prenunciavam questões políticas nas obras de autoria feminina, a exemplo de Pizan. Decerto que não eram tratadas como feministas, mas, as questões abordadas por elas estavam tomadas dos ideais feministas, uma vez que o feminismo, via de regra, reivindica o lugar da mulher em igualdade de condições com os homens em todas as esferas da sociedade:

Christine não pode ser tomada como exemplo de feminista fanática e reivindicativa. Pelo contrário, a sua inegável propensão feminista proclama a valorização da Mulher, pela educação e pela aprendizagem, dentro dos limites do respeito e dos deveres morais e sociais, mas também pela emancipação da Mulher como ser humano, ocupando o seu lugar na vida, com uma dignidade igual à dos homens, a qual será conferida pelo seu valor pessoal, pela sua inteligência, assim como pelo desenvolvimento da sua cultura, o que não implicará a necessidade de imitar as actividades próprias dos homens ou violentar-se física e moralmente para defender uma pseudo-igualdade tão ridícula como antinatural (CRUZEIRO, 1987, Introdução).

---

<sup>5</sup> O termo *proto* advém de protótipo de origem grega que significa modelo originário. Possui, nesse caso, o mesmo sentido de arquétipo. (Cf. ABBAGNANO, 2012, p. 91 e 947). Desse modo, considerar Christine de Pizan como uma protofeminista designa sua presença na literatura como modelo ou exemplo de uma mulher pioneira que reivindica o direito das mulheres na sociedade francesa no Medievo. As ideias de Pizan no século XV foram consideradas na Contemporaneidade pelos especialistas em literatura feminista como as primeiras questões de Gênero na literatura francesa.

Simone de Beauvoir (1908-1986) em seu livro *O segundo sexo* (1949) referenda Pizan como a primeira mulher de Letras na *Querelle du roman de la Rose*, a se posicionar em favor do direito das mulheres. Pizan, é uma feminista *avant la lettre*, ou seja, a primeira mulher de letras na Idade Média a defender seu sexo através da literatura:

É nessa época que se inicia a *Querelle du roman de la Rose*. Pela primeira vez, vê-se uma mulher pegar da pena para defender o seu sexo; Christine de Pizan ataca vivamente os clérigos em *L'Épistres au Dieu d'amours*. Alguns clérigos, imediatamente se levantam para defender Jean de Meung; mas Gerson, guarda-selos da Universidade de Paris, apóia Christine; redige, em francês, seu tratado a fim de alcançar um público mais amplo. Martin le Franc joga no campo de batalha seu indigesto *Chaperon des Dames* que ainda é lido duzentos anos depois. E, Christine intervém de novo. Reclama principalmente que se permita às mulheres instruírem-se: “Se fosse costume pôr as meninas na escola e normalmente se lhes ensinassem as ciências como o fazem com os meninos, elas aprenderiam tão perfeitamente e entenderiam as sutilezas de todas as artes e ciências como eles entendem” (BEAUVOIR, 1980, p.132).

Podemos considerar a atuação e a produção literária de Pizan no Medievo o marco nos Estudos de Gênero sob a perspectiva dos estudos feministas na Contemporaneidade. As discussões acerca da mulher e do casamento fizeram-se presentes com as querelas sobre as mulheres na sociedade francesa medieval. Os estudos feministas modernos e alguns autores referendam Christine de Pizan como a primeira escritora na França a viver de sua própria produção literária e a escrever em defesa das mulheres, ou seja, Pizan é uma pioneira do feminismo no século XV:

É de praxe dizer que o feminismo e a controvérsia que ele suscita são eternos. São assuntos que surgem e desaparecem de maneira cíclica “com a ascensão e o declínio da civilização e as flutuações da moral pública”, que usam “máscaras tão variadas que é necessário olhar com atenção para reconhecer por baixo delas a mesma face”. Estas palavras aparecem na introdução de um estudo sobre o assim chamado feminismo francês, no tempo de Molière. Outro estudo antigo sobre o feminismo “moderno” começa com o mesmo tipo de afirmação: “A guerra dos sexos é eterna”. Ainda outro anuncia, logo no primeiro parágrafo: “Em todas as épocas e em quase todos os países, sempre existiu uma *querelle des femmes*.” Muitos trabalhos sobre esse tema tratam Christine de Pizan como a “primeira de nossas feministas”, remontando a origem do feminismo moderno ao início do século XV”<sup>6</sup> (LASCH, 1999, p. 29).

---

<sup>6</sup> Nota do autor: “Francis Baumal, *Le féminisme au temps de Molière* (Paris, s.d.. {c. 1923}), 8-10 ; Blanche Hinman Dow, *The Varying Attitude toward Women in French Literature of the Fifteenth Century* 9 Nova York, 1936), 48 ; Gustave Reynier, *La femme au XVIIe siècle* (Paris, 1929), 2-3. Ver também Theodore Joran , *Les féministes avant le féminisme* (Paris, 1910) ”.

O século XV testemunha a participação ativa de Christine de Pizan com o seu poema *L'Epître au dieu d' Amours* (1399) na disputa literária chamada Querela da Rosa com Jean de Montreuil (1354-1418) por volta de 1401-1402. A querela foi um debate literário chamado de Querela da Rosa, sobre *O Romance da Rosa* (1230) de Jean de Meung (1250-1305) iniciado na Europa e tendo como palco das discussões a França na última década do século XIII estendendo-se até o final do século XVII na Modernidade.

O Romance da Rosa originou 200 anos mais tarde a *Querelle des femmes*. Esta querela polariza o debate literário e social acerca das questões sobre as mulheres no século XV. A querela deu-se nos anos de 1400 em Paris tendo como destaque o humanista Jean de Montreuil (1354-1418), assassinado em Paris no momento da invasão da cidade pelos Bourguignons. Montreuil introduz um pequeno tratado de sua autoria no debate literário elogiando *O Romance da Rosa*, de Jean de Meung. Este tratado gerou a disputa literária entre Montreuil *versus* Pizan, uma vez que a autora denuncia o Poema de caráter extremamente misógino e depreciativo acerca das mulheres.

A contribuição de Christine de Pizan em defender as mulheres na *Querelle des femmes* no Medievo deu-se entre os grandes intelectuais de Paris, a exemplo de Eustache Deschamps (1340–1406) e o teólogo Jean de Gerson (1363 –1429) uma vez que eles eram simpatizantes pela questão acerca da condição feminina. O primeiro autor chegou a comparar Christine de Pizan às IX musas e dedicou-lhes versos quando a defendeu na *Querelle des femmes*:

Musa eloquente entre as IX, Christine, / Inigualável que eu saiba hoje, / em conhecimentos adquiridos e em toda doutrina. / Recebeste de Deus e não de outrem a ciência; / Tuas epístolas e livros, que eu li / Em vários lugares, de grande filosofia / E o que escreveste vale minha confiança / E tenho certeza da grande abundância / De teu saber que sempre multiplica, / És única em teus feitos no reino da França<sup>7</sup>

Pizan atua na querela e discute o papel e o lugar da mulher na sociedade francesa, refutando, portanto, a falsa imagem que se criou em torno do sexo feminino na Idade Média, ou seja, de que a mulher era uma cidadã de segunda classe, repleta de vícios e inferior ao

---

<sup>7</sup> Muse eloquent entre les IX., /Christine, Nompaille que je saiche au jour d'ui, /En sens acquis et en toute doctrine, /Tu as de Dieu science et non d'autrui; /Tes epistres et livres, que je luy E/n plusieurs lieux, de grant philosophie /Et ce que tu m'as escript une fie /Me font certain de la grant habondanse /De ton sçavoir qui tousjours monteplie, /Seule en tes faiz ou royaume de France. (Eustache Deschamps, *Balade* em resposta a uma epístola de Christine de Pizan datada de 14 février de 1403, em *Oeuvres complètes*, éd. A. H. E. Marquis de Queux de Saint-Hilaire e G. Raynaud, Paris, SATF, 1878- 1903, 11 vol.; réimp. New-York, Johnson Reprint Corp. 1966, t.VI, p.251-252).[Tradução nossa].

homem. A querela das mulheres gerou uma discussão que perdurou cerca de cinco séculos na história por ter se tornado um debate acerca das reivindicações do direito da mulher no Medievo:

Debate literário ocorrido principalmente na França, em finais da Idade Média, criado em consequência da dialética entre os textos a favor e contra as mulheres surgido, principalmente, após a discussão em torno ao *Roman da Rosa*, texto de caráter extremamente misógino e que envolverá principalmente a escritora Christine de Pizan (BROCHADO, 2001, p.6).

Além de ser um debate literário, a querela promovia a discussão de vários temas sociais desde o amor cortês nas relações amorosas, adentrando sobre o trabalho, família, educação, o corpo, a arte, a língua, a religião nos quais a mulher era excluída. Esta discussão reivindica o direito das mulheres à instrução na sociedade francesa. Entretanto, a “querela” é um fenômeno secundário em que se reflete a atitude da sociedade, mas não a modifica. Foram envidados esforços para coibir a disseminação da misoginia na sociedade sobre as questões da mulher que não tinham sido ainda defendidas de forma eficaz. Pizan é considerada como um dos principais expoentes desses debates famosos na história da literatura ao levantar sua voz em prol das mulheres na sociedade através da narrativa de *A Cidade das Damas*:

*O Livro da Cidade das Damas* surge como atitude de resposta suscitada por uma obra misógina de extrema difusão *Les Lamentations de Matéole*, que junto com outras obras como *Le Miroir de mariage*, de Eustache Deschamps, *Quinze Jois de mariage*, o *Le Livre du Chevalier de la Tour Landry* engrossam e reforçam a conflitiva temática em torno dos vícios e maus hábitos das mulheres, plantada na constituição da primeira parte do *Roman de la Rose* de Guillem de Lorris, escrita por Jean de Meung. Esta obra gozou de muita fama, não por suas qualidades estéticas, senão pelas difamações contra o sexo feminino<sup>8</sup> (LLOBET, 1999, p. 33)

*O Romance da Rosa*, de Jean de Meung, poema que alegoriza o Amor caracteriza o estilo muito recorrente naquela época para simbolizar sentimentos, virtudes e vícios. Sobre o conceito de alegoria no referido poema:

---

<sup>8</sup> *Le Livre de la Cité des Dames* surge como actitud de repuesta suscitada por una obra misógina de extensa difusión *Les Lamentations de Mateôle*, que junto con otras obras como *Le Miroir de mariage*, de Eustache Deschamps, *Quinze Jois de mariage*, o *le Livre du Chevalier de la Tour Landry* engrosan y refuerzan la conflictiva temática en torno a los vicios y malos hábitos de las mujeres, planteada en continuación de la primera parte del *Roman de la rose* de Guillem de Lorris, escrita por Jean de Meung. Esta obra gozó de mucha fama, no por sus cualidades estéticas, sino por las difamaciones contra el sexo femenino (LLOBET, 1999, p. 33). [Tradução nossa].

Define-se geralmente a alegoria comparando-a ao símbolo do qual ela é o desenvolvimento lógico, sistemático e detalhado. Assim, na poesia lírica, a imagem da rosa aparece com frequência como o símbolo da beleza, da pureza e do amor. Guillaume de Lorris utiliza uma alegoria ao contar as aventuras de um jovem homem apaixonado por um botão de rosa. É evidente que entre o símbolo e a alegoria, o público moderno prefere o primeiro que parece mais rico e mais profundo. Mas essa preferência vem, às vezes, de uma concepção muito estreita e muito superficial da alegoria. Essa concepção vem tanto dos gramáticos da Idade Média quanto dos críticos contemporâneos.<sup>1</sup> (POIRION, 2013, n.p.)<sup>9</sup>

No referido poema, negativamente, o autor, constrói a imagem da mulher em uma escala hierárquica inferior à imagem do homem em todos os aspectos, e corrobora a ideia de que a mulher foi a porta de entrada de todos os males do mundo. Pizan não concorda nem com as imagens nem com as representações negativas sobre a mulher no matrimônio encontradas nas obras misóginas dos autores masculinos as quais considerava abusivas gerando assim a primeira discussão feminista na querela da rosa.

O *Romance da Rosa*, escrito por dois autores em tempos diferentes teve ampla leitura e divulgação. Guillaume de Lorris em 1230 compôs à época, 4.058 versos deixando inacabada a obra. A segunda parte do *Roman*, escrita por Jean de Meung, 40 anos depois no ano de 1275 foi acrescentado mais 17.724 versos concluído aproximadamente em 1280. Embora a mulher tenha sido enaltecida na primeira parte do poema através *do amor cortês*, sobre a imagem idealizada da mulher nos romances de cavalaria com Lancelot e a rainha Guenièvre, e pelas lendas medievais, como *Tristão e Isolda*, vê-se em contrapartida que, a segunda parte do referido romance assumiu um caráter depreciativo sobre a mulher, a sua condição e o papel social feminino:

Na época, um *best-seller*, lindamente ilustrado, sensível, mas muito machista, era o Romance da rosa – a “bíblia” de quem aspirasse à pretensão do amor cortesão. Em 1403, Christine abriu fogo contra o machismo com seus próprios fogos literários, numa série de cartas abertas ao autor daquela obra, denominada *querelle* (querela). Quem era alguém na sociedade de então recebeu cópias de suas cartas altamente políticas e desafiadoras – que mais tarde foram colocadas no formato de livro. (LEÓN, 1997, p. 231).

---

<sup>9</sup> On définit généralement l'allégorie en la comparant au symbole, dont elle est le développement logique, systématique et détaillé. Ainsi, dans la poésie lyrique, l'image de la rose apparaît souvent comme le symbole de la beauté, de la pureté ou de l'amour; Guillaume de Lorris en fait une allégorie en racontant les aventures d'un jeune homme épris du bouton de rose. Il est évident qu'entre le symbole et l'allégorie, la faveur du public moderne va plutôt au premier, qui semble plus riche et plus profond. Mais cette préférence tient parfois à une conception trop étroite et trop superficielle de l'allégorie, conception dont les grammairiens du Moyen Âge sont tout autant responsables que les critiques contemporains (POIRION, 2013, n.p.) [Tradução Nossa].

Em *O Romance da Rosa*, vemos na sua primeira parte, o pomar do AMOR, morada da ROSA, é cercado de muros que proíbem o acesso a ele. A ROSA alegoriza o amor na construção do poema. Nesta passagem do poema, surgem as personagens alegóricas ilustrando a cena e convidando as outras personagens a participar da “*carole du verger*”, ou seja, de uma dança acolhedora em união com os personagens do poema. A obra é ao mesmo tempo uma canção cortês e que são empregados recursos literários através de ilusões, metáforas e alegorias. O autor em primeira pessoa é o *L'Amant* (o Amante) na história, viaja em um sonho para um lindo pomar habitado por *Déduit* (Lazer) e seus companheiros, *Jeunesse* (Juventude), *Richesse* (Riqueza), *Liesse* (Alegria) e *Beauté* (Beleza). Esta cena no poema ratifica como era recorrente o uso das alegorias no Medievo.

O *Romance da Rosa* de Guillaume de Lorris usa as alegorias que se traduzem no poema tomando uma aparência humana (personificação) e uma vida própria resultando em qualidades e defeitos nas personagens: Tristeza, Traição, Vilania, Cortesia, Juventude, Velhice, etc. A intriga desenvolvida no poema é representada sob o simbolismo. O poeta (o Amante) busca conquistar a Rosa (a jovem Dama) que despreza seu coração (Cf. LAGARDE; MICHARD, 2002, p. 191).

A segunda parte do poema constrói a imagem da mulher em uma escala hierárquica inferior ao homem em todos os aspectos. Na continuidade do poema de autoria de Jean de Meung, o Amor e a Rosa são simbolismos quando este autor utiliza silogismos<sup>10</sup> para ratificar a superioridade dos homens em relação à mulher ao trazer o enredo do amor cortês. São evidentes entre muitas as opiniões antimatrimoniais do autor difamando as mulheres no *Roman de la Rose*:

Ah, se eu tivesse acreditado em Teofrasto, jamais teria esposado uma mulher. Ele não tem por sábio o homem que toma uma mulher em casamento, seja feia ou bonita, pobre ou rica. Pois ele diz, e acredite, em seu nobre livro *Aureole*, que seria bom ler na escola, que ali há uma vida cheia demais de tormento e desgosto.<sup>11</sup> (MEUNG, 1966, vv. 8531-40)

<sup>10</sup> Método de dedução de uma conclusão a partir de duas premissas, por implicação lógica. Para Aristóteles, considerado, o primeiro formulador da teoria do silogismo, “o silogismo é um argumento em que, estabelecidas certas coisas, resulta necessariamente delas, por serem o que são, outra coisa [Primeiros analíticos, I, 24] (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2008, p. 253).

<sup>11</sup> Há! Se Theofrastrus creüsse, já fame espousse n' eüsse. Il ne tient pas homme por sage qui fame prent par mariage, soit bele ou lede, ou povre ou riche, car il dit, et por voir l' affiche, en son noble livre Aureole, qui bien fet a lire em escole, qu' il a vie trop grevaine, pleine de travaill et de paine (MEUNG, Jean de. 1966, vv. 8531-40). [Tradução nossa].

O *Romance da Rosa* tinha uma função fundamental de desqualificar a imagem da mulher no matrimônio na Idade Média. “A esposa insubordinada faz do marido um objeto de ridículo, coroando-o com chifres – a acusação máxima do casamento, à qual fazia menção de forma obsessiva a sátira medieval e moderna dos primeiros tempos” (LASCH, 1995, p. 35). Note-se que o *Poema da Rosa* era uma sátira e um deboche às relações matrimoniais, na qual a mulher é a fonte geradora da perfídia e da sedução na vida conjugal. Sobre o cenário do casamento e as atitudes de comportamento do homem e da mulher no poema temos o seguinte:

Em um casamento, esperava-se que a esposa aceitasse a opinião do marido e o obedecesse. O casamento significava o fim da igualdade sexual e, conseqüentemente, o fim do amor. Nas palavras de Jean de Meung, antifeminista por excelência, “não há companheirismo entre o amor e a senhoria”. Heloísa apresentou o mesmo tipo de argumento contra a mal concebida proposta de casamento de Abelardo, dizendo “preferir o amor ao casamento”, como ela escreveu depois “e a liberdade a correntes”. A incompatibilidade entre amor e casamento era a premissa básica subentendida em ambas as tradições literárias, cuja justaposição criou a dialética medieval do amor. A poesia cortês glorificou o adultério, partindo do princípio de que a igualdade, e portanto a paixão erótica não pode existir no casamento (LASCH, 1995, p. 34-35).

Pizan refuta *Le Roman da Rosa* como uma obra desonesta que denigre a mulher, essencialmente machista e altamente discriminatório em relação à dignidade feminina. Na narrativa, a *Dama Razão* refuta filósofos poetas, escritores e homens da Igreja que difamaram as mulheres na literatura e na história com toda sorte de falsos argumentos e rejeita, enfaticamente, os autores Jean le Fèvre (1320 - c. 1380), e Jean de Meung, respectivamente, os autores de *Les Lamentations de Mathéoulus* e *Le Roman de la Rose* por serem estas obras de caráter misógino:

Não se trata apenas dessa obra de Mateolo, mas de tantas outras, em particular o *Roman de la Rose*, que goza de um crédito maior em razão da autoridade maior de seu autor. Ora, onde encontrar um marido que tolere que sua mulher tenha um império tal, e a ponto de descarregar sobre ele as ofensas e injúrias que todas as mulheres estão acostumadas a ouvir? Mesmo tendo lido nesses livros, duvido que tenhas visto com teus próprios olhos, pois não passam de propósitos vergonhosos e mentiras patentes (PIZAN, 2012, p. 63).

Pizan ao defender as mulheres através da sua produção literária repudia o que era praticado e ensinado pelos autores misóginos contra as mulheres na sociedade. Contra o autor



de *Le roman de la Rose* Christine declara: “Que não me acusem de desatino, de arrogância ou de presunção, de ousar, eu mulher, opor-me e replicar a um autor tão subtil, nem de reduzir o elogio devido à sua obra, quando ele, único homem, ousou difamar e censurar sem exceção todo o sexo feminino<sup>12</sup>” (RÉGNIER-BOHLER, 1990, p. 530). Desse modo, percebemos a atitude transgressora de Pizan em desafiar os misóginos na sociedade francesa na baixa Idade Média uma época de fervorosa misoginia contra as mulheres. Ela escreveu cartas direcionadas a reis e rainhas protestando contra o poema da Rosa e seus autores misóginos. Ademais, utilizou-se das armas que dispunha, a inteligência e o conhecimento; deixando à história das mulheres a utópica *Cidade das Damas*.

O argumento dos misóginos de que a mulher por natureza seria propensa ao mal, incapaz de aprender e facilmente influenciável é refutado por Pizan em *A Cidade das Damas*. Sobre esta propensão da mulher ao mal, encontramos na mitologia grega o mito de Pandora<sup>13</sup>. Pandora considerada a primeira mulher da humanidade, além de ter sido privilegiada com dons divinos, possuía no seu coração a mentira e a astúcia; expande as desgraças humanas, punindo os homens. Como podemos observar o mito de Pandora na Antiguidade tem interpretações misóginas, uma vez que esta personagem mítica reforçou a crença na fragilidade da mulher e de ter sido a responsável pelos males do mundo.

Pizan representa a mulher à frente de seu tempo; através da literatura ela deu o primeiro passo em prol das mulheres e do seu lugar na sociedade de uma forma mais democrática em relação ao poder dos homens. Ela estabeleceu-se de fato como uma pioneira no que diz respeito às questões sobre o direito da mulher no Medievo, isto é, uma protofeminista identificada nos Estudos Literários e de Gênero na Contemporaneidade. A partir da obra literária de Pizan podemos identificar a importância da escritora para a história da literatura acerca das questões atuais sobre a mulher.

---

<sup>12</sup> [Nota da autora]: Erick Hicks, *Le débat sur le roman de la rose*, Paris, Champion, 1977.

<sup>13</sup> Pandora é, num mito hesiódico, a primeira mulher. Foi criada por Hefesto e por Atena, com o auxílio de todos os outros deuses, por ordem de Zeus. Cada um deles lhe atribuiu um dom: recebeu assim a beleza, a graça, a destreza manual, a capacidade de persuadir e outras qualidades. Mas Hermes colocou no seu coração a mentira e a astúcia. Hefesto fê-la à imagem das deusas imortais, e Zeus destinou-a à punição da raça humana, à qual Prometeu tinha acabado de dar o fogo divino. Foi esse o presente que todos os deuses ofereceram então a aos homens, para lhes causar a desgraça (GRIMAL, 2011, 353-354).

## 1.2 A produção literária de Christine de Pizan

Sobre a produção literária christiniana é bastante diversificada, alternando-se em verso e em prosa. Pizan detentora de múltiplos gêneros na sua obra literária possuía uma maneira interiorizada de escrever, de dentro para fora, isto é, introspectivamente, evidencia as angústias e a insatisfação do sexo feminino e de sua própria condição enquanto estava à mercê dos ataques misóginos e difamações proferidas pelos homens contra as mulheres. A versatilidade ao escrever gêneros literários levou Pizan a criar estilos que vão de poesias líricas, biografias, novelas, comentários literários, conselhos e manuais, abordando temas diversos:

Como inúmeras mães talentosas com bocas a alimentar fariam mais tarde, Christine transformou sua casa em escritório e virou escritora. Prolífera desde o princípio, ela produziu dez livros de poesia lírica, dez trabalhos em prosa, sátira e a primeira polêmica importante em questões de mulher. Boa em *marketing*, ela conseguiu vender em segredo seu segundo livro a um duque por uma soma que fez os outros escritores roerem as unhas de inveja. A partir de então, Pisan, recebeu muitas outras encomendas de uma infinidade de homens ricos, principalmente da realeza. Alguns deles foram trabalhos importantes, como a biografia oficial do rei Carlos V (LÉON, 1997, p. 230).

A divulgação das obras de Pizan nos leva a constatar a favorabilidade da nobreza francesa à sua produção literária no que diz respeito a sua relação com o poder monárquico. A rigor, esse relacionamento social garantiu a Pizan o apoio de mecenas na compilação e publicação de suas obras, pois reis, rainhas e princesas eram solícitos aos seus pedidos aprovando os seus trabalhos. Pizan enquanto escritora estava muito bem articulada com as autoridades de seu tempo em uma grande jogada de *marketing*. Essa instrumentalização favoreceu a popularidade de sua obra literária e da sua imagem na sociedade francesa:

Apesar de seus grandes dotes intelectuais, de sua capacidade persuasiva e mérito pessoal, que lhe permitiram situar-se na categoria de *virago*, mulher forte e sábia, independente do poder masculino, com capacidade própria para reger a casa e administrar o patrimônio, que obteve o reconhecimento público de suas autoridades, Pizan jamais extrapolou os limites de sua época nem transgrediu as formas de sua cultura e de sua sociedade, antes bem se

manteve em uma linha moral muito restrita e uma postura ética própria da dignidade avantajada do estado feminino que ela mesma ostentava <sup>14</sup>.

Atualmente, diante das (re) descobertas da considerável produção literária de Christine de Pizan, verificamos que sua obra na Contemporaneidade é considerada pelos críticos e teóricos literários como os primeiros acenos sobre as questões feministas no Medievo. Considerando o resgate das obras de autoria de Pizan - salientando que nem todas foram ainda traduzidas para o português - destacamos nesta dissertação a importância de mencionarmos algumas obras pela riqueza literária que contém sua vasta produção escrita, até então desconhecida do grande público:

Christine de Pizan escreve, inicialmente, *L'Épître au dieu d'amours*, em 1399, onde as mulheres de todas as condições sociais recorrem ao Cupido contra os seus detratores, especialmente Jean de Meung. N' *O Livro da Cidade das Damas* há uma referência a este texto poético. Em *Le Dit de la Rose*, também escrito em versos, em 1402, está a culminância da polêmica sobre o *Roman de la Rose*, onde a autora funda, poeticamente, uma “Ordem da Rosa”, uma espécie de resistência literária do *ethos* cortês aos ataques à honra feminina lançados pelos “doutores da lei”, *Epîtres du débat sur le Roman de la Rose*, escrito em prosa, reúne as correspondências de Christine de Pizan entre 1401 e 1403 nesta querela (WUENSCH, 2012, p.7).

Encontramos uma sequência bibliográfica sobre a cronologia da obra de Pizan que vai de 1399 a 1429 na tradução do livro *A Cidade das Damas* feita pela Professora Luciana Deplagne em 2012. As obras *L'Épîtres au dieu d'amours* (1399), *Le Dit de la Rose* (1402), *L' Epîtres du Débat sur le Roman de la Rose* (1401-1403) ou *Le Livre de la Cité des Dames* e *Le Livre de Trois Virtus* (1405), foram os marcos referenciais no que tange às questões sobre a condição feminina e os seus referidos temas, castidade, casamento, educação dos filhos, viuvez, os quais deram folego às ideias de Pizan no que diz respeito à defesa do sexo feminino e manifestaria doravante sobre os estudos contemporâneos acerca das questões da mulher:

Na história de literatura francesa, entre 1395 e 1405, Cristina de Pisano impõe-se como uma figura impressionante. O problema, em relação com os

---

<sup>14</sup> A pesar de sus grandes dotes intelectuales, de su capacidad persuasiva y mérito personal, que le permitieron situarse en la categoría de *virago*, mujer fuerte y sabia, independiente de la potestad masculina, con capacidad propia para regir casa y administrar patrimonio, que obtuvo el reconocimiento público de sus autoridades, Pizan jamás extrapoló los límites de su época ni transgredió las formas de su cultura y de su sociedad, antes bien se mantuvo en una línea moral muy estricta y en una postura ética propia de la dignidad avantajada del estado femenino que ella misma ostentaba (LLOBET, 1999, p. 22). [Tradução nossa].

códigos literários, no próprio seio da tradição, foi o da criação de uma voz nova e singular. Que a excelência da sua cultura tenha sido fácil de demonstrar, tratando-se dos gêneros tradicionais, é óbvio. Mas a sua identidade de mulher devia infalivelmente criar problemas, quando, oficialmente e em seu próprio nome, ela fala no quadro de um contexto social e cultural. Ela foi a primeira a afirmar a sua identidade de autora, a marcar solenemente a sua entrada “no campo das letras” (RÉGNIER-BOHLER, 1990, p.529).

Os temas abordados sobre a condição feminina pela divulgação e a versatilidade da obra de Pizan legitima-a como uma escritora singular se sobressaindo às mulheres de seu tempo. “Assim, a obra de Christine de Pizan polariza-se em três tendências: histórico-política, poética, filosófico-alegórica<sup>15</sup>” (LLOBET, 1999, p. 17). A obra christiniana abarca o período histórico pelo qual atravessou a França no período que compreende à Guerra dos Cem Anos, tendo como principal expoente a heroína Joana D’Arc, que discutiremos mais adiante, Pizan lhe rendeu uma homenagem em poesia ainda em vida.

Dessa maneira, é uma obra política, porque ela dialoga com o poder monárquico ao escrever cartas dirigidas a reis, princesas e rainhas em defesa da condição da mulher no Medievo. Poética porque de maneira erudita a autora serviu-se de poesias estilisticamente complexas, a exemplo de *ballades*, *rondeaux* e *virelais*<sup>16</sup> caracterizando o lirismo em sua obra. É uma obra filosófica ao refutar a tradição de origem misógina em algumas obras dos filósofos e, principalmente alegórica ao expressar pelas vozes das três *Damas* personificadas o desejo de construir uma Cidade que serviria de fortaleza não somente para as mulheres de seu tempo, mas também às mulheres das futuras gerações.

Pizan é considerada a primeira escritora no Medievo a viver de sua obra. “Poetisa, historiadora, moralista sobretudo, Christine de Pizan foi a protegida de reis e rainhas; ela viveu de sua pluma se dirigindo aos grandes desse mundo e seus manuscritos, luxuosamente ornados de iluminuras, entraram nas bibliotecas principescas<sup>17</sup>.”

No Livro Primeiro, em *A Cidade das Damas*, Christine ao deparar-se com a leitura do livro *Les Lamentations de Mathéolus*, de Jehan le Fèvre (1320-1380), poema misógino francês, indaga-se como era possível que tantos homens ilustres e cultos tivessem uma

<sup>15</sup> Así, pues, la obra literaria de Christine de Pizan se polariza en tres tendencias: histórico-política, poética, y filosófico-alegórica (LLOBET, 1999, p. 17) [Tradução nossa].

<sup>16</sup> São formas fixas de caráter poético e musical geralmente com repetições de versos. Estes poemas eram muito recorrentes na França nos séculos XII e XV e que Christine de Pizan utilizou no seu estilo de escrever.

<sup>17</sup> Poétesse, historienne, moraliste surtout, Christine de Pizan fut la protégée des rois et des reine ; elle vécut de sa plume en s’adressant aux grandes et grandes de ce monde, et ses manuscrits, luxueusement enluminés, entèrent dans les bibliothèques princières (MOREAU, 1992, p. 17,) [Tradução nossa].

opinião difamatória em relação às mulheres ao longo da tradição literária. “Christine de Pisan, a primeira a tomar o lado da mulher contra o antifeminismo de Jean de Meung, centra-se especificamente na intenção do autor, na voz, e na relação entre a relação poética e a base social (...)”. (BLOCH, 1995, p. 66). Estrategicamente, a voz narrativa expressa:

Porém, a leitura daquele livro, apesar de não ter nenhuma autoridade, suscitou em mim uma reflexão que me atordoou profundamente. Perguntava-me quais poderiam ser as causas e motivos que levavam tantos homens, clérigos e outros, a maldizer as mulheres e a condenar suas condutas em palavras, tratados e escritos. Isso não é a questão de um ou dois homens, nem mesmo só deste Mateolo, - a quem não incluiria entre os sábios, pois seu livro não passa de uma gozação -; mas, pelo contrário, nenhum texto está totalmente isento disso. Filósofos, poetas e moralistas, e a lista poderia ser bem longa, todos parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício. (PIZAN, 2012, p. 59).

Na narrativa, Christine como resposta à sua angústia, recebe a visita das três *Damas* e inicia o seu fascinante diálogo com as personagens alegóricas: a *Dama Razão*, a *Dama Retidão* e a *Dama Justiça*. Sobre a manifestação divina das *Damas* à Christine temos o seguinte relato na narrativa:

Abatida por esses pensamentos tristes, eu baixava a cabeça de vergonha. Os olhos repletos de lágrimas, as mãos na face, apoiava-me no braço da poltrona, quando repentinamente vi cair no meu colo um feixe de luz, como se fosse um raio de sol penetrando ali, naquele quarto escuro, onde o sol nunca poderia entrar naquela hora, então despertei-me em sobressaltos, como quem acorda de um sono profundo. O esplendor, que de suas faces emanava, arrojava-se sobre mim, iluminando todo o compartimento. Inútil perguntar se fiquei deslumbrada, sobretudo porque as três damas conseguiram entrar, apesar das portas estarem fechadas. Temendo que fosse alguma visão tentadora, fiz o sinal da cruz na testa, tão grande era meu medo (PIZAN, 2012, p. 61).

A partir do diálogo com as *Damas alegóricas* estabelece-se uma estratégia narrativa para elevar a autoestima das mulheres que foi aviltada pelos misóginos em suas obras. O discurso das *Damas* alegóricas é em defesa das mulheres do ponto de vista político e social para libertá-las da opressão masculina. No início do livro, a narradora dialoga com a tradição filosófica, refuta Aristóteles (384-322 a. C.), Platão (c. 427-348 ou 347 a. C.) e Santo Agostinho (354-430):

Não sabes que são as melhores coisas que são discutidas e debatidas? Se considerares a questão suprema, que são as ideias, quer dizer, as coisas celestiais, percebes que mesmo os maiores filósofos, aqueles que tu invocas contra teu próprio sexo, não conseguiram distinguir o certo do errado, e se contradizem e se criticam uns aos outros sem cessar, como tu mesma viste em *Metafísica* de Aristóteles, no qual ele critica e refuta, igualmente, as opiniões de Platão e de outros filósofos, citando-os. E presta atenção que Santo Agostinho e outros doutores da Igreja fizeram o mesmo em certas passagens de Aristóteles, considerado o Príncipe dos filósofos, e a quem devemos as mais altas doutrinas da filosofia natural e moral. Ora, pareces acreditar que tudo o que dizem os filósofos é digno de fé e que eles não podem se enganar (PIZAN, 2012, p. 62).

Christine em sua narrativa desenvolve o monólogo com Deus, confrontando-se com o estabelecido pela dogmática cristã e teológica pelos tratados de alguns Padres da Igreja que endemonizavam as mulheres. Como pode então ser afirmado pelos misóginos que a mulher é repleta de vícios se as fontes da beleza moral emanam do próprio Deus? A resposta nos vem através das três *Damas* alegóricas: Razão, Retidão e Justiça que vão instruir a narradora-personagem, para defender as mulheres na narrativa. Christine contesta a tradição teológica pela demonstração do absurdo ao se indagar como Deus perfeito e boníssimo criaria a mulher repleta de vícios:

Ah, Deus! Como é possível? Como acreditar, sem cair no erro que tua infinita sabedoria e perfeita bondade tinham podido criar alguma coisa que não fosse completamente boa? E, desde então, não lhe deste todas as inclinações que gostarias que ela tivesse? Pois, como seria possível teres te enganado? E, no entanto, eis tantas acusações graves, tantos decretos, julgamentos e condenações contra ela! Eu não consigo entender essa aversão (PIZAN, 2012, p. 60).

Na narrativa, Christine considera-se infeliz por ter nascido mulher: “Com essas palavras e outras mais, propaguei minhas lamentações a Deus, tristemente aflita, na medida em que em minha loucura desesperava-me o fato de Deus ter me posto em um corpo feminino” (PIZAN, 2012, p. 61). Ao sentir-se indignada depois das leituras que fez das obras dos autores misóginos Christine impulsionada a refletir sobre o seu sexo e por que tantos homens falaram contra as mulheres recebe a visita das três *Damas* como uma resposta ao seu tormento para consolarem seu pranto.

Para a narradora-personagem, a misoginia é uma atitude negativa semanticamente codificada na tradição literária quando a autora denuncia como os homens “pudessem ter falado de maneira tão enganosa, em tantas obras” (PIZAN, 2012, p. 59) sobre as mulheres.

Portanto, a postura misógina tem um efeito alienante de menosprezar a mulher de modo ideologizante, ou seja, a supremacia patriarcal, pois o misógino não se reconhece como tal e sustenta argumentos cujo objetivo é destruir a imagem feminina na história universal e promover a completa desvalorização e sujeição do feminino pelo masculino.

A seleção de exemplos femininos coroados de grandes virtudes e feitos heroicos em *A Cidade das Damas* contribui para a edificação da fortaleza das mulheres. Em Pizan, a denúncia da misoginia dá originalidade à sua obra enquanto esta autora tona-se a primeira mulher a defender as mulheres no Medievo. Servindo-se da literatura ela rompe a autoria do monopólio masculino ao passo que pelo exercício das Letras torna-se mestra do saber e do estudo em *A Cidade das Damas*. Pizan parte do Campo das Letras em defesa da mulher. *A Cidade das Damas* é a seara fértil tornando-se a herança para a história das mulheres ao declarar a Dama Razão:

Levanta-te filha! Sem mais demora, partamos ao Campo das Letras; é nessa terra rica e fértil que será fundada a *Cidade das Damas*, lá onde se encontram tantos frutos e doces rios, lá onde a terra abunda em tantas coisas boas. Pega a enxada da tua inteligência e cava bem. Em todo lugar em que verás as marcas da minha régua, faça um buraco profundo. Quanto a mim, ajudar-te-ei carregando os sacos de terra sobre meus próprios ombros (PIZAN, 2010, p. 73).

O Livro Segundo trata da defesa da mulher pela *Dama Retidão* que fortalece a imagem da mulher pela autoridade da voz feminina trazida à tona pelo exemplo das sibilas, profetisas e rainhas reconstruindo, dessa maneira, a genealogia feminina conferindo visibilidade às mulheres lendárias, guerreiras, bíblicas e históricas contempladas com altas prerrogativas:

Entre as damas de dignidade soberana, aparecem, acima de todas, aquelas de plena sabedoria, as sábias sibilas que, como diriam as obras dos autores mais importantes, eram em número de dez, ainda que alguns citam nove (PIZAN, 2012, p. 166).

No Livro Terceiro, o sexo feminino é enaltecido tendo como destaque a figura da Virgem Maria, exemplo máximo de virtudes, associada às demais damas virtuosas que irão povoar a fortaleza. Dessa maneira, a Rainha dos céus trazida pela *Dama Justiça* para morar entre as mulheres corrobora com sua imagem as virtudes femininas que embelezam as mulheres. Na narrativa, partindo da desconstrução do discurso antimisógino pelas *Dama Razão* e a *Dama Retidão*, a conclusão da Cidade resulta na intervenção da *Dama Justiça* se dirigindo às mulheres ilustres que devem habitar a *Cidade* com virtudes heroicas e nobres:

Minha cara, na verdade, vejo como trabalhaste bem, com muita força, dando o melhor de ti, para, com a ajuda das minhas irmãs, finalizar a construção da Cidade das Damas, que tu havias tão bem começado. É chegada a hora de providenciar, como te havia prometido, o que ainda resta a fazer, ou seja, trazer a excelentíssima Rainha, bem-aventurada entre todas as mulheres, para que ela resida, aqui na sua nobre suíte, governando e reinando esta cidade, onde será abrigada a grande multidão de nobres damas se sua corte e da sua mansão (PIZAN 212, p. 294).

O fio de Ariadne que nos leva a percorrer o labirinto do sonho e do fascínio da autora de edificar a fortaleza das mulheres é compreender que mediante a denúncia sobre a misoginia que é feita pela voz narrativa e as vozes antimisóginas é desqualificado o discurso misógino em *A Cidade das Damas*. Pizan na narrativa ao enaltecer a imagem feminina que foi dilacerada pelos homens, pretensamente depositários da autoridade e da verdade, relativos aos interesses do patriarcado, reivindicava o direito da mulher e do seu lugar social na sociedade francesa. Para tanto, empreende na narrativa a desconstrução da misoginia presente nas obras literárias e na história e lança o olhar feminino para reconstruir a história das mulheres.

Após publicar *A Cidade das Damas* (1405), Pizan escreve no mesmo ano o *Livre des Trois Vertus* (1405), publicado pela primeira vez em 1497 juntamente com outras edições. As duas obras formam um todo no tocante à tomada de consciência sobre a condição feminina ao defender as mulheres das difamações que elas sofriam por parte dos homens para educá-las de forma sábia:

A sua feminilidade tornou-se causa a defender. Não se lhe censurará as redundâncias pelas quais exprime esta tomada de consciência. A sua preocupação pelo governo ideal integra as mulheres e dá-lhes um lugar na sociedade. O *Livre des trois vertus* é-lhes consagrado: face à fragilidade das mulheres, Cristina deseja-se pedagoga. E é a primeira feminista das letras francesas que ouvimos aqui, pela afirmação de uma palavra que teve lugar no espaço público e que assume o ensino a dispensar às mulheres, suas irmãs (RÉGNIER-BOHLER, 1990, p. 530-531).

Inspirada em Eustache Deschamps (1346-1406), que publicou *L'art de Dictier*, Pizan começa a escrever. Sendo mestra nas formas fixas ao escrever elegantes poemas medievais, ela tornou-se uma escritora consagrada. Pizan dedica-se sabiamente à arte da pena. Visualizando-a no recôndito de seu escritório em Paris, retratando bem a solidão e o estado de viuvez, encontramos-la vivenciando um sentimento inconsolável pela perda prematura do marido que a marcou por toda a vida. A sua viuvez é retratada em uma de suas mais famosas *ballades*, uma vez que exprime a sua dor e solidão: “*Seullette suis, sans amis demeurée...*”



Destacamos aqui parte da primeira estrofe do poema: “Sozinha estou e sozinho quero estar, sozinho meu doce amor me deixou, sozinho estou, sem companheiro nem mestre<sup>18</sup>”. Os poemas que ela compõe falam dela mesma, de um solipsismo existencial, ou seja, um isolamento bastante significativo, que traduz decerto a melancolia e a falta de amparo que era comum às viúvas na sua época. Entretanto, ela muda seu destino, por ser uma mulher arrojada, torna-se um ser de possibilidades e começa a viver de seus trabalhos literários.

Depois de uma brilhante carreira de 29 anos como escritora, retirou-se da vida social. Como fazem os artistas de grande sensibilidade, Pizan procurou um exílio permanente para refugiar-se da vida banal. Nos últimos anos em 1422 decide viver no mosteiro de Poissy onde permanece até o final da vida em 1430. Para coroar sua obra, deixa-nos um último trabalho: *Le ditier de Jeanne d’Arc* (1429). Pizan sensibilizada pelas proezas gloriosas de Joana d’Arc (1412-1431) homenageia a donzela de Órleans com um poema. Este derradeiro trabalho vinha corroborar o que Pizan fizera desde então, isto é, elevar a autoestima das mulheres:

A luta contra a cultura misógina está presente desde *Épître au dieu d’amours*, ao seu último livro, *Le Ditié de Jeanne d’Arc*, escrito em 1429, um ano antes de sua morte. Obra louvável pela coragem em homenagear uma mulher, que venceu os limites da sua condição feminina, lutando contra as injustiças do seu tempo e que, por sua ousadia, foi acusada de bruxaria e jogada viva à fogueira, dois anos depois de receber a homenagem de Christine de Pizan. Sua obra foi a primeira e única feita a Jeanne d’Arc enquanto viva.” (CALADO, 2006, p.34).

Portanto, a figura da jovem Joana d’Arc contempla o exemplo da mulher heroína para inscrevê-la no rol das grandes guerreiras virtuosas. A jovem mártir violentamente condenada pela Inquisição e queimada viva, foi declarada santa séculos mais tarde pela Igreja Católica.

### 1.3 A alegoria e a cidade: o fascínio de Christine de Pizan em *A Cidade das Damas*

A Idade Média, no âmbito literário, foi fértil no uso que os autores fizeram das alegorias. As alegorias são muito utilizadas pelos filósofos e poetas no Medievo como um

---

<sup>18</sup> *Seulette suis et seulette veux être, seulette m’a mon doux ami laissiée, seulette suis, sans compagnon ni maître.* (PIZAN, Christine. In: LAGARDE; MICHARD, 2002, p. XXXIV). [Tradução nossa].

discurso literário sobre ideias por meio de imagens, ocultando aquilo que se quer dizer. Nessa concepção constatamos anteriormente no *Romance da Rosa* que a alegoria também aparece amiúde na literatura dos romances de cavalaria e nas cantigas de amor<sup>19</sup> quando o amor cortês era idealizado através da dama cortejada pelo cavaleiro.

A alegoria se manifesta no século XIII como representação da realidade, isto é, pelo realismo, retratando temas do dia a dia, e depois ganha força na arte religiosa com a pintura e as personificações sobre a vida dos santos. As alegorias medievais assumem um valor literário essencial para a construção do texto narrativo no Medievo. Encontramos também no Medievo a poesia lírica como didática nos poemas e nos romances de cavalaria sobre o amor cortês entre o cavaleiro e a dama a exemplo de *La Chanson de Roland* e *Tristan et Iseut*, do século XII.

O vínculo entre as alegorias e a literatura reside nas imagens e no texto ao serem retratadas pelas artes na literatura. Observamos essa relação, por exemplo, em *A Divina comédia* (séc. XIV), de Dante Alighieri (1265-1321), onde o autor retrata o Céu, o Inferno e o Purgatório. *A Divina Comédia* é uma obra didático-alegórica, pois em si mesma retrata o cotidiano e as vicissitudes da vida. Ela é didática porque possui um caráter educativo para o leitor, e alegórica porque o autor através dos símbolos materiais designa significados espirituais. Estes símbolos espirituais estavam atrelados à religião judaico-cristã e contextualiza à época do autor. Dessa maneira, a alegoria está fortemente presente em muitas pinturas medievais e renascentistas. As iluminuras medievais ganham o destaque especial com a tônica alegórica:

O gosto pelos detalhes concretos desenvolvido no final da Idade Média, nos direciona para uma outra forma de arte na qual o tema permanece alegórico, no entanto apenas o ornamento realista retém a atenção. Percebe-se essa evolução na iconografia. Evocamos há pouco os calendários nos quais as cenas são como uma alegoria, nos dias, meses e estações. Na obra *Les Très Riches Heures* do duque de Berry o tema e ambiente retratado nas iluminuras são bem alegóricos. Mas a arte parece já fundada sobre o único prazer de evocar um certo aspecto da vida cotidiana<sup>20</sup> (POIRION, 2013, n.p.).

<sup>19</sup> “As cantigas de amor são aquelas em que o trovador se dirige diretamente à dama amada, seguindo todo um rígido formalismo sentimental” (MASSINI-CAGLIARI, 2007, p. 3).

<sup>20</sup> Le goût pour les détails concrets, en se développant à la fin du Moyen Âge, nous achemine vers une autre forme d’art, où le sujet reste allégorique, mais où l’ornement réaliste retient seul l’attention. Cette évolution est sensible dans l’iconographie. Nous évoquons à l’instant les calendriers dont les scènes sont comme une allégorie dans jours, des mois, des saisons. Dans *Les Très Riches Heures* du duc de Berry, le sujet et le cadre des enluminures sont bien allégoriques. Mais l’art semble déjà fondé sur le seul plaisir d’évoquer un certain aspect de la vie quotidienne (POIRION, 2013, n.p.) [Tradução Nossa].

Consultando Hansen, etimologicamente “a alegoria (grego *allós* = outro; *agourein* = falar) diz *b* para significar *a*. A Retórica antiga assim a constitui, teorizando-a como modalidade de elocução, isto é, como *ornatus* ou ornamento do discurso.” Em outras palavras, a alegoria tem entre outras, a função de ornar o texto e na Idade Média torna-se uma maneira de entender a arte e a poesia além de ser uma estratégia na técnica do discurso e da narrativa:

Retomando definições de Aristóteles, Cícero e Quintiliano, entre muitos, Lausberg (1976, apud HANSEN, 1987, p. 1), assim a redefine: A alegoria é a metáfora continuada como tropo de pensamento, e consiste na substituição do pensamento em causa por outro pensamento, que está ligado, numa relação de semelhança, a esse mesmo pensamento (HANSEN, 1987, p. 1).

Como uma figura de linguagem usada desde a Antiguidade clássica, a alegoria foi tema de inúmeras discussões desde esse período partindo do século I da Era Cristã passando pelos Padres da Igreja medieval, pelos Renascentistas chegando até os poetas e escritores no Barroco. Para abordarmos o termo alegoria na perspectiva literária trazemos aqui o significado do mesmo de acordo com Massaud Moisés:

Etimologicamente, a alegoria consiste num discurso que faz entender outro, numa linguagem que oculta outra. Pondo de parte as divergências doutrinárias acerca do conceito preciso que o vocábulo encerra, podemos considerar a alegoria toda concretização, por meio de imagens, figuras e pessoas, de idéias, qualidades ou entidades abstratas. O aspecto material funcionaria como disfarce, dissimulação, ou revestimento, do aspecto moral, ideal ou ficcional. Visto que a narração constitui o expediente mais adequado à concretização do mundo abstrato, tem-se como certo que a alegoria implica sistematicamente um enredo teatral ou novelesco. E daí a impressão de equivaler a uma sequência logicamente ordenada de metáforas: o acordo entre o plano concreto e o plano abstrato processa-se minúcia a minúcia, elemento a elemento, e não em sua totalidade. (MOISÉS, 1982, p. 15).

Conforme a citação, a alegoria é um discurso de representação do mundo abstrato ou imaginário. Neste sentido, como recurso literário ela é uma linguagem oculta que disfarçaria uma outra imagem do contexto moral ou ficcional ou ideal na narrativa. Partindo da premissa de que a alegoria seja uma linguagem imagética, ela tem sua visualização no campo da abstração e da metáfora gerando o texto narrativo.

Em *A Cidade das Damas*, as alegorias revelam uma estratégia narrativa eleita pela voz narrativa para narrar a luta das mulheres medievais contra os ataques misóginos às mesmas.

---

As *Damas* alegóricas Razão, Retidão e Justiça argumentam e desarticulam o discurso misógino na narrativa ao se caracterizar como uma obra que possui o sentido metafórico enquanto alegoria e texto narrativo. As *Damas* alegóricas ao se personificarem assumem o posicionamento em prol da condição feminina ao dar voz às mulheres valorizando o sexo feminino, isto é, despertando a consciência das mulheres enquanto agentes de seu próprio destino e da inserção social. A verdade outrora outorgada aos homens pelo poder da escrita, condizia com o discurso misógino em defesa dos interesses do patriarcado para impor às mulheres os ditames sociais na “fragilidade” do seu sexo.

Sobre a narrativa em *A Cidade das Damas* constatamos dois aspectos: (1) as personagens centrais são personificações alegóricas das três *Damas*: a *Dama Razão*, a *Dama Justiça* e a *Dama Retidão*. (2) o diálogo antimisógino das três *Damas* com a narradora-personagem se desenvolve em consonância com a construção da Cidade a qual simboliza a fortaleza e a proteção feminina, tornando-se concretude através da obra literária caracterizado pelo eloquente diálogo das *Damas* com a narradora-personagem. A tônica do maravilhoso ganha evidência através das personagens ficcionais alegóricas em três *Damas* personificadas. A fantasia, o sonho, a alegoria, a utopia são os elementos do enredo na fascinante narrativa que irá defender o sexo feminino na fortaleza das mulheres.

A defesa do feminino em Pizan não se trata, a rigor, de sobrepujar a mulher em detrimento do homem, mas reivindicar conscientemente a igualdade dos sexos, com base nos mesmos direitos e oportunidades iguais. Esses valores são salvaguardados pela narradora a favor das mulheres; direito à educação, ao conhecimento, à vida pública. Em suma, o direito de ser mulher; favorecendo-as no que diz respeito à formação humanística e à participação ativa na sociedade.

Christine de Pizan em *Le livre du chemin de long estude* (1403), *Le livre de mutacion de fortune* (1403), e *L'avisio Christine* (1405), trata essencialmente nestas obras sobre uma explicação das forças que regem os destinos humanos. Mantendo a dialética de sua obra em *A Cidade das Damas* empreende o estilo alegórico, demonstrando pela narradora-personagem colocando-se, solicitamente, como discípula da *Dama Razão* a deixar-se guiar por ela para adentrar no mundo masculino dos autores e do conhecimento.

Em *A Cidade das Damas*, a *Dama Razão* é o epicentro do diálogo entre a narradora e as duas outras *Damas*. É ela que de comum acordo com as três *Damas* ergue os muros da Cidade ao cercá-la com sua proteção e inaugura com argumentos contundentes o discurso apologético em defesa do feminino:

De comum acordo, decidimos todas as três que eu fornecerei uma argamassa resistente e incorruptível, para que posas fazer fundações sólidas, e que possas levantar, em torno, grandes muros altos e espessos, com suas altas torres largas, com os bastiões e baluarte, como convém a uma cidade que deverá defender bem e por muito tempo. Como aconselharemos, lançarás com bastante profundidade as fundações, para que fiquem bem seguras, e levantarás, em seguida, os muros a uma altura tal que não temerão nenhum adversário (PIZAN, 2012, p. 68).

Ao ser assinalada a misoginia pela *Dama Razão* no Livro Primeiro, a narradora-personagem tem como tarefa denunciar os preconceitos misóginos oriundos da tradição filosófica e literária dos autores masculinos com os auxílios das outras duas *Damas*:

Que queres que te diga, cara filha? Acredito ter dado argumento suficiente para a defesa de minha tese, ou seja, ter provado a ti, pelas claras demonstrações e pelos exemplos, que Deus nunca condenou mais, nem condena, as mulheres do que os homens. Isso tu pudeste ver, claramente, e confirmarás com o que minhas duas irmãs, que estão aqui, irão te contar. Pois, ao que me parece, já fiz o bastante: levantei os muros de fechamento da *Cidade das Damas* e eles já se encontram secos e acabados. Agora, é a vez das minhas outras irmãs. Com a ajuda e conselho delas, irás terminar as construções, que restam a fazer (PIZAN, 2012, p. 165).

Para Pizan, implicitamente, a misoginia, reside na concepção machista de que o intelecto masculino detinha a supremacia biológica e moral sobre as mulheres. A posse da razão e da autoridade autoral conferia ao homem, *tout court*, a verdade masculina, de superioridade e de dominação sobre as mulheres, sob a égide do poder patriarcal ao longo da história.

O intuito de Christine de Pizan em escrever *A Cidade das Damas* como a Cidade habitada por mulheres é concebido sob uma concepção antiga no que diz respeito ao conceito de *civitas* nas civilizações clássicas e medievais. Esta concepção está respaldada também pela proteção divina da Cidade na narrativa para salvaguardar as mulheres. Para Pizan, *A Cidade das Damas* simboliza a fortaleza para as mulheres ordenada por Deus, bem murada, bem fortificada e protegida pelas três *Damas*:

Excelentes, honoráveis e reverendíssimas princesas da França e de todos os países, e todas as damas, senhoritas e mulheres de todas as condições, vós que amastes, que amais e que amareis a virtude e os bons costumes, vós do passado, do presente e que vireis, alegrai-vos todas e senti satisfação com nossa nova Cidade que, graças a Deus, já se encontra totalmente – ou na maior parte – construída com suas casas quase povoadas. Rendei graças a Deus que me guiou nesse grande labor: construir para vós um refúgio

honrado, uma cidade fortificada que vos servirá de morada eterna até o final dos tempos (PIZAN, 2012, p. 293).

As cidades medievais tinham como princípio a função de serem fortalezas, isto é, cidadelas que estavam preparadas para defender a população, quer seja com armamento bélico, soldados e jurisdição territorial próprios. Sobre as cidades na Antiguidade como Roma, Babilônia, Alexandria e na Idade Média (Marselha, Arles, Avinhão ou Montpellier), foram grandes centralizações do poder religioso, administrativo, político e econômico nas sociedades. “É um dos espetáculos mais cativantes da história a evolução de uma cidade na Idade Média: cidades mediterrâneas. Marselha, Arles, Avinhão ou Montpellier, rivalizando em audácia com as grandes cidades italianas pelo comércio (...)” (PERNOUD, 1997, p. 48). Era muito forte a idealização de cidade que se tinha nas sociedades antigas, sendo as cidades símbolos do poder e da beleza. Sobre o conceito de *civitas* constatamos *que* está atrelado à importância da família e sobretudo à autoridade masculina na vida privada, a saber, referendamos o seguinte:

Não poderíamos apreender melhor a importância desta base familiar que opondo, por exemplo, a sociedade medieval, composta de famílias, à sociedade antiga, composta de indivíduos. Nesta, o homem, *vir*, detém a primazia em tudo; na vida pública ele é o *civis*, o cidadão, que vota, que faz as leis e toma parte nos negócios de Estado; na vida privada, é *pater famílias*, o proprietário de um bem que lhe pertence pessoalmente, do qual é o único responsável e sobre o qual as suas atribuições são quase ilimitadas. Em parte alguma se vê a sua família ou a sua linhagem participando na sua atividade. A mulher e os filhos estão-lhe inteiramente submetidos e permanecem em relação a ele em estado de menoridade perpétua; tem sobre eles, como sobre os escravos ou sobre as propriedades, o *jus utendi et abutendi*, o poder de usar e abusar (PERNOUD, 1997, p. 15).

A narradora-personagem edifica a *Cidade* para proteger as mulheres, uma fortaleza na qual elas estariam salvaguardadas dos ataques misóginos. A *Dama Razão* exorta Christine em tom profético de sibila que a edificação da *Cidade* será inabalável o suficiente para não ser atacada pelos misóginos: “Mas, anuncio-te, como uma verdadeira sibila, que o edifício da Cidade que tens a tarefa de construir, e que edificarás, será bem mais forte” (PIZAN, 2012, p. 68).

Na Idade Média, segundo Marie-José Lemarchand (2000, p. 26), era muito recorrente escrever um livro associado às imagens, à poesia, à pintura e às alegorias. Sobre *A Cidade das Damas*, esta autora afirma que a cidade murada tornou-se texto e imagem: o livro seria igual

à cidade. Desse modo, *A Cidade das Damas* foi erguida para reconstruir a história das mulheres através do texto narrativo e da nova imagem feminina.

Para Lemarchand (2000, p.27), a palavra “cidade” tinha, para o homem medieval, um significado nobre e escatológico... A *civitas* por oposição à vila ou burgo. *Ut pictura poësis*, a cidade murada se fez texto e imagem. Desse modo, em *A Cidade das Damas* considerando o texto e a imagem, temos uma combinação que não se poder tomar de assalto:

A palavra cidade tinha, ademais, para o homem medieval um significado nobre e escatológico com todas as conotações derivadas da categoria de “urbe ideal” a *civitas* por oposição a “vila” ou “burgo”. E a palavra marcada pelo selo bíblico da *urbs beata Hierusalem*, a visão celeste do capítulo XXII do Apocalipse, contraposta à Babilônia demoníaca dos capítulos XVII e XVIII. Modelo de cidade fortificada, cujas portas se abrem ao último reduto paradisíaco, serviu por sua vez para cristianizar as descrições de cidades da Antiguidade tão presentes em *A Cidade das Damas*, e nas canções de gesta e na novela cortês. Chegou-se a essa idealização de recinto murado que já não se distingue na iconografia e modelo da Jerusalém celeste das fortificações de Roma, Cartago ou Tróia - cujas rainhas fundadoras encontramos no texto -nem tampouco as descrições das cidades da sua representação iconográfica: como o princípio retórico *Ut pictura poësis*, a cidade murada tornou-se texto e imagem<sup>21</sup>.

*A Cidade das Damas* é uma alegoria literária que desconstrói a imagem negativa da mulher caracterizada pelo pensamento misógino. Cada pedra, cada alicerce na edificação da fortaleza representa na Cidade uma mulher com prerrogativas para restaurar a dignidade e o valor do sexo feminino. Na narrativa, ao ser recontado o mito das Amazonas<sup>22</sup>, a *Dama Razão* revela à Christine, que a guerreira Semíramis seria a primeira pedra de um conjunto de outros exemplos femininos a povoar *A Cidade das Damas* na edificação da utópica fortaleza:

<sup>21</sup> La palabra "ciudad" tenía, además, para el hombre medieval un significado noble y escatológico, con todas las connotaciones derivadas de la categoría de "urbe ideal", la *civitas* por oposición a "villa" o "burgo". Es palabra marcada por el sello bíblico de la *urbs beata Hierusalem*, en la visión celeste del capítulo veintidós del Apocalipsis, contrapuesta a la Babilonia demoníaca de los capítulos diecisiete y dieciocho. Modelo de ciudad fortificada, cuyas puertas se abren al último reducto paradisíaco, sirvió a su vez para cristianizar las descripciones de ciudades de la Antigüedad -tan presentes en *La Ciudad de las Damas* - en los cantares de gesta y en la novela cortés". Se llegó a tal idealización de! recinto amurallado que ya no se distinguieron en la iconografía el modelo de la Jerusalén celeste de las fortificaciones de Roma, Cartago o Troya -cuyas reinas fundadoras encontraremos en el texto-, ni tampoco las descripciones de las ciudades de su representación iconográfica: según el principio retórico del *Ut pictura poësis*, la ciudad amurallada se hizo texto e imagen (LE MARCHAND, 2000, p. 27) [Tradução nossa].

<sup>22</sup> Segundo a lenda grega nação guerreira de mulheres dirigida por uma rainha, supostamente do Nordeste da Ásia Menor, com a qual teriam lutado diversos heróis (entre outros Hércules, Teseu e Aquiles). Apenas uma vez por ano as Amazonas mantinham relações com os homens, em face aos quais eram basicamente hostis, e só criavam as meninas. O seio direito era-lhes queimado ou cortado, para que não estorvasse ao estenderem o arco. Isso também explicava para os gregos o nome Amazonas como “sem peito”. – Hoje o conceito de Amazonas é usado como símbolo ou sinônimo de mulheres esportivamente ativas ou “emancipadas” (BECKER, 1999, p. 18).

Bela e cara amiga, agora que te preparei as grandes e profundas escavações, cavando toda a terra e carregando-a sobre meus próprios ombros, é hora de assentar as grandes e fortes pedras dos alicerces para construir as muralhas da Cidade das Damas. Pegue, então, a pá de tua pluma e prepara-te para construir e laborar com grande empenho. Aqui, está uma grande pedra que gostaria que fosse a primeira a ser assentada na fundação da tua Cidade. Pode-se ver, nos signos astrais, que Natureza a predestinou a ser colocada e incorporada a esta obra. Afasta-te um pouco e eu colocarei para ti esta primeira pedra. (PIZAN, 2012, p. 99).

Sobre a concepção da *Cidade das Damas* habitada exclusivamente por mulheres como uma cidade utópica e alegórica tomamos o termo *ginecosociedade* de Milagros Rivera. A sociedade exclusivamente povoada por mulheres marca a resistência feminina ao ser construída uma fortaleza para as mulheres livres da violência misógina. A *ginecosociedade* é caracterizada na *Cidade das Damas* pelo surgimento da autoconsciência feminina da narradora-personagem e do soerguimento da autoestima das mulheres. Em *A Cidade das Damas* podemos compreender que:

O processo parece à primeira vista inconexo, mas, no entanto, culmina em uma obra que demarca com precisão um espaço simbólico exclusivamente feminino, uma ginecosociedade simbólica e quimérica, *La Cité des Dames* de Christine de Pizan.<sup>23</sup>

Consideramos que *A Cidade das Damas*, é um espaço simbólico de resistência feminina ao poder patriarcal. Esta Cidade seria inexpugnável, ou seja, não poderia ser invadida ou violada por nada, pois as pedras erguidas nas construções de suas muralhas são as mulheres nobres e virtuosas protegidas pelas luzes das três *Damas* salvaguardando as mesmas da violência. Christine se queixa a Deus e lamenta por ter nascido mulher:

Ela [Christine de Pizan] se descreve mergulhada melancolicamente na leitura de um tratado hostil às mulheres quando surpreendentemente três Damas - Razão, Retidão e Justiça, lhe convidam para construir uma cidade fortificada na qual cada pedra será uma mulher dotada de talentos e de virtudes. O diálogo que ela instaura com as três Damas é sustentado de exemplos tirados da Antiguidade, da história santa e de seu próprio mundo.<sup>24</sup>

<sup>23</sup> El proceso parece, ya a primera vista, inconexo, pero, no obstante, culmina en una obra que demarca con precisión un espacio simbólico exclusivamente femenino, una ginecosociedad simbólica y quimérica, *La Cité des Dames* de Christine de Pizan. (MILAGROS RIVERA, 1999, p. 28). [Tradução nossa].

<sup>24</sup> Elle s'y dépeint plongée mélancoliquement dans la lecture d'un traité hostile aux femmes quand surviennent trois dames – Raison, Droiture e Justice - qui l'invitent à construire une ville fortifiée dont chaque pierre serait



Na construção da Cidade as pedras da misoginia que são entulhos de uma tradição hostil às mulheres são substituídas pelas pedras sólidas de *A Cidade das Damas*. A *Dama* alegórica Razão esclarece à Christine no que diz respeito as opiniões misóginas de alguns homens que condenam todas as mulheres de forma monstruosa e equivocada:

É uma coisa monstruosa, uma fraude, pois a própria natureza da mulher consiste em ser simples, comportada e honesta. Mas, posso te certificar de que não sou eu quem os leva a condenar todas as mulheres dessa maneira. Pois, como há muitas dignas, eles se enganam redondamente, como também todos aqueles que fazem menção a eles. Agora, pode rejeitar essas pedras sujas e grosseiras desse canteiro de obras, pois não terá serventia na construção da tua bela Cidade (PIZAN, 2012, p. 75).

As três *Damas* convidam Christine a erguer os muros da *Cidade* que agora estão associados à proteção das mulheres, isentas de qualquer difamação, uma fortificação bela, sólida e perene da Cidade das mulheres. As personagens alegóricas Razão, Retidão e Justiça no desenvolvimento do fascinante diálogo com a narradora guiam-na ao mundo do conhecimento e do saber ao campo das Letras. Na narrativa, nos três livros Christine mantém um colóquio particular com cada *Dama* alegórica sendo instruída sobre a defesa das mulheres e a edificação da fortaleza para o sexo feminino:

As personagens alegóricas não só representam a personificação das virtudes comuns e absolutas, senão que atuam também como vetoras da unidade estrutural. Cada um dos três livros que constituem *A Cidade das Damas* representa um diálogo de Christine com cada uma de suas mestras – as três damas alegóricas – as quais ela dirige uma série de perguntas que põem em relevo suas dúvidas e reflexões em torno da natureza das mulheres<sup>25</sup> (LLOBET, 1999, p. 38).

Constatamos através da história da literatura que a razão estava associada ao intelecto masculino uma vez que os homens a manipulavam, retoricamente, para se apropriarem e impor uma verdade. Entre a cidade, o texto, o corpo e a imagem, as *Damas* alegóricas possuem o sentido fundamental da personificação das virtudes em personagens centrais no

---

*une femme douée de talents et de vertus. Le dialogue qu'elle instaure avec les trois dames est étayé d'exemples tirés de l'Antiquité, de l'histoire sainte et de son propre monde* (PELLEGRIN, 2010, p. 8-9). [Tradução nossa].

<sup>25</sup> Los personajes alegóricos no sólo representan la personificación de las virtudes ordinales o absolutas, sino que actúan también como vectores de la unidad estructural. Cada uno de los tres libros que constituye la Ciudad de las Damas representa un diálogo de Christine con cada una de sus maestras – las tres damas alegóricas – en los que ella plantea una serie de preguntas que ponen de relieve sus dudas y reflexiones en torno a la verdadera naturaleza de las mujeres (LLOBET, 1999, p. 38).

enredo, isto é, as três *Damas Razão, Retidão e Justiça* de caráter divino, são virtudes universais que estabelecem o processo de conscientização feminina, da restauração da dignidade das mulheres, de sua natureza e da construção da imagem intelectual da autora.

A *Cidade das Damas* é uma narrativa sob um discurso alegórico com o propósito de construir um espaço utópico de representação para proteger as mulheres da violência misógina dos homens no Medievo. Essa construção binária, ou seja, a alegoria e a utopia, fortalece na narrativa a ideia do conceito de *civitas*, na edificação das cidades das mulheres. Verificamos que as cidades na Antiguidade e no Medievo eram administradas e governadas, por homens e não por mulheres, caracterizando, dessa maneira, historicamente, a ausência das mulheres no governo das cidades e também negando a visibilidade delas no âmbito social. Pizan é a escolhida para a realização da construção da Cidade que será habitada por mulheres nobres e louváveis, tais mulheres serão as habitantes e administradoras da *Cidade das Damas*:

Mas, é chegada a hora de retirar essa causa justa das mãos dos Faraós, e é por isso que nos vês aqui, nós, as três damas, que movidas pela piedade, viemos anunciar-te a construção de um edifício, construído como uma cidade fortificada, com excelentes fundamentos. Foste tu a escolhida para realizar, com nossa ajuda e conselhos, tal construção, onde habitarão todas as damas de renome, e mulheres louváveis, uma vez que os muros de nossa cidade serão fechados a todas aquelas desprovidas de virtudes (PIZAN, 2012, p. 66).

Sobre o conceito de cidade, Platão na Antiguidade e Santo Agostinho no Medievo, ambos utilizaram a utopia para descreverem a cidade ideal que queriam e como ela deveria se realizar enquanto espaço urbano e/ou místico. “A visualização da cidade imaginária, em forma de cidade ideal, foi criada por Platão em *A República*, como expressão de uma utopia política, e por Santo Agostinho em *De civitate dei*, como construção imaginária da representação cristã”<sup>26</sup> (LLOBET, 1999, p. 35). Thomas More, ao escrever *Utopia* (1516), decerto que também se inspirou nos filósofos antigos visando construir a concepção de uma cidade idealizada ou de difícil existência ou sobrevivência:

Thomas More deu esse nome a uma espécie de romance filosófico (*De optimo reipublicae statu deque nova insula Utopia*, 1516), no qual relatava as condições de vida humana numa ilha desconhecida denominada Utopia: nela teriam sido abolidas a propriedade privada e a intolerância religiosa.

---

<sup>26</sup> La visualización de la ciudad imaginaria, en forma de ciudad ideal, fue creada por Platón en *La República*, como expresión de una utopia política, y por San Agustín en *De civitate dei*, como constructo imaginario de la representación cristiana. (LLOBET, 1999, p. 35). [Tradução nossa].

Depois disso, esse termo passou a designar não só qualquer tentativa análoga, tanto superior quanto posterior (como a *República* de Platão ou a *Cidade do sol* de Campanella), mas também qualquer ideal político, social ou religioso de realização difícil ou impossível (ABBAGNANO, 2012, p. 1173).

Para Pizan, o que ela pretende e deseja é criar um espaço urbano para as mulheres livres dos ataques misóginos, ou seja, uma tática de resistência feminina e enfrentamento obviamente em oposição ao poder opressor dos homens em relação às mulheres. Este intuito se concretiza como fora discutido acima na construção binária da alegoria e da cidade na narrativa:

A reconstrução mítica do espaço urbano que cria Christine de Pizan em sua cidade de mulheres responde, pois, a um mundo utópico fechado, porque é a manifestação de um ideal completo, absoluto e harmonioso. Ética e estética se conjugam, pois, plenamente na vida da *cit  * através do mito e da alegoria como contrapartida a tantas cidades criadas por homens no caos, na guerra e na avidez <sup>27</sup>(LLOBET, 1999, p. 36)<sup>28</sup>

Para Pizan, o que é importante em *A Cidade das Damas*    dar voz ao sexo feminino através da literatura e transmitir a coragem e o discernimento às mulheres reivindicando o direito e a justiça na igualdade dos sexos na sociedade de seu tempo. Pizan através do conhecimento e do estudo que possuía como privilégio de pouquíssimas mulheres de seu tempo deu voz às mulheres através da inteligência e da sagacidade que possuía. Ter acesso ao conhecimento das doutrinas morais e da virtude é algo que daria dignidade às mulheres na sociedade. A Cidade utópica das mulheres é o espaço ideal governado por mulheres que as salvaguardariam dos ataques misóginos:

*O Livro da Cidade das Damas* se situa em um espaço político exclusivamente governado por mulheres, um espaço físico e simbólico simultaneamente que representaria alegoricamente o estabelecimento de uma ordem pré-existente na antiguidade do matriarcado, e que Ursula Le Guin tinha denominado uma *ginecotopia* ou *ginetopia*, isto é, um lugar habitado e regido por mulheres que não    utopia porque significa “n  o lugar”. Christine de Pizan cria um novo espaço, a cidade das damas, e um novo g  nero literário, a *ginecotopia*, e ambos g  nero e espaço, servem para construir uma

---

<sup>27</sup> *La reconstrucción mítica del espacio urbano que crea Christine de Pizan en su ciudad de mujeres responde, pues, a un mundo utópico cerrado, porque es la manifestación de un ideal completo, absoluto y armónico.   tica y est  tica se conjugan, pues, plenamente en la vida de la cit   a través del mito y de la alegoría como contrapartida a tantas ciudades creadas por hombres en el caos, la guerra y el hambre* (LLOBET, 1999, p. 36). [Tradu  o nossa].

genealogia de mulheres e para torná-las visíveis em uma sociedade que as marginalizaram e as vituperaram <sup>29</sup>(LLOBET, 1999, p. 36).

Em *A Cidade das Damas* é escrita a outra genealogia das mulheres, uma nova história de reconstrução do lugar social e político através da esfera do saber, da inteligência e da dignidade femininas. Por sua vez, Pizan guiará as mulheres e convocará todas aquelas que quiserem ser educadas e instruídas para habitar sua *Cidade* fortificada a deleitarem-se e a enriquecerem-se com as virtudes que nela residem.

---

<sup>29</sup> *Le Livre da La Cité des Dames se ubica en un espacio político exclusivamente gobernado por mujeres, un espacio físico y simbólico simultáneamente, que representaría alegóricamente el restablecimiento de un orden pre-existente en la antigüedad del matriarcado y que Ursula Le Guin ha denominado una ginecotopia o ginetopia, esto es, un lugar habitado y regido por mujeres que no es utopía porque utopía significa “no lugar”. Christine de Pizan crea un nuevo espacio, la ciudad de las damas, y un nuevo género literario, la ginecotopia, y ambos, género y espacio, le sirven para construir una genealogía de mujeres y para hacerlas visibles a una sociedad que las marginado y vituperado* (LLOBET, 1999, p. 36)

## CAPÍTULO 2: MISOGINIA E AUTORIA FEMININA NO MEDIEVO

No final, cheguei à conclusão de que, criando a mulher, Deus tinha feito uma coisa bastante vil. Espantava-me, assim, que um artesão tão digno pudesse ter realizado uma obra tão abominável, na qual, segundo a opinião daqueles autores, residiam todos os males vícios. Completamente absorpta por essas reflexões, fui inundada pelo desgosto e pela consternação, desprezando-me a mim mesma e a todo o sexo feminino, como se tivéssemos sido geradas monstros pela natureza. (PIZAN, 2012, p, 60).

### 2.1 O florescimento da produção literária feminina no Medievo

Afirmamos que *A Cidade das Damas* no Medievo estabelece a formação de uma protoconsciência feminina que antecede as questões de Gênero na literatura na Contemporaneidade, ou seja, uma obra literária que pela primeira vez trata da condição feminina. Esta consciência designa o valor da mulher enquanto ser social e pensante e torna-se manifesto quando na narrativa a narradora-personagem reivindica para as mulheres o direito feminino da igualdade na diferença: o acesso das mulheres à educação e ao conhecimento. As mulheres na história foram vítimas da hostilidade masculina que foi praticada em torno da sua suposta natureza propensa ao mal ao serem consideradas inferiores ao homem. Os homens elaboravam um discurso mediante normas e conselhos colocando as mulheres em estado de subserviência e docilidade ao curvarem-se aos ditames patriarcais:

Não sei em que medida as mulheres do Ocidente medieval se mantiveram quietas e silenciosas entre as paredes das casas, das igrejas e dos conventos, ouvindo homens industriais e eloquentes que lhes propunham preceitos e conselhos de toda a espécie. Os sermões dos pregadores, os conselhos paternos, os avisos dos diretores espirituais, as ordens dos maridos, as proibições dos confessores, por mais eficazes e respeitáveis que tenham sido, nunca nos restituirão a realidade das mulheres às quais se dirigiam, mas com toda a certeza faziam parte dessa realidade: as mulheres deveriam conviver com as palavras daqueles homens a quem uma determinada organização social e uma ideologia muito definida tinham entregue o governo dos corpos e das almas femininas. Uma parte da história das mulheres passa também pela história daquelas palavras que as mulheres ouviram ser-lhes dirigidas, por vezes com arrogância expedita, outras vezes com carinhosa afabilidade, em qualquer caso com preocupada insistência (CASAGRANDE, 1990, p. 99).

Estar sob custódia, segundo Casagrande, forçava a mulher na época feudal, a submeter-se às rédeas da dominação masculina. A linguagem dominada pela sociedade clerical ditava normas, regras, ordenando um discurso de dominação sobre a mulher, que ora admoestava-as através de conselhos e normas, ora impunha a ordem e a cega obediência. Desse modo, o monopólio masculino do saber estava nas mãos da Igreja como detentora do poder intelectual, espiritual e social. As cabeças pensantes estavam nos mosteiros, nos claustros, portanto eram os monges e clérigos que deveriam nortear os destinos da humanidade, além de ditar as normas e a conduta moral do povo:

A mulher medieval se preparava para o cuidado das tarefas domésticas como fazer o pão, lavar, coser, fiar, tecer, etc. e se tentava mantê-la afastada dos livros e das armas, porque isso era, obviamente, coisa de varões, transgressão de difícil encaixe, ato impudico em alguns setores. Assim se observava que o homem se definia por sua atividade produtiva, pela razão, o *logos* intelectual, uma vez que pensadores, religiosos, sábios teólogos e filósofos se empenharam em criar uma contrapartida passiva, receptiva e frágil na figura da mulher, determinada por seu papel sexual de reprodutora<sup>30</sup> (LLOBET, 1999, p. 21).

No que diz respeito à mulher na Idade Média, ela foi retratada por estereótipos, sobretudo nas artes e na literatura. A mulher nos romances de cavalaria é uma sáfide, corpo e rosto formosos, exaltando a medida áurea da perfeição da arquitetura grega:

Pura ou perversa, ridicularizada ou adulada, a mulher domina na Idade Média as letras francesas, como domina a sociedade. É ela que inspira as canções, que anima os heróis dos romances que faz suspirar ou comoverem-se os trovadores dedicam-lhes os versos; para ela compõem belos manuscritos ricamente iluminado. Ela é o sol, a rima e a razão de toda a poesia (PERNOUD, 1997, p. 120).

Nesse sentido da semidivinização da mulher, segundo a narração bíblica, encontramos a figura privilegiada da Virgem Maria em oposição à Eva pecadora que fez cair o homem do jardim do Éden. Podemos observar, por exemplo, nas iluminuras dos romances de cavalaria

---

<sup>30</sup> *A la mujer medieval se la preparaba para el cuidado de tareas domésticas como hacer el pan, lavar, coser, hilar, tejer, etc. y se intentaba mantenerla, alejada de los libros y de las armas, porque eso era, obviamente, cosa de varones, transgresión de difícil encaje, acto impúdico en algunos sectores. Así puede observarse que al hombre se le defiera por su actividad productiva, por la razón o el logos intelectual, a la par que pensadores, predicadores, sabios teólogos y filósofos se empeñaban en crear una contrapartida pasiva, receptiva y frágil en la figura de la mujer, determinada por su papel sexual de reproductora* (LLOBET, 1999, p. 21). [Tradução nossa].

da literatura francesa, a exemplo de Tristão e Isolda, o Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda, além dos manuscritos sobre as passagens bíblicas o uso das iluminuras no medievo:

E, para realçar a delicadeza de semelhantes quadros, soube-se na Idade Média, fazer ressair, melhor do que em qualquer outra época, o duplo aspecto do eterno feminino: ao lado da Virgem, da mulher respeitada, honrada, aquela pela qual se morre de amor, e de quem só se aproxima tremendo, há Eva, a tentadora. Eva por quem o mundo foi perdido. Contistas, poetas, autores de fabulários, não lhe poupam os sarcasmos. (PERNOUD, 1997, p. 118).

Verificamos desde os tempos mais remotos, a figura de Hipátia de Alexandria (350-415) e Safo (séc. VII a. C.) na Antiguidade; Rotsvita de Gandersheim (c. 935 - c. 973/1002), Hildegarda de Bingen (1098-1179), as cartas de Heloísa (1090-1164), para Pedro Abelardo (1079-1142), Marguerite Porete (1250-1310), e Santa Catarina de Siena (1347-1380) na Idade Média, estas mulheres-escritoras nos comprovam que as mulheres de fato tiveram espaço na literatura, elas existiram enquanto escritoras e deram sua contribuição para a história nos tempos pretéritos.

O ocultamento sobre a existência dessas mulheres e de suas obras é promovido pelo poder androcêntrico e disseminado pela misoginia. Consultando o *Dicionário Básico de Filosofia* (2008, p. 189), de Marcondes e Japiassú, a etimologia da palavra misoginia advém do grego: *mysos*, que significa ódio, aversão; e *gyné* que significa mulher. Em suma, atitude ou comportamento de antipatia, aversão ou ódio em relação às mulheres. Este termo ganhou um caráter depreciativo e difamatório acerca das mulheres.

A misoginia presente na historiografia de algumas obras de autoria masculina corroborando o cânone literário que por sua vez hostilizava as mulheres na tradição literária. No que diz respeito à Filosofia, estranhamente, percebemos o silenciamento enigmático das mulheres escritoras não fazendo menção no cânone filosófico das obras de autoria feminina quer seja na Antiguidade ou no Medievo.

Na Antiguidade, encontramos Safo poetisa grega que teria nascido na Ilha de Lesbos por volta de 630 a.C. vivendo parte de sua vida na cidade de Mitilene na mesma Ilha. Ela tornou-se um marco feminino no mundo antigo pela originalidade da sua produção lírica. Hipátia de Alexandria teria sido a primeira astrônoma na Antiguidade clássica a produzir e tornar públicas suas teses. Estas mulheres na Antiguidade, historicamente, já demarcavam espaço na autoria feminina escrevendo suas obras antes ou depois do cristianismo.

Rotsvita de Gandersheim de família abastada teve uma educação privilegiada. Ela é considerada a primeira mulher no Medievo a escrever peças teatrais na Europa do século X. “Naturalmente, Hroswitha entrou para um convento para fazer alguma coisa com seu saber – ou com sua inclinação para a liderança. Aos 23 anos, ela ingressou na abadia beneditina, em Gandersheim, Alemanha (LÉON, 1998, p. 194). Além de escrever dramas e lendas, foi autora de comédias romanas clássicas de Públio Terêncio Afro (Cartago, ca. 195 a.C.-185 a.C. - Lago Estínfalo, ca. 159 a.C.) dramaturgo e poeta romano:

Não é por acaso que a imensa maioria das mulheres dotadas de personalidade vincada são monjas: depois de Radegunda, inspiradora, amiga e comitente de Venâncio Fortunato, podemos mencionar, ainda, na primeira metade do século X, Rotsvita, não só conhecedora de Terêncio, mas também cronista e historiadora da sua época: de facto escreveu *os Primordia Coenobi Gandershemensis* e o *Carmen de gestis Oddonis* (PIPONNIER, 1990, p. 500).

Heloísa, na Idade Média, impressiona pela ousadia e inteligência em suas famosas cartas a Pedro Abelardo. “Aos 17 anos, esse brilhante intelectual parisiense começou a estudar filosofia com Pedro Abelardo, com o dobro de sua idade e o mais célebre teólogo da França do século XII” (LÉON, 1998, p. 106). Dessa ligação entre a jovem e o filósofo originou-se um romance proibido execrado na época pelas normas moralistas da Igreja e que resultou numa das histórias de amor mais conhecidas da época medieval:

Étienne Gilson dedicou-se a compreender as epístolas de Heloísa ao mestre Abelardo e reconheceu nelas uma autoria e uma dignidade intelectual até então obscurecidas pela difamação desta mulher na vida daquele pensador. Ele aparece nos compêndios de filosofia medieval, ela não. A formulação do problema hermenêutico das epístolas de Heloísa a Abelardo, feita por Gilson, bem que poderia orientar uma investigação filosófica de Christine de Pizan: “Antes de encontrar uma fórmula para definir a Idade Média, seria preciso encontrar uma para definir Heloísa” (WUENSCH, 2012, p.4).

Vamos encontrar nos mosteiros e conventos da Idade Média no século XII espaços legítimos que deram às mulheres respaldo na produção intelectual nos quais elas poderiam fomentar o cultivo às palavras, à meditação e à reflexão. As mulheres estavam sempre sob o olhar de censura dos clérigos, pois os homens possuíam o monopólio do saber e as mulheres deviam observar normas, regras e seguir passivamente os conselhos que eram impostos a elas. Olhando por outro prisma, os muros dos claustros de alguma forma permitiram às mulheres



que elas escrevessem. Nessa época, surge, por exemplo, Hildegarda de Bingen, uma mística alemã que escrevia tratados de medicina e de botânica:

Em geral, as comunidades religiosas da época eram espaços de educação e convivência onde se cultivava um modo de vida favorável à produção intelectual das mulheres. Algumas autoras medievais são mais conhecidas do que outras. Régine Pernoud pesquisou, por exemplo, o fenómeno Hildegarda de Bingen, uma pensadora monástica alemã, autorizada a escrever pelo próprio papa Eugénio II. Sua obra, com traços neoplatônicos, se estende da botânica à metafísica, passando pela música, pintura, medicina, astronomia, cosmologia, teologia (WUENSCH, 2012, p.4).

Apesar de o século XIII ter sido uma época em que aumentou a produção escrita de autoria feminina como é o caso das monjas nos mosteiros, além das mulheres abastadas por fazerem parte da nobreza passaram a participar dos acontecimentos sociais e religiosos, contrariamente a isso, a mulher ainda estava custodiada sob poder masculino através da hegemonia do patriarcado apesar de obterem uma visibilidade importante na Alta Idade Média:

Mas mesmo assim as mulheres continuam a ser dominadas pela hegemonia masculina, não só no domínio cultural como em todos os domínios sociais; a sua vivência quotidiana deve ainda – e mesmo para além das fronteiras da Idade Média – ser interpretada à luz da idealização e do desprezo masculinos. Os seus desejos e ideais só podem frequentemente ser descortinados por detrás dos véus da tutela e da regulamentação impostas pelos seus pais, maridos e confessores, sendo os seus actos ainda limitados pelas normas da sociedade e pelo controlo social (OPITZ, 1990, p.354).

Além disto, tínhamos a existência das beguinhas, que eram mulheres leigas, porém devotas e místicas, mas que não eram vinculadas a votos monásticos embora exercessem a caridade e praticassem a ascese espiritual como estilo de vida cristã. Estas mulheres religiosas viviam nos beguinários, principalmente na Bélgica durante o Medievo. Estes beguinários se proliferaram na Europa no século XIII influenciando a religiosidade popular. Muitas beguinhas escreveram, e publicaram suas obras no Medievo:

Embora algumas beguinhas vivessem comunitariamente em redutos por toda a França, Alemanha, e Bélgica, não faziam parte da infra-estrutura clerical católica. Esse movimento religioso só de mulheres começou no século XIII por dois motivos. Aquelas que queriam seguir Cristo trabalhando entre os doentes e pobres achavam que a vida das freiras estava ficando muito macia; as beguinhas desejavam vida mais útil. Também havia a questão do dote: era muito caro entrar para um convento – qualquer convento. E, mesmo assim, havia listas de espera para ingresso. Com as beguinhas, entrava-se independentemente das circunstâncias económicas. Por não serem parte

oficial da Igreja, os bispos e papas, muito nervosos, examinavam os atos das beguinhas, na esperança de apanhá-las em erro doutrinário – ou heresia (LÉON, 1997, p. 168).

A relação social dos beguinários com a Igreja Católica ocasionou inúmeros conflitos e entraves, sobretudo em relação às obras de algumas escritoras. Pela liberdade que tinham diferente das demais mulheres as beguinhas tornaram-se uma ameaça para os homens no que diz respeito à autoridade patriarcal quando algumas delas questionavam as atitudes e os maus hábitos dos homens de Igreja desafiando a autoridade clerical com fortes argumentos.

Marguerite Porete no Medievo entrou para as fileiras das beguinhas e realizou importantes trabalhos comunitários pregando e traduzindo a bíblia para o francês. Teve uma contribuição intelectual importante na literatura mística ao escrever e publicar *O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*, obtendo circulação por toda a França no século XIII. Nesta obra, a narradora traça o itinerário que a alma deveria seguir para alcançar a comunhão com Deus através de estágios ascéticos sem necessidade de sermões ou sacramentos institucionalizados. A obra deflagrou imenso perigo para Marguerite Porete causando escândalo entre os clérigos e, conseqüentemente, arrastando-a para a condenação. Na abertura desta obra na terceira e quarta estrofes do poema ela desafia as autoridades dos homens de Igreja questionando a falta de humildade dos padres:

Teólogos e outros clérigos/Aqui não tereis o entendimento/Ainda que tenhais as idéias claras/Se não procederdes humildemente;/E que Amor e Fé conjuntamente/Vos façam suplantar a Razão, / Pois são as damas da mansão/ A própria razão nos dá testemunho / no capítulo XII desse livro. E disso não se envergonha/, / que Amor e Fé a fazem viver/ e delas não se libera, /Pois são suas senhoras, / que humilde a fazem ser. (PORETE, 2008, n.p.).

Por estes versos presentes no seu pensamento místico na apresentação de sua única obra, Marguerite Porete foi perseguida pela Inquisição, julgada em 1310 e depois queimada viva por heresia e bruxaria. Ademais, culpada por misticismo herético. Percebe-se que nos versos a autora exorta que sem a humildade não se pode chegar ao conhecimento da Razão. Amor, Fé e Razão são as damas da mansão, isto é, na obra de Porete são figuras femininas, personagens e interlocutoras que dialogam com outros personagens no livro e que vão entrar no enlace místico.

Em outras palavras, vemos claramente o papel que tinha a “*ratio*” na Idade Média como uma estratégia feminista da narradora para desestabilizar a autoridade masculina que estava associada ao intelecto masculino em detrimento da mulher que era definitivamente

desprovida da razão. O tema do amor é decisivo em Porete e torna-se central na sua obra, designando o caminho místico da alma desligando-se dos vínculos humanos e corporais que impediam de unir-se a Deus:

A autora junta a linguagem do amor cortês, transformada pelas beguinhas místicas do século XIII numa linguagem de êxtase, com os paradoxos apofáticos da união mística” o itinerário espiritual da alma e o processo da apófase do desejo são defendidos pelos dois personagens centrais, o Amor, e a Alma, tendo como antagonista a Razão (TEIXEIRA, 2008, p. 23).

Santa Catarina de Sena embora tenha aprendido a ler tarde, teve ligada à sua vida a existência dos *caterinatis*, ou seja, religiosos que escreveram centenas de cartas ditadas por ela mesma. Catarina, a rigor, é considerada autora de obras místicas e cartas políticas direcionadas a líderes mundiais. Foi declarada Doutora da Igreja no século XX pelo Papa Paulo VI. A sua mística e a audaciosa autoridade espiritual a fez escrever cartas espirituais e políticas destinadas aos nobres e ao papado da época tendo sua voz ocasionado uma enorme influência na história de seu tempo evidenciando a voz feminina na sociedade feudal:

A Catarina de Siena (1347-1380), a santa ligada à ordem dominicana, interlocutora de pontífices, se atribui precisamente a tripla auréola, ou a coroa: além de virgem e mártir (pelos sofrimentos padecidos e as tentações vencidas), ela é também “pregadora”, aniquilando a proibição paulina que pretende a mulher silenciosa em público (PIPONIER, 1990, p. 505).

Pela biografia das mulheres-escritoras mencionadas constatamos que, ao serem registrados muitas das vezes momentos penosos e de profunda injustiça contra a vida delas, a sociedade medieval tem indelevelmente a força do patriarcado, isto é, uma sociedade dominada por homens que vitimavam as mulheres. Essa égide do poder opressor masculino perdurou alguns séculos no Medievo quando a misoginia sempre oscilou em ondas, ora mais impetuosas, ora mais leves. Para a mulher, assinalamos três séculos de considerável visibilidade para a produção intelectual feminina. São os anos de 1000 a 1300. Averiguamos que no final da Idade Média entre 1400 a 1500 foi promovido o silenciamento das vozes femininas no que diz respeito à produção de mulheres-escritoras na literatura medieval.

Encontramos mulheres médicas e sábias até meados do século XIII na Europa exercendo a medicina por possuírem conhecimentos específicos. Por exemplo, Jaqueline (Jacobina) Félice de Alamania em 1322 foi perseguida pela Igreja e condenada por exercer ilegalmente o ofício de prescrever emplastros. Com o surgimento das Universidades na Idade Média, a Universidade de Paris, a mais importante de domínio eclesiástico, proibiu as

mulheres de estudarem e/ou de exercerem qualquer cargo importante negando-lhes o direito do acesso ao conhecimento. Na Universidade de Paris, à época, observamos a passagem das obras de Platão na Patrística, para os estudos das obras de Aristóteles com o advento da Escolástica a partir da influência de São Tomás de Aquino (1225-1274) na teologia. Consequentemente, as mulheres excluídas desses espaços masculinos não se preparavam para a vida pública nem profissional:

Solteira, médica, filha de uma família rica de Florença, Jacobina Felice acabou em Paris. O clima social, talvez? Nada disso! - a Paris do século XIV conviviam com a falta de médicas. Doutores formados pela universidade queriam fazer da profissão e sua remuneração um clube fechado; no início de 1220, a lei francesa só permitia que membros da faculdade de medicina exercessem o ofício, e desnecessário é dizer, recusava a admissão de mulheres (LÉON, 1997, p.96).

Desse modo, constatamos que a produção intelectual feminina foi forçosamente ocultada e/ou negligenciada pela força do patriarcado e da dominação masculina na história das mulheres. O discurso androcêntrico se propagava pela forte misoginia oriunda da tradição judaico-cristã e da discriminação da mulher na Antiguidade e no Medievo. A Filosofia, a Teologia e a Literatura hostilizavam o sexo feminino e o colocavam no patíbulo, condenando aquelas por terem nascido mulheres.

Remontando-nos à história, constatamos que falar de Renascimento para as mulheres é um grande salto qualitativo na história das mulheres-escritoras. “Num artigo tido a justo título como modelo do olhar crítico feminista, a historiadora americana Joan Kelly punha em 1977 a seguinte questão: “Tiveram as mulheres um renascimento?”<sup>31</sup> (DUBY; PERROT, 1990, p. 14). A misoginia se reveste sob um prisma pejorativo e degradante para as mulheres advindo da força do patriarcado que ocultou as obras de autoria feminina ou as deixou caírem no esquecimento:

Seríamos tentados a ver nas fontes de que dispõem os medievalistas a origem das dificuldades que encontram quando procuram estabelecer uma história própria e uma cronologia específica para as mulheres. A Idade Média mostra-se escassa não apenas em confidências e em histórias de vida, mas também em informações homogêneas, aquelas que uma burocracia acumula e repete sem se cansar (DUBY; PERROT, 1990, p. 14).

---

<sup>31</sup> Joan Kelly-Gadol, “*Did women have a renaissance?*” in *Becoming Visible: Women in European History*, Renate Bridenthal e Claudia Koonz eds., Boston: Houghton Mifflin Co., 1977; nova ed. 1988, P 137-164; reimp. Em Kelly, *Women, history, and theory*, P. 19-50.

A mudança do cenário hostil às mulheres que foi caracterizado pelo silenciamento e ocultamento das vozes de mulheres-escritoras é suplantada quando uma mulher ousa a defender o seu sexo. “A verdadeira ‘querela das mulheres’, acaba de nascer: uma mulher envolve-se nela. Isto passa-se por volta de 1400, quando o renascimento se anuncia no declínio da Idade Média” (KAPLISCH-ZUBER, 1990, p. 9). É no final da Idade Média e no início do Renascimento que surge uma época extraordinária para as mulheres.

No século XV, surge Christine de Pizan como uma mulher perspicaz e sensível que foi capaz de denunciar a aviltante condição feminina representada na literatura misógina do Medievo. Pela sua ousadia nos faz repensar a história diferentemente daquilo que foi transmitido na tradição literária nas obras dos autores masculinos predicando hostilidades e aviltamentos em relação às mulheres, em suma: a misoginia. Referendamos o surgimento de Christine de Pizan na querela das mulheres e o que aconteceu de extraordinário com as reflexões da autora acerca dos escritores e da literatura medieval misógina:

À aurora do século XV, uma nova paisagem então se configura. Pela primeira vez (parece), a misoginia dos intelectuais foi identificada, e denunciada pelo que ela representa: uma mistura de pretensão, de desprezo e de ideias preconcebidas, que nada têm de natural nem de essencialmente masculino, mas cujo objetivo é manter a dominação dos homens sobre as mulheres. Pela primeira vez foi enunciada uma verdade que desde séculos de pseudorraciocínios e de proposições licenciosas tinham tentado ocultar: é o costume, e não a natureza, que é a origem da inferioridade das mulheres. Pela primeira vez, uma mulher ousou contestar a supremacia dos intelectuais se situando sobre o que eles estimam ser seu terreno: a argumentação, a história; usando do que eles dizem serem as mulheres desprovidas: a razão (VIENNOT, 2004, p. 48).<sup>32</sup>

Conforme Viennot (2004, p. 47), “é nessa atmosfera hostil que Christine de Pizan toma a palavra no extremo final do século XIV<sup>33</sup>”. Pizan insurge-se contra a misoginia denunciando a violência contra as mulheres através da literatura. O seu pensamento é primordial para compreendermos através dos Estudos de Gênero na Contemporaneidade a

<sup>32</sup> À l’aube du XV siècle, un nouveau paysage se dessine donc. Pour la première fois (semble-t-il) la misogynie des intellectuelles a été identifiée, et dénoncée pour ce qu’elle est: un mélange de prétention, de mépris et d’idées reçues, qui n’a rien de naturel ni d’essentiellement masculin, mais dont le but est de maintenir la domination des hommes sur les femmes. Pour la première fois a été énoncée une vérité que des siècles de faux raisonnements et de gauloseries avaient tenté d’occulter; c’est la coutume, et non la nature, qui est à l’origine de l’infériorité des femmes. Pour la première fois, une femme a osé contester la suprémacie des intellectuels en se situant sur ce qu’ils estiment leur terrain: l’argumentation, l’histoire; en usant de ce dont ils disent les femmes dépourvues: la raison (VIENNOT, 2004, p. 48). [Tradução nossa].

<sup>33</sup> C’est dans cette atmosphère hostile que Christine de Pizan prend la parole à l’extrême fin du XIV<sup>e</sup> siècle (VIENNOT, 2004, p. 47). [Tradução nossa].

questão da mulher, pois ela concebeu a essência do feminismo ao reivindicar o direito das mulheres à educação em pé de igualdade com os homens. Nesse sentido, a educação pode tirar a mulher do fosso social em que ela vivia e conferir dignidade ao feminino pelo viés da Razão.

A partir das experiências vividas no mundo de predominância masculina, Pizan lança um olhar sobre a história das mulheres e procura desconstruir a imagem preconceituosa que se criou em torno do sexo feminino. Dessa maneira, na narrativa, a *Dama Razão* justifica com exemplos a potencialidade feminina enquanto ser humano:

Filha, por tudo que te disse anteriormente, podes saber que é completamente o contrário de tal opinião, e para te provar, com maior clareza, citar-te-ei alguns exemplos. Vou repetir e não duvides do contrário, pois, se fosse um hábito mandar as meninas à escola e ensinar-lhes as ciências, como o fazem com os meninos, elas aprenderiam e compreenderiam as sutilezas de todas as artes e de todas as ciências tão perfeitamente quanto eles. Isso acontece, como mencionei anteriormente, devido as mulheres terem os corpos mais delicados do que os homens, mais fracos e menos aptos para algumas tarefas; assim, elas têm a inteligência mais viva e mais aguçada, lá onde elas se aplicam (PIZAN, 2012, p. 126).

Contextualizando a voz narrativa com as vozes místicas como foi o caso de Rostvita de Gandersheim, Heloísa, Hildegarde de Bingen, Marguerite Porete, Santa Catarina de Sena, entre outras, a voz de Christine de Pizan se impõe e se distingue, precursoramente, ao romper o mutismo das mulheres defendendo-as contra a misoginia através da literatura e forma coro com as vozes restritas ao claustro ou condenadas injustamente ao serem mutiladas, silenciadas e /ou assassinadas pelo fanatismo religioso na sociedade medieval. Mediante algumas obras que surgiram no passado a misoginia tem suas raízes desenvolvendo a hostilidade que se propagou contra as mulheres na história das sociedades. Identificamos algumas obras que foram disseminadas na mentalidade medieval a partir de autores e filósofos de grande relevância na tradição filosófica.

## 2.2 Obras misóginas emblemáticas na Antiguidade e no Medievo

Compreendemos as raízes misóginas mediante o estudo de obras antigas e medievais como *De Generatione animalium* [*Sobre a geração de animais*], de Aristóteles. Na Antiguidade, esta obra aristotélica começou a ser estudada na Universidade de Paris no século

XV com o apogeu da escolástica e do tomismo. *De genesi ad litteram* (401-416), [*Sobre o sentido literal do Gênesis*], de Santo Agostinho no Medievo foi estudada no período patrístico e escolástico. Estas obras filosóficas podem ser tomadas como indícios das questões relativas à inferiorização da mulher em relação ao homem na Antiguidade clássica e no Medievo.

As matrizes misóginas no classicismo foram precedidas pelos mitos antigos no tocante à inferiorização da mulher. A tradição hebraica com o mito de Lilith e na mitologia grega com o mito de Pandora em Hesíodo (ca. 750 a.C.) serviram de arcabouço posteriormente no intuito de propagar a difamação contra as mulheres. Estes escritos já desqualificavam a mulher como aquela que disseminou todos os males no mundo ora na cultura hebraica, ora na mitologia grega. A rigor, na tradição hebraica, o mito de Lilith inferioriza a mulher em relação ao homem e na mitologia grega a fraqueza do sexo feminino é reforçada com o mito de Pandora como vimos no primeiro capítulo desta dissertação. Estes arquétipos universais formalizam os primeiros registros da concepção misógina na história das mulheres.

As concepções misóginas que inferiorizavam as mulheres nas obras de autoria masculina originam-se com as matrizes clássicas da Antiguidade nas obras de Platão, de Aristóteles e nos tratados de fisiologia de Galeno (130-230), e nos estudos de etimologia no Medievo por Santo Isidoro de Sevilha (560-636) sobre o mêsruo das mulheres entre tantas outras obras e autores que geraram o ataque misógino contra as mulheres. Portanto, podemos encontrar uma sucessiva depreciação sobre a condição da mulher no classicismo ou na Idade média.

No que diz respeito à Antiguidade na obra *De Generatione Animalium* (*Sobre a geração de animais*) de Aristóteles, encontramos a concepção filosófica clássica em relação à constituição física das mulheres e sua inferioridade à anatomia do homem: *femina est mas occasionatus*. Esta afirmação advinda do pensamento aristotélico foi imbuída na mentalidade medieval como um erro biológico deturpando a imagem da mulher por séculos:

O axioma latino *femina est mas occasionatus*<sup>34</sup>, que traduzia uma afirmação de Aristóteles sobre a condição feminina, teve um papel decisivo, durante a Idade média, na compreensão antropológica da mulher. Para essa compreensão, a mulher [*femina*] é um macho [*mas*] defeituoso [frustrado, mutilado, ocasional: [*occasionatus*] (VIDAL, 2005, p. 29).

---

<sup>34</sup> A concepção aristotélica *femina est mas occasionatus* considera que o ovo fecundado, ao chegar à sua plenitude é plenamente masculino. Contrariamente a isso, a mulher representa algo que não se desenvolveu suficientemente. Desse modo, a expressão latina citada *femina est mas occasionatus* significa: a mulher é um macho incompleto, frustrado.

A inferiorização da mulher implica, segundo os misóginos, a insipiência racional feminina na ausência de uma inteligência equitativa em relação ao homem. O conceito de razão feminina não existia, pois as mulheres desprovidas que eram dessa faculdade, segundo o pseudorraciocínio oriundo das matrizes clássicas da filosofia, fomentou a violência contra as mulheres disseminadas nas obras misóginas ao longo da história:

A aliança entre racional e masculino tem uma longa história, sendo Aristóteles um dos maiores responsáveis pelo afastamento da mulher relativamente ao modelo dominante, devido às fragilidades físicas e mentais que este filósofo considera próprias do sexo feminino (*Geração dos Animais*, 729<sup>a</sup> 9-11). Ora, longe de ser combatido, tal preconceito consolidou-se na época moderna e fez durante muito tempo parte do “inconsciente filosófico” europeu (MACEDO; AMARAL, 2005, p.163).

O homem sempre teve um lugar supremo na sociedade contrariamente ao sexo feminino que foi desqualificado com defeitos morais e aberrações. As concepções deturpadas e segregatórias sobre a mulher partem de Aristóteles e se estendem até Galeno como podemos conceber nas considerações de Fonseca:

O Estagirita havia limitado o papel da mulher na procriação àquele de matéria prima apenas, a esperar a agência formadora do sêmen masculino, detentor do princípio da alma. Isso fazia da mulher uma espécie de macho deformado, inoperante em termos de contribuição ativa no ato da procriação [ARISTOTLE, 1973, p. 91-3,97, 101 – 3, 173-5, 185, 459-61]. Com essa mesma visão aristotélica hierárquica dos sexos, Galeno acreditava que devido à insuficiência de calor no corpo feminino, a sua genitália não podia ter as necessárias condições dilatadoras para se avultar para fora. Ficava, portanto, numa configuração anatômica inversa à da genitália do homem, fato, que corroborava a teoria da fêmea parecer um macho deformado [GALLEN, 1968, p. 630-2]. (FONSECA, 2011, p. 304).

Na narrativa, não é à toa que no discurso filosófico as difamações dos misóginos que injuriaram as mulheres são chamadas pela *Dama Razão* de “*filoloucura*”. Dessa maneira, filósofos, poetas e homens de Igreja difamaram as mulheres ao longo da história em seus livros. A *Dama Razão* critica uma obra filosófica de autoria desconhecida:

Eis porque sua inveja os leva a difamar todas as mulheres, esperando sufocar e reduzir, de tal maneira, seu renome e valor, a exemplo de que não sei qual infeliz que, em um tratado pomposamente intitulado *Da Filosofia*, esforça-se para demonstrar que é conveniente aos homens terem consideração por uma mulher, qualquer que seja ela. Ele afirma que aqueles que mostram alguma estima pelas mulheres pervertem o próprio nome de seu livro, quer dizer que, da *filosofia*, eles fazem “*filoloucura*”. Mas, posso te certificar e te



prometer que é ele mesmo que faz de seu livro uma verdadeira ‘*filoloucura*’ pelas argúcias e propósitos falaciosos que ele defende” (PIZAN, 2012, p. 77).

No que diz respeito ainda ao classicismo filosófico, encontramos em Aristóteles na *Poética* a demonstração de caráter misógino acerca da mulher ao caracterizar o personagem no enredo. Esta discriminação inferioriza a mulher no que diz respeito à sua constituição física em relação ao macho:

Quanto aos caracteres, quatro pontos devem ser visados, em primeiro lugar e, sobretudo, que sejam de boa qualidade. O caráter do personagem surge no momento em que, como foi dito antes, o discurso ou a ação revela uma prévia escolha; e um bom caráter quando a prévia escolha é boa. O bom caráter existe em cada tipo de pessoa: há uma boa mulher como há um bom escravo, ainda que a primeira seja um tipo inferior, e o segundo totalmente desprezível (ARISTÓTELES, 2001, p. 64, 15, 16-20 j).

Para Georges Duby e Michelle Perrot (1990, p.7), observou-se na literatura um ocultamento da mulher no tocante a uma produção de autoria feminina na literatura medieval. O poder do conhecimento era detido pela tradição clerical e patriarcal na Antiguidade e soberbamente no Medievo. Constatamos que desde os tempos mais remotos as palavras dirigidas às mulheres na literatura se revestiram de profundos julgamentos mediante a segregação social destas em relação aos homens, e elas foram subestimadas, sobretudo no tocante à sua constituição anatômica, sumariamente, servilizando-se ao corpo do homem. Na história do pensamento o pseudorraciocínio sobre a inferiorização da mulher face ao homem é corroborado pelas obras de autoria masculina. A misoginia reflete-se na literatura uma vez que poetas, escritores, médicos e filósofos formalizaram um aviltamento à imagem da mulher na história com um pseudoconhecimento anatômico e médico:

As mulheres foram, durante muito tempo, deixadas na sombra da história. O desenvolvimento da antropologia e a ênfase dada à família, a afirmação da história das “mentalidades”, mais atenta ao cotidiano, ao privado e ao individual, contribuíram para as fazer sair dessa sombra. E mais ainda o movimento das próprias mulheres e as interrogações que suscitou. “Onde vivemos? Para onde vamos?”, pensavam elas; e dentro e fora das universidades levaram a cabo investigações para encontrarem os vestígios das suas antepassadas e sobretudo para compreenderem as raízes da dominação que suportavam e as relações entre os sexos através do espaço e do tempo (DUBY e PERROT, 1990, p. 7).

Bloch na sua obra *Misoginia Medieval e a Invenção do Amor Romântico Ocidental* (1995) nos apresenta o percurso histórico da misoginia, isto é, como a misoginia promoveu uma cegueira ao sustentar a ideia de que as mulheres são inferiorizadas em relação aos homens e, portanto devem permanecer subordinadas a estes em todos os aspectos, quer sejam, intelectuais, sociais, políticos, religiosos ou culturais. Estes preconceitos contra a mulher são sustentados por um discurso oriundo de um conhecimento antigo que perdura até a Contemporaneidade:

O discurso da misoginia é tão persistente na Idade Média que a uniformidade de seus termos fornece uma ligação importante entre este período e o presente, impondo ainda mais o assunto porque, como veremos, tais termos ainda governam (conscientemente ou não) as formas pelas quais é concebida a questão da mulher - tanto por mulheres quanto por homens. Este não é de modo algum um ponto óbvio e, para amarrá-lo, irei reportar-me não só aos antifeministas canônicos da Idade Média, mas também aos seus herdeiros espirituais - os filósofos, romancistas, especialistas médicos, cientistas sociais, e críticos do século XIX, cujo tipo particular de romantismos e de misoginia naturalista carrega consigo uma extensa carga de atitudes não examinadas do passado medieval e mesmo patrístico (BLOCH, 1995, p. 14).

Os escritos misóginos no cânone literário contemporâneo se configuram em um colossal antifeminismo, isto é, são os *topoi*, as matrizes da misoginia, oriundas das obras clássicas e medievais que designam a difamação contra as mulheres. Os temas recorrentes em determinadas tradições literárias se corroboraram nesse caso especificamente com a misoginia disseminada na história da literatura que tratava a mulher como um ser inferior ao homem, repleto de imperfeições e perversidades. Disto podemos conceber com as considerações de Fonseca:

Apesar do risco da generalização, pode-se cogitar um dos pensamentos onipresentes nesse antifeminismo medieval não foi exatamente aquele que encontrou certo deleite em tabular a mulher como um animal (*bestia*), sendo aqui lembrada para retratá-la a figura de serpente ou de outra criatura tão quanto ou mais venenosa. Além dessa característica estrategicamente naturalizadora, a tradição desse antifeminismo tinha outras preferidas, as quais eram lembradas a partir de um inventário fabuloso das malsãs e perversas características femininas (FONSECA, 2009, p. 169).

Considerando o que foi dito anteriormente, o *topos* do antifeminismo é um estudo que demarca a problemática da misoginia como discurso difamatório na literatura quando este cria e promove ataques e ofensas contra as mulheres evidenciando um mal estar histórico e social

que embora muitas das vezes não seja declarado como o que percebemos ou aprovamos, ficando dessa forma o dito pelo não dito, está sutilmente representado por uma ala patriarcal fundamentada no androcentrismo segundo Bloch:

[...] ao explorar as armadilhas e paradoxos deste discurso socialmente sancionado, não é suficiente simplesmente recitar mais uma vez a história de uma injúria, uma litania de desgraça. Como atesta a persistência dos *topoi* do antifeminismo, a retidão moral e os contra-exemplos – tanto medievais como modernos – historicamente nunca foram suficientes, nem mesmos eficientes. É preciso levar os clichês anitfeministas até o seu limite para desmascarar suas incoerências internas – desconstruir, em suma, aquilo que não desaparece apenas pelo desmascaramento ou pelo desejo de que não fosse assim. (BLOCH, 1995, p. 11).

A visão de mundo que é sustentada contra as mulheres pela literatura misógina tem seu arcabouço no cânone literário, dirigindo um olhar conservador e patriarcal que é veementemente defendido sob um discurso falocêntrico consoante representações expressas por normas, instituições, imagens e ritos na literatura ao longo da história. Segundo Michel de Certeau, a História é um discurso que emerge de uma prática e de um lugar institucional e social. Desse modo, a literatura lança um olhar sobre a história e a desconstrói promovendo uma nova visão ao reescrever a própria história:

Levar a sério o seu lugar é ainda explicar a história. Mas é a condição para que alguma coisa possa ser dita sem ser nem legendária (ou edificante), nem a-tópica (sem pertinência). Sendo a denegação da particularidade do lugar o próprio princípio do discurso ideológico, ela exclui toda teoria, bem mais do que isto, instalando o discurso em um não-lugar, proíbe a história de falar da sociedade e da morte, quer dizer, proíbe-a de ser história. (DE CERTEAU, 2006, p.77).

Pizan em *A Cidade das Damas* empreende a desconstrução<sup>35</sup> do discurso misógino que se solidificou com as matrizes das obras clássicas e medievais dos filósofos, poetas, escritores, historiadores, médicos e todos aqueles que difamaram as mulheres em seus escritos. O conceito de desconstrução é uma crítica teórica desenvolvida por Jacques Derrida (1930-2004) que pretendia abalar as correntes hierárquicas pilastras da metafísica ocidental. Derrida visa desestabilizar o sistema teórico baseado no *lógos* que compreendia uma teoria metafísica fazendo dele um conceito absoluto.

<sup>35</sup> O termo “desconstrução” foi introduzido em filosofia por Martin Heidegger, que desejava abalar os alicerces da metafísica ocidental. Retomada e incrementada pelo filósofo francês Jacques Derrida, a estratégia de desconstrução visa a desestabilizar um sistema teórico revelando seus embasamentos, seu “impensado” e “abalando” suas bases (DORTIER, 2010, p.125).

Conforme afirma Dortier (2010, p. 125) Derrida empreende a desconstrução, revelando seus embasamentos, seu ‘impensado’ e “abalando” suas oposições binárias tais como, dentro/fora; corpo/mente; fala/escrita; presença/ausência; natureza/cultura; forma/sentido. Nesse sentido, o filósofo procura inverter o que foi dito no tocante às bases racionais destronizando hierarquias:

Fazer justiça a essa necessidade significa reconhecer que, em uma oposição filosófica clássica, nós não estamos lidando com uma coexistência pacífica de um face a face, mas com uma hierarquia violenta. Um dos dois termos comanda (axiologicamente, logicamente etc.), ocupa o lugar mais alto. Desconstruir a oposição significa, primeiramente, em um momento dado, inverter a hierarquia (DERRIDA, 2001, p.48).

O conceito de desconstrução na crítica literária feminista designa um método de análise e desconstrução de textos que reside numa postura crítica de mudança de paradigma. A crítica feminista visa rever as bases conceituais da cultura patriarcal desconstruindo as hierarquias de poder masculino e romper com paradigmas e preconceitos que se geraram em torno da mulher ao longo de séculos na história. Algumas linhas da crítica feminista vão discordar do sentido derrideano deste conceito, pois:

Embora a desconstrução seja vista pelo feminismo como método crítico, como meio de revelar as contradições inerentes ao discurso patriarcal, a teoria derrideana é indiferente à questão de gênero. Por esta razão, ela é por vezes rejeitada por alguma da crítica feminista, pois, como explica Alice Jardine, questões como as mulheres serem capazes de aceder à condição de sujeito, de escrever textos ou de adquirir a sua própria “assinatura” (*signature*) são falocêntricas para Derrida e para os seus seguidores; ou seja, o feminino será sempre apenas o que excede o significado do autor (masculino) (MACEDO; AMARAL, 2005 p. 32).

A rigor, o que faz Pizan em *A Cidade das Damas*, é desconstruir o pensamento misógino em suas bases quando denuncia a opressão do patriarcado em oposição aos ataques verbais e formais contra as mulheres. Portanto, Pizan confere à mulher uma valorização outrora impensada, visando a ascensão feminina enquanto ser social capaz de pensar e ser agente de sua própria história. *A Cidade das Damas* desestabiliza as bases da misoginia e direciona um novo olhar sobre a imagem da mulher na história.

No Livro Primeiro de *A Cidade das Damas*, a *Dama Razão* dialoga com Christine sobre como os ilustres filósofos discutiam acerca da condição feminina na Antiguidade. Os grandes expoentes do classicismo grego Platão e Aristóteles constituíam as autoridades

máximas, aquele na Patrística e este na Escolástica, respectivamente, cristianizados por Santo Agostinho e Tomás e Aquino (1227-1274) na dogmática cristã cujas ideias serviram de matrizes misóginas na elaboração dos escritos antifeministas na literatura. Dispondo da única arma que possui, a escrita, a narradora-personagem é encorajada pela *Dama Razão* a refutar a tradição misógina mantida pela filosofia e pelos textos ficcionais consumidos pelos leitores medievais através da literatura. “Mesmo tendo lido nesses livros, duvido que tenhas visto com teus próprios olhos, pois não passam de propósitos vergonhosos e mentiras patentes” (PUIZAN, 2012, 63). As mentiras proferidas pelos homens contra as mulheres engendraram o costume em difamar o sexo feminino ao longo da história.

De acordo com o discurso da primeira *Dama Razão* na narrativa, observamos que não havia um consenso entre os filósofos sobre o que é certo ou errado baseando-se cada um segundo suas concepções teóricas. Uma coisa é certa: a filosofia e a história foram hostis às mulheres, no que diz respeito ao lugar do feminino inferiorizado na sociedade. Uma filosofia isenta de preconceitos contra as mulheres, não encontramos no cânone dos filósofos antigos mais importantes tampouco nos medievais. Talvez estes autores não tenham agido de forma proposital, mas alimentados por uma tradição oriunda de sociedades arcaicas, a exemplo do judaísmo ou das crenças da mitologia grega promoveram a violência em relação à condição feminina.

Em *A Cidade das Damas*, encontramos o discurso filosófico quando a partir da *Dama Razão* assume uma forma argumentativa e dialógica de refutar a misoginia. E por outro lado, o discurso literário a partir das alegorias e da personificação das três *Damas* em personagens femininas que associam as suas vozes antimisóginas à voz da narradora-personagem para defender as mulheres dos seus algozes.

Vemos no pensamento de Platão, em *A República* que, embora este filósofo tenha defendido o direito à educação para meninos e meninas, isso não passou de fato de uma retórica utópica e irrealizável naquela época. Entretanto, Platão, em contrapartida à Aristóteles, possuía um pensamento diferente em relação às mulheres. Este filósofo defendia que as mulheres tinham o direito de governar a *pólis*, e portanto gerir uma cidade-Estado, pois para tanto era necessário o uso da razão acurada. Nesta medida, as mulheres, segundo este filósofo, possuiriam a faculdade da razão tão quanto os homens a possuíam. Na verdade, o

que foi defendido pelo filósofo foi a *paidéia*<sup>36</sup> grega, ou seja, a formação cultural do homem e também da mulher na civilização grega de forma holística e perene:

Platão acredita na capacidade da mulher para cooperar criadoramente na vida da comunidade, mas não é onde parece que devia buscá-la, na família, que ele procura esta cooperação. Não partilha a opinião dominante no seu país, segundo a qual a mulher é destinada pela natureza exclusivamente a conceber e a criar filhos e governar a casa. É certo que reconhece que a mulher é em geral mais fraca do que o homem, mas não crê que isto seja obstáculo para ela participar nas funções e nos deveres de “guardiões”. E se participa da profissão do homem, é indubitável que precisa da mesma alimentação (τροφή) e da mesma cultura (παιδεία) que ele. Por conseguinte, a mulher de classe dominante deverá ser educada na música e na ginástica, tal como o homem, e como ele deverá se formar para a guerra (JAEGER, 2010, p. 814-815).

O que Jaeger define na citação supracitada refere-se à formação dos “guardiões”, aqueles que estariam aptos para defender a *República*, ou seja, a cidade ideal proposta por Platão. “O que ele se propõe é fazer, dos homens e mulheres do escalão dos ‘guardiões’, guerreiros autênticos.” (JAEGER, 2012, p. 828). Não aprofundaremos aqui este tema histórico na Grécia clássica, mas aventamos que a mulher na Antiguidade clássica era tida por Platão vinculada à uma tradição necessariamente gerada e mantida por um patriarcado, portanto os resquícios de uma sociedade de modelos masculinos preestabelecidos que forjou uma tradição misógina advinda das sociedades patriarcais.

No Medievo, segundo Huismann (1993, p. 50), Santo Agostinho (354-430), representante máximo da patrística nos primórdios da Idade Média, escreveu *A Cidade de Deus* (séc.V), respondendo à acusação feita pelos pagãos em 410 de que os cristãos eram acusados do abandono do culto aos deuses antigos na Roma pagã e de sua queda diante dos Godos, os povos bárbaros da Germânia. Nesse intuito, o bispo de Hipona, empreende a defesa dos cristãos apresentando uma série de argumentos sobre a natureza do bem e do mal e alega que, embora a queda de Roma tenha sido considerada um mal, em contrapartida gerou de certo modo um bem com a oficialização do cristianismo na Antiguidade nos primeiros séculos da era cristã. Santo Agostinho adverte que o sentimento ufanista dos romanos pela cidade de

<sup>36</sup> No significado referente à formação da pessoa humana individual, essa palavra corresponde ainda hoje ao que os gregos chamavam *paidéia* e que os latinos, na época de Cícero e Varrão, indicavam com a palavra *humanitas*: educação do homem como tal, ou seja, educação devida às “boas artes” peculiares do homem, que o distinguem de todos os outros animais (AULLO GÉLIO, Noct. Att., XIII,17). As boas artes eram a poesia, a eloquência, a filosofia, etc., às quais se atribuía valor essencial para aquilo que o homem é e deve ser, portanto para a capacidade de formar o homem verdadeiro, o homem na sua forma genuína e perfeita. Para os gregos, a. C. nesse sentido foi a busca e a realização que o homem faz de si da verdadeira natureza humana (ABBAGNANO, 2012, p. 261-262).

Roma deve inspirar nesse sentido os cristãos pelo desejo de possuir e habitar *A Cidade de Deus*.

Os argumentos apresentados por Santo Agostinho servem para provar que os bens terrestres são perecíveis e que o homem deve alçar sua fronte para o alto, para “*A Cidade de Deus*”, onde os bens espirituais não perecem, e as virtudes cristãs e as boas obras são recompensadas e incomensuráveis, pois a felicidade plena repousa no cristianismo. Para Santo Agostinho, a cidade terrestre (pagã), sob a perspectiva do amor humano e no desprezo de Deus, não possui um ideal divino, nem de felicidade opodondo-se à *civitate* de Deus (divina).

Apropriando-se da importante representação da *civitas* idealizada no Medievo a narrativa de Pizan se constrói e se sustenta na tradição filosófica para edificar sua *Cidade das Damas*. Tanto a *civitate* de Santo Agostinho quanto a *Cidade das Damas* de Pizan falam de um lugar metafísico a partir de um sentimento utópico que levará seus habitantes à felicidade plena. Na narrativa concebemos a *civitas* povoada por mulheres ilustres:

Mas, que isso seja suficiente para ti, pois, parece-me que cumpri corretamente minha tarefa de dar o acabamento na parte superior de tua cidade, e povoando-a com mulheres excelentes, como te havia prometido. As últimas servirão, então, de portas e grades para a nossa Cidade. E mesmo se não cito – pois seria muito difícil de fazê-lo – todas as santas que existiram, que existem e que existirão, todas poderão encontrar um lugar nesta Cidade das Damas, sobre a qual poderia se dizer: *Gloriosa dicta sunt de te, civitas Dei*<sup>37</sup> Eis, então tua cidade perfeita, fortificada e bem segura, como te havia prometido (PIZAN, 2012, p. 337-338).

Podemos conceber que a concepção agostiniana de *civitate* impulsiona Pizan a edificar *A Cidade das Damas* em um plano também elevado, a rigor um lugar utópico e harmonioso garantido pelas três Damas: a Razão, a Retidão e a Justiça. Em contraposição às obras misóginas emblemáticas *A Cidade das Damas* é um símbolo como referência no Medievo sobre a condição feminina e nos estudos de Gênero na Contemporaneidade. A narrativa faz uma alusão ao paraíso terrestre, caracterizando-se, utopicamente, como um lugar perene sem arestas, sem desigualdades sexuais onde reina o bem estar social, em suma: a fortaleza para as mulheres. Esta fortaleza possui o *status* de defender as mulheres da misoginia que se propagou contra o sexo feminino.

<sup>37</sup> [Nota da tradutora de *A Cidade das Damas*] referência à obra *Cidade de Deus* de Santo Agostinho.

### 2.3 A defesa do feminino em *A Cidade das Damas*

O caminho contra a misoginia que deve seguir as mulheres é ensinado pelas três *Damas* na narrativa de Pizan. O convite enobecedor das três *Damas* Razão, Retidão, e Justiça é dirigido à Christine para construir a Cidade com a ajuda das *Damas* alegóricas, a fim de realizar o erguimento das muralhas, das torres, das paredes da fortaleza que servirão de defesa contra os ataques misóginos repudiando os argumentos pejorativos dos homens em relação às mulheres. A *Dama* Retidão descreve a edificação da magnífica Cidade e quem são as mulheres aptas convidadas a habitá-la e declara que a fortaleza será um novo reino do Feminino cá na terra:

Pois, a natureza de nossa obra é tal que as donas não poderão nunca ser expulsas. Eis, assim, que se abre um novo reino do Feminino, bem mais digno do que aquele de outrora, uma vez que as mulheres que serão alojadas não terão de deixar suas terras para conceber ou dar à luz a suas herdeiras. Aliás aquelas que hospedaremos agora, ficarão lá eternamente (PIZAN, 2012, p. 185).

Em *A Cidade das Damas* as três *Damas* alegóricas, falam, reivindicam, instruem e formam o espírito da narradora-personagem para exortar e defender as mulheres da misoginia. Pizan cava a *Cidade* retirando os entulhos da misoginia e edificando *A Cidade das Damas* com as pedras das virtudes. Cada mulher louvável com o exemplo e o testemunho de suas vidas são as pedras da fortaleza das mulheres que irão alicerçá-la. As virtudes das três *Damas* alegóricas caracterizadas pelas suas vozes antimisóginas são as pilastras da ginecosociedade, ou seja, do reino do Feminino revelado pela *Dama* Retidão. Esta edificação é enviesada pelo diálogo fascinante entre as três *Damas* e a narradora-personagem sobre a edificação da cidade idealizada:

Depois do discurso da primeira dama, chamada Razão, a segunda, que tinha o nome retidão, dirigiu-se a mim, começando a falar-me assim: “Cara amiga, não vou abandonar minha tarefa de construir, com tua ajuda, os edifícios que serão contornados e protegidos pela muralha, edificada pela minha irmã Razão, que guarnecem a fortaleza da *Cidade das Damas*”. Pegue as tuas ferramentas e venha comigo. Não hesite: misture a tinta no cartucho e, com tua pluma, comece a construir, pois, fornecer-te-ei material suficiente para, em poucas horas e com a ajuda divina, termos edificado os altos palácios reais e nobres mansões das excelentes e ilustres damas gloriosas que serão hospedadas nesta cidade, onde residirão para sempre (PIZAN, 2012, p.165-166).



A defesa do feminino na narrativa torna-se bastante contundente em *A Cidade das Damas* quando a autora reinterpreta a lenda das Amazonas na narrativa. Sobre o mito das Amazonas é relatado no enredo para louvar o exemplo das mulheres guerreiras e exaltar a autoridade feminina no espaço das sociedades primitivas tipicamente patriarcais. Primordialmente, as Amazonas são representadas na obra *De Claris mulieribus* (1361-1362) de Boccaccio (1313-1375) uma coleção dedicada à biografia de mulheres ocidentais do mundo mitológico e histórico; e também as Amazonas foram retratadas em outras obras da Antiguidade:

Representadas desde a Antiguidade, em textos enciclopédicos e gravuras antigas, as Amazonas ora evocam imagens de mulheres intrépidas, ora imagens de crueldade e transgressão da natureza. No final da Idade Média, em particular, depois da obra boccacciana *De Claris mulieribus*, o mito das guerreiras ressurgiu em vários países da Europa, seja na Literatura, tapeçaria, gravuras, estátuas, iluminuras, etc [VIENNOT, 2008, STEINER, 1999]. (DEPLANGE, p. 126, 2008).

Na narrativa, é a *Dama Razão* que narra as aventuras do reino das Amazonas. Ela revela à Christine que o reino das Amazonas, na Grécia antiga, teve seu apogeu pelo empenho da coragem e força dessas heroínas que não quiseram se manter escravas dos homens. “A história te ensina que o reino da Amazônia foi outrora estabelecido graças à iniciativa das numerosas mulheres cheias de coragem que desprezavam a condição de escravas” (PIZAN, 2012, p. 67). Rainhas davam perpetuidade a este reino, flor das nações, governado por mulheres sábias e conquistando respeito e temor em todo o Oriente:

Que mais devo dizer-te? As Amazonas fizeram tanto, graças à sua força física, que foram temidas e respeitadas em todas as partes. Sua fama chegou até a Grécia, que era bastante longe: falava-se de como elas continuavam invadindo e conquistando terras, e como devastavam aquelas regiões que não se tinha imediatamente; comentava-se, também, que não se tinha nenhuma força capaz de opor-se a elas. Isso deixou os gregos assustados, temendo que o poder das Amazonas se estendesse até às suas terras (PIZAN, 2012, p. 105).

Entretanto, este reino decaiu, pois a história relata que todo reino por mais potente que seja caí podendo ser reconstruído ou não. A *Dama Razão* anuncia à Christine sobre o novo reino Feminino que será construído em outras plagas, bem mais poderoso, imponente e invencível:

Não leste como o rei Tros fundou a grande cidade de Troia, com a ajuda de Apolo, de Minerva e de Netuno, que os povos de outrora consideravam

como deuses, e também como Cadmus fundou a cidade de Tebas sob a injunção divina? Todavia com o tempo, aquelas cidades se desmoronaram e caíram em ruína. Mas eu te profetizo, como uma verdadeira sibila, que a Cidade que tu fundarás, com a nossa ajuda, nunca se findará na inexistência. Ela será ao contrário, sempre próspera, apesar da inveja de todos seus inimigos; ela sofrerá vários ataques, mas nunca será tomada ou vencida (PIZAN, 2012, p. 67).

A *Dama Razão* evocando o matriarcado do reino das Amazonas emerge na narrativa as personagens guerreiras da mitologia e das lendas para defender a bravura e a coragem das mulheres. O que é interessante observarmos sobre as Amazonas é que as mulheres guerreiras são emblematizadas na narrativa como exemplos de bravura, coragem, determinação e audácia que naquele momento histórico evidenciavam as virtudes e as qualidades femininas que outrora eram da alçada dos homens.

Em Boccaccio as qualidades femininas vêm revestidas do arquétipo masculino de bravura em oposição à natural “fragilidade” feminina que em *A Cidade das Damas* se contrapõe aos exemplos boccaccianos patriarcais quando Pizan exalta as prerrogativas femininas partindo para a defesa do seu sexo e o elogio das mulheres. No prólogo de *De claris mulieribus*, Boccaccio afirma:

E se os homens são dignos de serem louvados por terem realizado grandes façanhas pela força que receberam, quanto não serão as mulheres, as quais são dotadas pela natureza (quase todas) de um corpo frágil, debilitado, e de uma mente sórdida, quando se atrevem a realizar empreitadas de grandes dificuldades, inclusive para os homens, com um ânimo viril, gênio brilhante e uma virtude notável? Por essa razão, para não retirar-lhes seu mérito, ocorreu-me, para a glória de sua grandeza, desenvolver em um livro a história das que me vierem à memória. E acrescentar, entre muitas outras, aquelas que fizeram notáveis a audácia, o vigor de seu gênio, a atividade, os dons da natureza ou as graças ou desgraças do destino<sup>38</sup>.

A narrativa ao apresentar o exemplo de mulheres guerreiras inspiradas nas personagens de Boccaccio que, por sua vez, são retiradas do mito das Amazonas, as mulheres representam as pedras que na construção da Cidade imaginária vão alicerçar a fortificação do

---

<sup>38</sup> *Y si los hombres son dignos de alabanza por llevar a cabo grandes hazañas con la fuerza que se les dio, ¿cuánto más no lo serán las mujeres, a las que la naturaleza dotó (a casi todas) de un cuerpo blando y débil y de una mente torpe, cuando se atreven a realizar empresas que serían muy difíciles incluso para los hombre, con un ánimo viril, un ingenio brillante y una notable virtud? Por esta razón, para no restarles su mérito, se me ocurrió para gloria de su grandeza, desarrollar en un libro la historia de las que me vinieran a la memoria. Y añadir, entre otras muchas, a aquéllas a las que hicieron notables la audacia, el vigor de su ingenio, la actividad, los dones de la naturaleza o las gracias o las desgracias de la fortuna.[...]”* As citações da obra de Boccaccio foram retiradas da tradução espanhola de Violeta Díaz-Corrado, intitulada *Mujeres preclaras*, com tradução nossa para o português.

lugar reservado para a história das mulheres estabelecendo os contrargumentos que servirão de base para a desconstrução do discurso misógino na narrativa:

Cristina de Pisano seguiu ela própria esse caminho na defesa de seu sexo. O modelo de muitos retratos femininos da sua *Cidade das Damas* tinha-o Cristina encontrado em Bocácio, que por sua vez o tinha plagiado de autores antigos e das lendas familiares de forma a erigir o *corpus* das suas Mulheres ilustres, espelhos das virtudes desejáveis e dos excessos do caráter feminino. De fato, a história das mulheres foi construída sobre os destinos de heroínas sem par. Como se, em cada nova geração, fosse preciso que as mulheres constituíssem uma nova memória, que reatassem um fio perpetuamente partido (KAPLISCH-ZUBER, 1990, p. 10).

Pizan letrada e esclarecida no Medievo se sobressai em defesa de seu sexo. Ao possuir uma mentalidade provocadora e astuciosa empreende sua crítica ao poder falocêntrico que oprimia as mulheres e as deixava no patíbulo, gerando violência e um profundo mal-estar na sociedade de seu tempo. Para tanto, Pizan empreende pelas palavras na literatura o desarticulamento do falso discurso que se estagnou em torno do silêncio das mulheres. Com isso, dando voz e argumentos às mulheres promoveu a visibilidade do feminino através das vozes antimisóginas, enquanto partícipes de uma sociedade que ela almeja sem arestas e preconceitos descabidos.

*A Cidade das Damas* é uma resposta provocadora à sociedade misógina de seu tempo, é uma denúncia veemente aos algozes das mulheres naquela época. O enredo emoldurado pela ficção na narrativa com a vida das personagens que são as vozes antimisóginas das *Damas Razão, Retidão e Justiça* está associado à vida da autora pela condição de mulher-escritora em uma sociedade extremamente misógina que ela vivia. O enredo em *A Cidade das Damas* está intrinsecamente associado às vidas das personagens na narrativa:

Geralmente, da leitura de um romance fica a impressão duma série de fatos, organizado em enredo, e de personagens que vivem estes fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos em que se enredam, na linha do seu destino traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida dele, os significados e os valores que animam (CANDIDO, 2011, p 53-54).

A relação na narrativa entre enredo e personagem estabelece a formação da consciência feminina ao ser caracterizada pelo duplo itinerário entre a edificação utópica da Cidade e a obra literária em defesa das mulheres no Medievo. A formação e a instrução da

narradora-personagem para defender as mulheres partem das *Damas* alegóricas ao penetrar a consciência de Christine:

Não sei qual dos meus sentidos foi mais solicitado por sua presença: minha audição, sua fala digna, ou minha vista, contemplando sua tão grande beleza, seus adornos, a distinção de suas maneiras e a nobreza de sua face. Como poderia se dizer o mesmo de cada uma delas, não sabia para qual olhar; por sinal, elas se pareciam tanto que se tinha dificuldade em diferenciá-las. (PIZAN, 2012, p. 64).

A narrativa alegórica expressa o inconsciente de Christine cujos sentidos são personificados pelas três *Damas*, Razão, Retidão e Justiça. É pelo autoconhecimento da gênese feminina que as mulheres podem emancipar-se dos clivos machistas das sociedades patriarcais que as oprimiram na história da literatura e das sociedades. Na narrativa, a formação da autoconsciência e da emancipação femininas da narradora se caracterizam com a vida e a obra da autora no processo emancipatório da inteligência das mulheres apresentado em *A Cidade das Damas*:

A própria escolha dos personagens, a preponderância quase absoluta das “damas” nesse mundo do sentido e do saber revelam as fascinações e os sonhos da autora. E se Christine recorre às figuras e às estruturas mais tradicionais quando coloca em cena suas personificações ao contar uma viagem ou ao descrever um edifício, ela possui seu imaginário alegórico próprio. Esse imaginário gravita em torno da *Fortuna e Razão*, polos emblemáticos de sua existência<sup>39</sup>.

Pizan refuta as obras clássicas dos poetas e escritores pelo grande teor misógino que possuíam, como *A arte de amar*, de Ovídio e a segunda parte do *Roman de la Rose*, de Jean de Meung, analisado anteriormente. É interessante ressaltar que, na história da literatura, no século XVI os autores dão razão vamos encontrar autores que defenderam as mulheres-escriptoras e outros que as difamavam. Entre as obras pró-mulher destacamos: 1503 - *Nef des dames vertueuses* – Symphorien Champier, 1542- *La parfaite amie* – Antoine Heroet, 1544- *La délie, objet de plus haute vertu* – Maurice Scève. E as obras contra as mulheres foram : 1513- *De legibus connubialibus* – Tiraqueau, 1541 – *L’Amie de cour* – La Borderie, 1546- *Tiers livre* – François Rabelais, 1599 - *I doneschi difetti* – Giusepe Passi. Autores de

---

<sup>39</sup> *Le choix même des personnages, la prepodérance quase absolue des “dames” dans ce monde du sens etdu savoir, sont révélateurs des facinations et des rêves de l’auteur. Et si Christine, lorsqu’elle met en scène ses personifications, en racontant un voyage ou en décrivant un édifice, recourt aux figures et aux structures le plus traditionnelles, ele possède son imaginaire allégorique propre, qui gravite autour de Fortune et Raison, pôles emblématiques de son existence.* (STRUBEL. 1997, p. 385) [Tradução nossa].

importante relevância já se pronunciavam em favor das mulheres no século XVI, François de Billon, publica em 1555 *Le fort inexpugnable de l'honneur du sexe féminin* enaltecendo a igualdade dos sexos, embora ainda com argumentos fracos sobre o tema:

Por meio de argumentos e raciocínios muitas vezes confusos, misturando categorias, Billon prega a igualdade dos sexos. Apaixonado por sua causa, ele mesmo se deixa enganar em trechos nos quais as qualidades inerentes de uma mulher-feiticeira são consideradas a seu favor... (FORTUNA, 1995, p.22).

Na Modernidade, Guillaume Postel e François de Billon empreendem uma simpatia pela causa das mulheres e registram em seus livros as obras de autoria feminina cujas autoras beberam da fonte pioneira que foi Christine de Pizan no século XV:

Como um outro humanista da mesma linhagem Guillaume Postel, autor de *Les très merveilleuses victoires des femmes du nouveau monde* (1553), Billon não se furta a registrar – como num documento histórico – o nome das várias mulheres que alcançaram as honras de uma existência dedicada às coisas do espírito, como Pernette du Guillet, Louise Labé, Marguerite de Navarre, ou ainda Jeanne d’Aragon, Vittoria Colonna e Olympia Morata, todas herdeiras da presença medieval de Christine de Pisan, escritora de *La cité des dames*, alegoria acerca da igualdade sexual (FORTUNA, 1995, p. 22-23).

Christine de Pizan no século XV prefigurava-se como guardiã dos ideais humanistas ou seja, quando ergue-se em defesa do seu sexo para reivindicar o direito das mulheres na sociedade francesa. O humanismo é historicamente uma apoteose de novas ideias partindo da valorização e da produção do conhecimento nas obras de autoria masculina, uma vez que as mulheres no Renascimento ainda eram obliteradas ou veementemente perseguidas pelo patriarcado sobretudo no quesito da autoria em quaisquer campos do conhecimento:

O humanismo da Renascença conseguiu superar poderosas credices e preconceitos, mas fez pouco pela situação da mulher. Em livros fundamentais da Renascença, como o *Elogio da loucura* (1509), a *Utopia* (1513) e *Pantagruel* (1532), não se vislumbra qualquer nova atitude em relação ao sexo feminino. Um estudo detalhado de textos renascentistas permite concluir que a mulher permaneceu condenada a um tempo histórico diferente como se ela estivesse atravessando uma época profundamente transformadora, sem mudar de condição (FORTUNA, 1995, p. 17-18).

Na Contemporaneidade, entre os séculos XVIII-XX encontramos resquícios misóginos na crítica literária sobre discursos contra as mulheres-escritoras hostilizando-as e

menosprezando-as. Sem contar entre tantos tratados médicos, juristas e teólogos na Idade Média que injuriavam as mulheres. Sobre Pizan há quem dissesse que ela não passaria de uma insuportável mulher a defender seus pares usando a literatura e dando-se ares de intelectual:

Não nos detenhamos na excelente Christine de Pizan, boa filha, boa esposa, boa mãe, no mais, um dos mais autênticos “*bas bleus*”<sup>40</sup> de nossa literatura, a primeira dessa insuportável linhagem de autoras, que não se esforçam na elaboração de suas obras, e que durante toda a vida concedida por Deus deram provas de sua incansável facilidade, igual à universal mediocridade delas.” (LANSON, 1909 p. 165-166).

A misoginia generaliza-se sob uma prática social histórica em desqualificar com toda sorte de predicados pejorativos o sexo feminino ao longo da historiografia das mulheres. O processo político que vem semanticamente codificado baseado em preconceitos e equívocos nas obras de autores masculinos desarmonizou os gêneros sexuais em detrimento da mulher pela misoginia: a opressão do patriarcado. *A Cidade Das Damas* é a ofensiva narrativa que, estrategicamente, combate à misoginia pela igualdade dos sexos.

---

<sup>40</sup> Mulher pedante com pretensões intelectuais.

### CAPÍTULO 3: A ESTRATÉGIA NARRATIVA EM A *CIDADE DAS DAMAS*

Minhas caríssimas Damas, é natural que o coração humano se alegre quando ele sai vitorioso de alguma agressão e que tenha conseguido confundir seus inimigos. A partir de agora, minhas Damas, terão do que se alegrar, de modo honesto, sem ofender a Deus ao ver terminada essa Cidade que poderá ser, se a conservardes bem, não só um refúgio para vós todas, senhoras das virtudes, mas uma fortaleza para vos defender dos ataques dos vossos inimigos (PIZAN, 2012, p. 338).

#### 3.1 A *Cidade das Damas*: a estratégia narrativa de combate à misoginia

A *Cidade das Damas* é a narrativa de Christine de Pizan que, metaforicamente, pode ser pensada como campo de batalha no qual a inimiga a ser vencida é a misoginia. A Cidade a ser erguida pretende ser uma seara fértil das virtudes femininas semeadas pelas três *Damas* a Razão, a Retidão e a Justiça no combate à violência misógina. Portanto, para o nosso estudo o termo estratégia será usado como uma arte, a arte da tática para designar a arte militar nos combates medievais. O sentido, “arte da guerra, ‘estratégia’ distingue-se de tática, ou seja, ela define as escolhas fundamentais relativas ao ataque e à defesa” (2010, DORTIER, p.183). De acordo com a definição de Dortier, a estratégia pertencente ao mundo militar, mas na nossa leitura ela será ampliada significando uma estratégia literária.

Em A *Cidade das Damas*, a estratégia narrativa dominante reside na escolha das personagens centrais da trama, isto é, as três *Damas* alegóricas como entidades, detentoras das qualidades primordiais para que haja equidade entre os sexos na sociedade. A função das três *Damas* A Razão, A Retidão e a Justiça no enredo é instruir as mulheres sobre a edificação da Cidade-fortaleza para servir de proteção às mulheres contra os ataques dos homens. A estratégia usada na edificação da Cidade assemelha-se a uma tática de guerra a qual evidencia a fragilidade e o abandono das mulheres frente à violência da misoginia:

As mulheres foram, por tanto tempo, abandonadas sem defesa. Como um campo sem cercado, sem que nenhum herói viesse socorrê-las; e, no entanto, segundo a justiça, os homens nobres deveriam tomar a defesa delas. Mas, por negligência ou indiferença, aceitou-se que elas fossem maltratadas. Não é de se espantar que seus inimigos invejosos – e os insultos desses caluniadores que, por diversas formas, atacaram-nas – terminaram levando à

vitória, em uma guerra desamparada, sem defesa. Pois a maior fortaleza cairia rapidamente se não fosse defendida, a causa mais injusta seria ganha se deixada correr à revelia, uma vez defendida sem a outra parte (PIZAN, 2012, p. 66).

O espaço do feminino que será erguido é a Cidade na qual nenhum inimigo poderá derrubá-la, nem ultrapassar os seus muros, porque as suas edificações serão sólidas e iluminadas pelas três *Damas* Razão, Retidão, e Justiça. Em *A Cidade das Damas*, a linguagem adotada pela narradora é de combate; a guerra é armada de letras e de ideias. O combate à misoginia é realizado por uma batalha guarnecida não com artefatos de fogo e espadas, mas com a astúcia do conhecimento. A narradora-personagem utiliza-se dos exemplos e testemunhos louváveis de mulheres retirados da história universal e da ficção. Fortalecendo o discurso alegórico na tessitura da narrativa que propõe desarticular o discurso misógino com o povoamento da Cidade a *Dama* Retidão declara:

Agora chegou a hora de começar a povoar essa nobre Cidade, para que ela não fique abandonada, como uma vida morta. Ela será, ao contrário, habitada por mulheres de grande mérito, porque não queremos outras. Oh! Como as cidadãs de nossa cidade serão felizes! Elas nunca temerão ou ficarão em dúvida se os novos ocupantes irão expulsá-las de seus pertences. Pois, a natureza de nossa obra é tal que as donas não poderão nunca ser expulsas. (PIZAN, 2012, p. 185).

A cidade para o homem medieval tem uma simbologia com as cidades escatológicas da visão celeste do paraíso descritas no Apocalipse, por exemplo, a Jerusalém celeste (Ap, 21). “As cidades, instaladas no centro do mundo, refletem a ordem celeste e recebem a sua influência. Pela mesma razão, em certos casos são também as imagens de centros espirituais (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 239).

No estudo do *corpus* analisamos o título da obra referente ao termo *Cidade* o qual se caracteriza na narrativa como símbolo de proteção, metaforiza a mãe que protege os filhos, isto é, a construção, do espaço feminino criado para proteger as mulheres. Ademais, essa *Cidade* possui a jurisdição divina, porque foi decretada pelas três embaixadoras de Deus: a Razão, a Retidão e a Justiça. A concepção da *Cidade*-mãe está associada, a rigor, ao feminino como uma estratégia narrativa para elevar e dignificar a imagem da mulher na história das sociedades:

Como lugar de moradia fortificada, ordenada, é ao mesmo tempo símbolo da ordem divina. – visto que protege e acolhe seus cidadãos como uma mãe a seus filhos, foi frequentemente personificada como deusa-mãe da cidade,



muitas vezes com uma coroa mural sobre a cabeça. Na arte cristã medieval, a cidade aparece, p.ex., como a → Jerusalém celeste ou na oposição entre duas cidades, das quais uma, Jerusalém, representa a Igreja dos judeus, a outra, Belém, a Igreja cristã constituída pela Igreja dos pagãos. Na Idade Média tardia, a cidade, como recinto fechado também pode simbolizar a Virgem Maria (BECKER, 1999, p. 66).

A Cidade é iluminada pelas três *Damas*, mas o que prevalecem são as virtudes e os bons exemplos femininos das *Damas*, pois elas simbolizam o exército feminino que irá defender a Cidade ao longo da história. Por outro lado, o fato de fundar uma cidade estava em estreita conexão com a constituição de uma doutrina e por isso a cidade era um símbolo da mesma e da sociedade disposta a defendê-la” (CIRLOT, 2005, p. 162).

Portanto, *A Cidade das Damas* é uma obra alegórica por excelência, pois recorre à estratégia narrativa que se utiliza de alegorias ao se personificarem a Razão, a Retidão e a Justiça, em *Damas*, mulheres virtuosas que irão defender outras mulheres diante do poder masculino. O discurso alegórico dá base à defesa do feminino empreendido pela voz narrativa quando se opõe ao poder do patriarcado refutando as obras de autoria masculina: de Aristóteles, de Platão, de Santo Agostinho, de Jean de Meung e outros misóginos. A narradora-personagem declara às mulheres de seu tempo e das gerações futuras que amam a virtude que devem glorificar a Deus pela proeza da construção da Cidade:

Que Deus seja louvado, minhas veneráveis Damas! Pois, nossa cidade está aqui construída e perfeita, na qual com grande honra, todas vocês, que amam a glória, a virtude e a notoriedade, poderão hospedar-se; pois ela foi fundada e construída para todas as mulheres honradas – as do passado, as do presente e as do futuro (PIZAN, 201, p. 338).

As alegorias em *A Cidade das Damas* estão muito próximas das virtudes cardeais que, em latim, são: *fortitudo* (fortaleza), *justitia* (justiça), *prudentia* (prudência), *temperantia* (temperança), as quais moldaram as virtudes cristãs. Vale ressaltar que, na arte cristã, as virtudes são simbolizadas por figuras femininas e os vícios por figuras masculinas ou ainda por figuras femininas, facilmente identificadas pelos seus atributos. As virtudes cardeais somam-se às virtudes teológicas *Fides* (fé), *Spes* (esperança), e *Caritas* (caridade). Os vícios seriam os setes pecados capitais: *superbia* (soberba), *invidia* (inveja), *gula* (gula), *avaritia* (avareza), *acedia* (preguiça), *ira* (ira), *luxuria* (luxúria). As virtudes e os vícios são representados por imagens na iconografia cristã na época medieval:

Alegoria consiste como a conversão proposital de uma realidade conceitual numa representação figurada com significados determinados dos vários motivos figurados; especialmente como *personificação* (diversamente do símbolo), p. ex., representação da luta entre as virtudes e os vícios. Na arte grega do século III-II a.C. substituiu a mitologia antiga. Na Idade Média predominou a alegoria *teológica* (dogmática e moral) e *política* (virtudes de ordem do Estado). Na Renascença e no Barroco, a alegoria é de certo modo exagerada, muitas vezes com motivos mitológicos, estendida a toda a vida religiosa e profana (BECKER, 1999, p. 15).

Pela definição acima, viu-se que no Renascimento as alegorias estão associadas à iconografia cristã e à moral dogmática com as práticas dos Sermões ou ainda com as parábolas ou as fábulas de cunho moralista para instruir o povo. Portanto, pode-se conceber a estrutura da construção das personagens na narrativa em alegorias.

Pela etimologia das palavras razão, retidão e justiça, é sabido que na língua portuguesa são substantivos femininos que significam respectivamente, faculdade, qualidade e virtude (Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa*/Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 2010). Já na língua francesa, *raison*, *droiture* e *justice* também são palavras femininas. Segundo o dicionário *Le Robert* (2006), a *raison* significa a faculdade que permite ao ser humano conhecer, julgar e agir conforme os princípios = compreensão, entendimento, espírito, inteligência, em especial de bem julgar e de aplicar esse julgamento à ação = discernimento, julgamento, bom senso. A *droiture* é a qualidade de uma pessoa reta, cuja conduta é conforme às leis da moral, do dever. E a *justice* significa apreciação, reconhecimento e respeito aos direitos e aos méritos de cada um.

Curiosamente, razão, retidão e justiça são originariamente substantivos comuns. A escolha das alegorias femininas pela autora não é por acaso porque são por excelência a estratégia da narrativa. As alegorias passam por uma transformação, isto é, de substantivos comuns a substantivos próprios, e, portanto, são antropomorfizadas. Na narrativa tornam-se mulheres virtuosas, personificadas, de caráter divino e, por fim, representantes das mulheres.

A estratégia narrativa desenvolve-se, portanto, explorando imagens do feminino na tessitura do enredo, a começar pelo título da obra, que é a *Cidade*, como símbolo de proteção das mulheres, em associação com as imagens alegóricas da razão, da retidão e da justiça, uma vez que texto e imagem formam a obra literária. Apropriando-se do caráter acerca do conceito das virtudes incutidas no senso comum, de forma alegórica, a voz narrativa dá um novo sentido às alegorias através da personificação das *Damas* na representação do feminino.

Desse modo, a imagética *Cidade das Damas* foi erguida para reconstruir a história das mulheres através do texto narrativo e da imagem feminina que é legitimada pela expansão das

alegorias em três *Damas* virtuosas. Trata-se não mais de uma sociedade governada por homens, mas pelo princípio universal da igualdade respaldado pela Razão, pela Retidão e pela Justiça, erguendo uma *Cidade* construída por mulheres, para mulheres e de mulheres.

Sobre o conceito de *Dama* no título do livro no que diz respeito às personagens centrais Razão, Retidão e Justiça, segundo Deplagne (2012, p. 41), o termo “dama” foi utilizado por Pizan no romance de forma relevante e, literariamente foi bem aplicado para enfatizar o fato de que não se trata de qualquer mulher que se quer elogiar, mas de nobres *Damas*, mulheres guerreiras, virtuosas, santas e sábias, dadas a conhecer publicamente.

As personagens são construídas a partir do sentido da personificação das virtudes, as quais se materializam em *Damas*. O recurso da personificação em *A Cidade das Damas* não é novo. Na Grécia antiga, nas obras de Homero e Hesíodo, constata-se que os deuses assumem a aparência humana, ou seja, o antropomorfismo, com o máximo da perfeição e também das imperfeições humanas, quer sejam os atributos, as virtudes, quer sejam os defeitos morais que possuíam. A personificação, portanto, foi usada na obra em estudo para valorizar as virtudes femininas universais. A *Dama* Razão, a *Dama* Retidão e a *Dama* Justiça representam as mulheres pela função que estes símbolos têm no senso comum e que na narrativa assumem a função de coro ressoando como vozes antimisóginas ao desempenharem o papel de denunciar a misoginia no processo de construção da Cidade-fortaleza.

Em *A Cidade das Damas*, os vícios se revestem do preconceito, do aviltamento e do ódio em relação às mulheres pela sociedade misógina; as virtudes são os exemplos das mulheres louváveis que serão apresentados ao longo da narrativa. As *Damas* Razão, Retidão e Justiça são primordialmente femininas e ao servirem-se de representação das mulheres, desconstroem nominalismos ou discussões estereotipadas acerca do feminino.

A escolha das virtudes femininas razão, retidão e justiça na construção das personagens evoca os anseios da voz narrativa de valorizar a mulher e sua dignidade salvaguardada dos misóginos. Nas civilizações clássicas, a razão, a retidão e a justiça compõem os alicerces das fundações das antigas cidades, baseadas no direito, na moral e na tradição política do governo das sociedades patriarcais. A justiça como princípio de equidade e de igualdade entre os homens favorece o equilíbrio e a harmonia pela espada, que representa seu poder distributivo na sociedade. Na narrativa, a *Dama* Justiça representa aquela que vai equilibrar os sexos na edificação da Cidade, pois de comum acordo com a *Dama* Razão e a *Dama* Retidão, ambas se referem à Justiça como a filha predileta de Deus; ela possui a primazia sobre as outras, embora nenhuma se sobressaia à outra, uma vez que trabalham

harmoniosamente, em conjunto, caracterizando o princípio da obediência e da igualdade entre os homens:

Meu único dever é julgar, distribuir e dar a cada um o que ele merece. Eu defendo a ordem do Estado, e nada dura sem mim. Estou em Deus e Deus está em mim, pois somos, digamos assim, uma única e mesma coisa. Quem me seguir não conseguirá pecar; meu caminho é certo (PIZAN, 2012, p. 70).

O discurso das três *Damas* é unânime ao denunciar a misoginia presente nas obras de autoria masculina, denunciando os abusos e os excessos dos homens em relação às mulheres. O silenciamento das mulheres é rompido pelos diálogos entre as vozes narrativas das personagens centrais e a voz da narradora-personagem. As *Damas* revelam à Christine a nobre missão de edificar a *Cidade* ao serem responsáveis pela formação da sua consciência feminina que será fecundada pela instrução recebida delas ao ser conduzida ao mundo das Letras e do conhecimento. “Foste tu a escolhida para realizar, com nossa ajuda e conselhos, tal construção, onde habitarão todas as damas de renome, e mulheres louváveis, uma vez que os muros de nossa cidade serão fechados a todas aquelas desprovidas de virtude” (PIZAN, 2012, p. 66).

As três *Damas* solidarizam-se com a narradora instruindo-a e formando-a através da conscientização feminina para desvencilhar-se da alienação e do torpor que a cercava sobre a depreciação das mulheres. Desse modo, o discurso alegórico enceta a valorização e a dignidade do sexo feminino em pé de igualdade com os homens. A hostilidade contra as mulheres de tantas más concepções e difamações na história da literatura gerou o que nós chamamos de misoginia. Em outras palavras, o discurso difamatório, como diz Bloch, contra as mulheres: “Ficamos muito comovidas com teu desespero e queremos retirar-te desta alienação; ela te cega a tal ponto de rejeitares, o que tens convicção de saber, para acreditar em algo que só conheces através da pluralidade de opiniões alheias” (PIZAN, 2012, p. 62).

A razão como faculdade de pensar, a inteligência ou a firmeza de espírito, ou seja, a perspicácia, que foi negada e retirada das mulheres ao longo da história é retomada, estrategicamente, ao ser introduzida no diálogo pela voz da *Dama Razão*, inaugurando o discurso antimisógino em *A Cidade das Damas* para denunciar a misoginia. A *Dama Retidão* reivindica o direito da mulher à igualdade entre os sexos e a *Dama Justiça* corrige e premia de acordo com as ações e os méritos de cada um.

Sobre o silenciamento feminino na historiografia das mulheres constatamos que em *A Cidade das Damas* as vozes narrativas promovem o rompimento do mutismo das mulheres na literatura uma vez que elas foram impedidas de falar e de escrever pela opressão do patriarcado. As vozes antimisóginas das três *Damas* representam a autoconsciência feminina, ou seja, as mulheres ao se tornarem conscientes do seu papel na sociedade, alcançam, simbolicamente, a emancipação feminina. A voz narrativa reúne-se às vozes das *Damas* alegóricas na construção e na defesa do sexo feminino. Desse modo, compreende-se que a voz da autora em *A Cidade das Damas* é fundamental para compreendermos, na Contemporaneidade, o tom da crítica feminista que assume na narrativa de Pizan a defesa da mulher. O papel da narradora é dar voz às mulheres quebrando os grilhões do silêncio e da violência:

Que se calem! Que se calem a partir de agora, os clérigos que maldizem as mulheres, e todos aqueles aliados e cúmplices que as criticam em seus livros e poemas! Que baixem os olhos de vergonha de ter ousado mentir em seus escritos, quando vemos que a verdade contraria o que eles dizem [...] (PIZAN, 2012, p. 146).

Para Pizan, as mulheres necessitam repensar a história, ou seja, significa que devem mergulhar em águas mais profundas da existência feminina redimensionando-se a patamares mais dignos e justos, reescrevendo uma outra genealogia das mulheres. Portanto, repensar a história das mulheres é mudar o paradigma do feminino das vozes que foram emudecidas pela violência masculina. A partir do rompimento com os modelos patriarcais que se impuseram ao longo da história da literatura desprezando as mulheres, constatamos que o conceito de voz da autoria feminina surge como um mecanismo de combate à misoginia:

Conceito fundamental na crítica feminista, no sentido em que esta pretende precisamente dar voz às mulheres, dar a conhecer as vozes das mulheres. Nesse sentido, “dar voz” ou “ter voz” é uma estratégia feminista que se opõe ao silenciamento patriarcal ou mutismo cultural das mulheres. (MACEDO; AMARAL, 2005, p. 195).

Pizan, ao romper com o silenciamento na história das mulheres, alcança com o seu pioneirismo a defesa do sexo feminino, o direito da igualdade na diferença, ou seja, o direito de ser mulher e ter as mesmas oportunidades dos homens em todas as esferas sociais. *A Cidade das Damas* é uma resposta à sociedade misógina medieval, e doravante, garante a visibilidade da mulher estendendo-se às futuras gerações.

Através das *Damas* alegóricas o discurso antimisógnino caracteriza-se pelos símbolos que elas trazem consigo na narrativa deflagrando a defesa do sexo feminino e desenvolvendo a conscientização da narradora-personagem para erguer a Cidade-fortaleza das mulheres.

### 3.2 A simbologia alegórica em *A Cidade das Damas*

Sobre os símbolos das *Damas* alegóricas na narrativa, constatou-se que a *Dama Razão* traz consigo um espelho (*speculum*), símbolo do exemplo e da beleza, para fazer com que os homens se deixem guiar por ela. A *Dama Retidão* porta um bastão ou uma régua, representando a defesa dos justos e sua prontidão em punir os perversos. E a *Dama Justiça* porta uma taça de ouro na justa medida das ações dos homens, representando a ordem e a defesa do Estado. Aqueles que se deixarem guiar pela senda da Justiça não se perderão no caminho.

Os bastões representam, simbolicamente, o apoio vindo do Céu e a autoridade divina das *Damas* alegóricas conferida à Christine no mundo intelectual dos homens. Isso acontece quando na narrativa a narradora-personagem, para defender as mulheres, sobrepõe-se ao machismo, terreno das imperfeições e dos preconceitos masculinos acerca do sexo feminino. Dessa maneira, a *Cidade das Damas* é o novo terreno no qual as mulheres terão uma fortaleza erguida para a sua segurança e proteção com a morada das três *Damas* alegóricas divinas aqui neste mundo:

Prezada filha, deves saber que a providência divina, que não faz nada ao acaso, encarregou-nos de morar entre as pessoas desse mundo de baixo, apesar de nossa essência celeste, para zelarmos pela manutenção e pela boa ordem das leis convenientes aos diversos estados, e que fizemos segundo a vontade de Deus, pois somos, todas as três, filhas de Deus e de nascimento divino (PIZAN. 2012, p. 64).

Na história bíblica, o espelho da justiça (*Speculum Justitiae*) retrata a imagem da Virgem Maria, modelo de perfeição e de virtudes (Lc 2,19). A régua ou o bastão podem ser associados ao cajado do pastor a guiar as suas ovelhas e a operar prodígios, haja vista Moisés no deserto e na corte egípcia diante do faraó (Ex. 7,8). E a taça de perfumes são as orações dos santos no Apocalipse (Ap. 5,8).

Em *A Cidade das Damas*, a Virgem Maria surge como exemplo máximo de virtudes, e Christine faz o elogio à santíssima Virgem exortando as mulheres a serem dóceis e virtuosas como Maria, para que de ouvidos bem abertos possam escutar os conselhos das três *Damas*:

Mas segui o exemplo de vossa Rainha, a Virgem soberana, que, quando soube da suprema honra que iria ter ao tornar-se a Mãe do filho de Deus, tornou-se ainda mais humilde, autoproclamando-se serva do senhor. Assim, minhas damas, como é verdadeiro que, quando mais as pessoas abundam em virtude, mais elas são humildes e dóceis, que esta Cidade vos incentive a viver honradamente na virtude e na modéstia (PIZAN, 2012, p. 339).

No Livro Primeiro, a primeira via na narrativa é traçada pela *Dama Razão*. Ela é o fio condutor que nos leva a compreendermos a construção da consciência feminina na narrativa. É ela que inaugura o discurso apologético sobre a inteligência feminina e destaca que homem e mulher possuem a mesma consciência e, a rigor, a faculdade de pensar:

E, como meu papel é mostrar claramente, na consciência de cada um e de cada uma, seus defeitos e suas qualidades, vês-me carregar, como emblema, esse espelho resplandecente que seguro na mão direita, em lugar de um bastão. Precisas saber que, na verdade, quem quer que nele olhe – qualquer que seja sua natureza – verá o fundo de sua alma. Oh! Qual não é a verdade do meu espelho! (PIZAN, 2012, p. 65).

A *Dama Razão*, ao revelar sua natureza divina à Christine, declara sobre sua função primordial de corrigir os desvios dos homens e das mulheres, colocando-os em via segura. Revela, assim, os erros humanos pela consciência de cada um e de cada uma. Ademais, anuncia o objetivo da construção da Cidade, que terá a ajuda das outras duas *Damas* e de Christine:

Há uma razão ainda mais particular e mais importante para nossa vinda, que saberás através do nosso diálogo: debes saber que foi para afugentar do mundo este erro, no qual caíste, para que as damas e outras mulheres merecedoras possam, a partir de agora, ter uma fortaleza onde retirem e se defendam contra tão numerosos agressores (PIZAN, 2012, p. 66).

O erro em relação à condição feminina do qual fala a *Dama Razão* é a concepção machista sobre a inferioridade da natureza da mulher que foi ancorada pela tradição misógina na história da literatura. É tarefa das três *Damas* levantar os véus da ignorância em relação ao sexo feminino, retirando as pedras e os entulhos da opressão masculina, que levou a fossilizar

os preconceitos em torno das mulheres, tendo como matrizes as obras misóginas de autoria masculina. A *Dama Razão* declara à Christine:

Os motivos que levaram – e ainda levam – os homens a condenarem as mulheres, como os autores que leste, são diversos e múltiplos. Alguns tiveram boas intenções: eles o faziam para trazer ao caminho certos homens que pudessem ter ficado impressionados por mulheres luxuriosas ou da vida ou então para impedi-los que se desviassem, frequentando-as. Para que todo mundo fugisse de uma vida luxuriosa, de depravação, eles caluniaram as mulheres, em massa, na intenção de torná-las todas abomináveis (PIZAN, 2012, p. 74).

A *Dama Razão* traz consigo o espelho que reflete a consciência e o âmago dos homens, dando-lhes discernimentos dos seus erros e acertos. O espelho significa o exemplo e os conselhos da *Dama Razão* que devem ser ouvidos pelas mulheres. Na narrativa, os símbolos são imagens que traduzem a essência das *Damas* alegóricas e da sublime tarefa que lhes foi confiada vinda do Céu para a Terra. O que antes era desconsiderado ausente nas mulheres pelas obras misóginas da Antiguidade e do Medievo, pela medicina e pela própria literatura – a Razão – doravante é retomada de forma argumentativa e dialógica pela narradora para refutar os misóginos e redimensionar a história das mulheres:

A inteligência celeste refletida pelo espelho se identifica simbolicamente com o sol: é por isso que o espelho é frequentemente um símbolo solar. Mas ele é ao mesmo tempo um símbolo lunar, no sentido em que a lua, como um espelho, reflete a luz do sol. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 394).

A luz que irradia do espelho simboliza a Inteligência divina refletida sobre a inteligência de Christine na formação do seu pensamento para receber o conhecimento das *Damas*, o qual será depois transmitido às mulheres que povoarão a *Cidade das Damas*. “Esses reflexos da Inteligência ou da Palavra celestes fazem surgir o espelho como o símbolo da manifestação que reflete a inteligência criativa” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 394). O reflexo do sol que emana da *Dama Razão* é a luz divina refletida no espelho que ilumina a narradora-personagem ao ser instruída e preparada para denunciar a misoginia e edificar a fortaleza para as mulheres. O espelho possui o poder de iluminar, “o espelho é, com efeito, símbolo da sabedoria e do conhecimento, sendo o espelho coberto de pó aquele do espírito obscurecido pela ignorância” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 394).

O conhecimento é a luz do sol que se reflete do espelho da *Dama Razão* em direção à Christine. “O Sol é a fonte da luz, do calor, da vida. Seus raios representam as influências



celestes – ou espirituais – recebidas pela Terra” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 836). Christine é aquela que vai desocultar os véus da ignorância da misoginia, levando o Gênero feminino a descobrir a potencialidade das mulheres enquanto sujeitas transformadoras de sua própria realidade na sociedade patriarcal:

O espelho não tem como única função refletir uma imagem; tornando-se a alma um espelho perfeito, ela participa da imagem e, através dessa participação, passa por uma transformação. Existe, portanto, uma configuração entre o sujeito contemplado e o espelho que o contempla. A alma termina por participar da própria beleza à qual ela se abre (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 396).

Na narrativa, o espelho representado, simbolicamente, na ordem do conhecimento, possui o caráter extremamente rico, uma vez que ele reflete a alma, a beleza, a luz, a transformação. Esses elementos estão estreitamente associados à narradora-personagem. A alma de Christine é fecundada pela luz do conhecimento que possibilita transformar o seu estado de indignação e consternação diante da inferioridade da mulher para o estado do consciente feminino pelo que o espelho reflete: a verdade, o conteúdo do coração e a beleza do âmago humano:

Certifico-te que nossa aparição nesses lugares não é gratuita, pois nada fazemos sem razão; não frequentamos qualquer lugar e não aparecemos a qualquer pessoa. Porém tu, pelo grande amor que dedicaste em busca da verdade, neste longo e assíduo estudo, que tem te retirado do mundo e te deixado tão solitária, mereceste nossa amizade, mostraste digna de nossa visita, como uma cara amiga, para ser consolada por esse tormento e tristeza; e para iluminar aquilo que perturba e estorva tua alma, obscurecendo teu pensamento (PIZAN, 2012, p. 65).

Assim, a *Dama Razão* na narrativa conduz o processo arquitetônico da *Cidade* que será habitada por ilustres mulheres. Christine, totalmente imbuída da beleza moral no seu coração pela *Dama Razão* sobre a verdade que deve propagar no que concerne à beleza da condição feminina, tem a sua inteligência iluminada para adquirir com as *Damas* alegóricas o poder das palavras, da persuasão e da autoridade feminina contra os misóginos. A narradora-personagem agradece às três *Damas* por ter sido digna desse merecimento:

Como vos agradecer por tamanha caridade? A chuva e o orvalho de vossas doces palavras caíram sobre mim; penetrando e umedecendo a secura da minha alma. A partir de agora, ela já sente germinando as primeiras mudas de plantas novas, que darão frutos, de força benéfica e deleitável sabor.

Como posso, no entanto, merecer esta honra que me anunciais de construir e fazer germinar no mundo uma Cidade nova e eterna? (PIZAN, 2012, p. 72).

A segunda via é traçada pela *Dama Retidão*. A retidão está impressa na alma humana. Ela defende os justos da injustiça e da calúnia. A *Dama Retidão* declara que nem todas as opiniões masculinas têm a razão como princípio verdadeiro, uma vez que ela pode ser facilmente manipulada a bel-prazer dos interesses dos homens:

Por isso, posso entender que nem todas as opiniões masculinas são fundadas na razão e que eles estão enganados. Como se pode pensar que o conhecimento das doutrinas morais, que ensinam a virtude, corrompa os costumes? Sem sombra de dúvida, é o contrário: aperfeiçoa-os e os torna mais nobres. Como se pode pensar e acreditar que quem segue um bom ensinamento e uma boa doutrina torne-se pior? É uma opinião que não se sustenta. Não digo que seja bom para um homem ou uma mulher dedicar-se à bruxaria ou à ciência oculta, porque não é, sem razão, que a Santa Igreja proíbe as práticas, mas que as mulheres pioram por conhecerem o bem, isso não se pode acreditar (PIZAN, 2012, p. 225).

A retidão é um reflexo da razão, pois ela designa essa luz da consciência de si a si que possui o Gênero humano. O bastão ou a régua da Dama Justiça que ela segura é o instrumento que separa o joio do trigo, ou seja, os bons dos maus. Esse bastão tem a função disciplinar de guiar os justos na via reta e de punir os maus com açoites e castigos:

Chamo-me Retidão. Moro mais no céu do que na terra, e a luz divina resplandece em mim, que sou a mensageira da bondade. Frequento os justos e os encorajo a fazer o Bem, a dar a cada um aquilo que lhe pertence no melhor de seu poder, a dizer e a defender a verdade, a defender a verdade, o direito dos pobres e dos inocentes, a nunca se apossar do bem do outro, a provar a inocência dos caluniados. Eu sou o escudo daqueles que servem a Deus. Faço obstáculo à força e à potência dos perversos. É através de mim que Deus revela seus segredos àqueles que ele ama; sou sua advogada no céu. Faço recompensar as penas e os benefícios. Seguro, na minha mão direita, essa espécie de bastão resplandecente que é a régua que separa o bem do mal e o justo do injusto: quem a segue nunca se desviará. Os justos se unem a este bastão da paz e se apoiam nele; já os perversos, com ele, levam pancadas e surras (PIZAN, 2012, p. 69).

Na narrativa, o bastão é a régua que pretende separar o bem do mal e que salvaguardariam os justos dos perversos. Tradicionalmente o bastão possui variados sentidos: “o bastão aparece na simbólica, sob diversos aspectos, mas essencialmente como arma mágica; como apoio da caminhada do pastor e do peregrino; como eixo do mundo”

(CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 123). Com efeito, a régua que traz a *Dama Retidão* simboliza o apoio que vai estruturar os alicerces da fortaleza das mulheres.

Em *A Cidade das Damas*, Christine torna-se discípula das virtuosas *Damas*, pois elas lhes transmitem o saber e o conhecimento tornando-se esclarecida no campo das Letras. “O bastão é também o signo da autoridade legítima que é confiada ao chefe eleito de um grupo” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 125). Logo, a autoridade é conferida à Christine pelo duplo itinerário de que é incumbida: ser discípula e mestra na utópica Cidade. Esse itinerário corresponde aos ensinamentos que recebeu como discípula e da missão de mestra de retransmitir a sábia instrução às mulheres no mundo das palavras e do conhecimento. As *Damas* alegóricas outorgam, desse modo, à Christine, por ter sido merecedora da verdade, a responsabilidade de edificar o espaço social feminino na sociedade francesa, favorecendo o seu ingresso no mundo predominante dos homens, que era o mundo da escrita e da ciência:

O bastão é, ainda, considerado como símbolo do tutor, o mestre indispensável na iniciação. Servir-se do bastão para empurrar para frente o animal não significa que o mestre deve bater com ele no discípulo – seria deturpar o verdadeiro sentido do bastão –, mas sim que o discípulo avança apoiando-se nele, apoiando-se nos conselhos do mestre (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 124).

A partir do esboço do plano da *Cidade* que será edificada, a *Dama Retidão* orienta Christine acerca da forma correta para aperfeiçoar o projeto de construção da fortaleza das mulheres. É a régua que vai traçar as formas visíveis sobre a Terra da perfeita Cidade e dar o eixo certo nas suas fundações e alicerces:

O que tenho mais a dizer? Traçam-me os limites de todas as coisas com esta régua, pois suas virtudes são abundantes. Saiba que ela te será útil para medir a construção da Cidade, que deves erguer os grandes templos; construir e desenhar os palácios, as casas e todos os empórios, as ruas e as praças, e para te ajudar em tudo que for necessário para o povoamento de uma cidade. Vim para ajudar-te, e tal será meu papel. Se o diâmetro e a circunferência das paredes, dos portões te parecem grandes, não te assustes; com a ajuda de Deus e a nossa, tu o concluirás preenchendo, enfim, o espaço de belas residências e magníficas mansões, sem deixar o menor espaço vazio (PIZAN, 2012, p. 69).

A régua serve para medir, para traçar as linhas retas da fortaleza das mulheres que não poderá ser abalada por nenhum inimigo. “A régua é, por excelência, o instrumento da construção, portanto, da manifestação universal” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 774). A edificação da *Cidade das Damas* passa por critérios rígidos de arquitetura. A *Dama*

Justiça tem por finalidade estabelecer a perfeição da Cidade, pois o seu símbolo representa o aperfeiçoamento da construção e da justa medida. Portanto, ela é o atributo do arquiteto celeste, simboliza o aperfeiçoamento da edificação da Cidade e a sua constituição no estatuto de *A Cidade das Damas*:

A Constituição de um país desempenha, igualmente, o papel de uma régua/regra, ao dar sua forma ao Estado. No sentido profundo do termo, a régua é o símbolo da medida de um ser, de sua ideia e da realização de sua ideia; como diz Santo Agostinho, tudo foi feito segundo uma régua, que dá a cada ser *peso, forma e medida* (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 774).

Finalmente, a terceira via é a Justiça. A *Dama Justiça* é aquela que pune os indivíduos de má índole; ela é filha predileta de Deus que emana da essência divina. O seu caminho é certo e sua via corrige aqueles que a ouvem. A *Dama Justiça* tem por finalidade estabelecer o empreendimento da perfeição da Cidade, pois o seu símbolo representa o aperfeiçoamento da construção e da justa medida. A generosidade da *Dama Justiça* é a paga dos justos e o caminho dos que têm sede de justiça:

Amiga Christine, eu sou a justiça, a filha predileta de Deus, e minha essência procede diretamente da sua pessoa. Minha morada é tanto nos céus, como na terra ou no inferno: no céu, para glória dos santos e das almas bem-aventuradas; na terra, para distribuir a cada um a parte de bem e mal que ele merece; no inferno, para punir os indivíduos de má índole. Não pendo para nenhum lado, porque não tenho nem amigo nem inimigo, e minha vontade é inatingível; a piedade não pode me vencer, a crueldade não me comove (PIZAN, 2012, p. 70).

A *Dama Justiça* tem o significado destacado na narrativa na construção do pensamento da narradora, pois ela é identificada com o próprio Deus, ao possuir “um *status* especial entre as virtudes” (PIZAN, 2012, p. 71). Essa filiação divina garante a autoridade das vozes narrativas contra o discurso procedente dos autores misóginos, pois somente Deus teria a autoridade para combater o gênero humano que se deturpou em equívocos e falsas pretensões: “Eu defendo a ordem de cada Estado, e nada dura sem mim. Estou em Deus e Deus está em mim, pois somos, digamos assim, uma única e mesma coisa” (PIZAN, 2012, p. 70). As sociedades arcaicas tinham o seu governo associado aos ditames do patriarcado, ou seja, as mulheres não tinham voz nem vez. A Justiça é que ordena o governo do Estado. Portanto, a fortaleza das mulheres será administrada por mulheres virtuosas e justas que serão iluminadas pelos princípios da justiça e da equidade entres os sexos.

É interessante destacar o significado do termo “justo” em consonância com a Justiça. Para Chevalier, “o justo dá a cada coisa o lugar que lhe compete. Ordena na medida certa. Da mesma forma, responde à sua função criadora ou organizadora” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 527). É a Justiça que mede os homens em suas boas e más ações e através dela recebem o seu veredicto. Ela reforça que as duas *Damas* estão necessariamente ligadas a ela e que o propósito que as fizeram descer até a Terra foi a sublime missão de edificar *A Cidade das Damas*, iluminá-la e enriquecê-la com suas virtudes morais e sólidas: “o que a primeira propõe, a segunda organiza e aplica, e eu, a terceira, dou o acabamento final” (PIZAN, 2012, p. 71).

O que propõe Pizan na narrativa é desqualificar as obras dos autores misóginos pelas injustiças que cometeram contra as mulheres ao longo da história universal. A *Dama* Justiça, por ser a filha predileta de Deus, possui o *status* da suprema divindade, da representatividade do Deus cristão metaforizado como *sol invictus* da Roma tardia pela iconografia cristã. Deus como sol, símbolo da justiça e da beleza entre os homens, é o justo, o princípio organizador do mundo que reconstrói com perfeição o edifício da criação e dá harmonia ao cosmo, como dizia Platão, em *A República*, o demiurgo é um deus organizador do universo que trabalha a matéria (o caos) dando-lhe uma nova forma na construção do mundo. Dessa maneira, o justo e o demiurgo são simbióticos para a construção do cosmo:

Se o justo simboliza o homem perfeito, naquilo em que ele semelha um demiurgo organizador – que põe em ordem, primeiro em si, depois em torno de si –, seu papel é o de uma verdadeira potência cósmica também é ele, comparado, seguidamente, a uma coluna (*Provérbios*, 10, 26) que liga a parte baixa à parte alta da casa (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 527).

Na narrativa, a *Dama* Justiça é que dá, segundo ela, o acabamento na edificação da *Cidade*. Os pináculos, as torres e os telhados das mansões simbolizam as proteções divinas das três *Damas* na utópica Cidade que será povoada de mulheres ilustres. “Ficará sob minha responsabilidade fazer o teto e os telhados das torres, as residências suntuosas e as mansões, que serão todos de ouro fino e brilhante” (PIZAN, 2012, p. 71). Para Pizan, as três *Damas* são as organizadoras e fundadoras da fortaleza das mulheres para encetar uma nova descendência de mulheres virtuosas na história. Christine foi privilegiada para projetar e edificar a Cidade das mulheres pelas três *Damas* Razão, Retidão e Justiça (Cf. PIZAN, 2012, p. 67).

A *Dama* Justiça na tradição representada pelo símbolo da balança retrata o desencadeamento das forças antagonistas do bem e do mal. Na narrativa, as forças

antagônicas se traduzem entre a misoginia e o direito pela igualdade dos sexos, o qual é reivindicado pela narradora, uma vez que esse direito deve ser garantido pela Justiça. Na sua imagem tradicional, a Justiça porta o símbolo da espada que traz na mão direita e da balança na esquerda, representando o equilíbrio; a espada para punir os homens de suas más ações e a balança para julgar com justa medida:

A balança é conhecida na qualidade de símbolo da justiça, da medida, da prudência, do equilíbrio, porque sua função corresponde precisamente à pesagem dos atos. Associada à espada, a balança é também a justiça, mas duplicada pela Verdade (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 113).

Em suma, *A Cidade das Damas* é a estratégia narrativa da autora que, pela escolha das virtudes femininas razão, retidão e justiça, torna-as personagens centrais em três *Damas* a Razão, a Retidão e a Justiça que representam as mulheres no discurso feminino contra a misoginia. Na narrativa, o discurso alegórico pela personificação e as vozes antimisóginas das *Damas* em consonância com a voz da narradora-personagem, leva a cabo a reivindicação das mulheres em relação ao seu espaço e ao seu lugar na sociedade.

Ao final desta pesquisa, concebemos as três *Damas* Razão, Retidão e Justiça como belezas morais que embelezam as mulheres, emanadas diretamente de Deus para a Terra. Por serem personificações femininas, residem no meio dos homens norteando suas ações. As três *Damas* são as vozes antimisóginas que têm a função de instruir o sexo feminino mediante exemplos de mulheres virtuosas que vão surgindo ao longo da narrativa. Os exemplos permeiam as ações heroicas de extraordinárias mulheres, salvaguardando a dignidade, a honra e a inteligência do sexo feminino, que foi apagado e/ou negligenciado ou caído no esquecimento na história da literatura:

Enfim, todas vós, senhoras, damas de grande, média e humilde condição, antes de qualquer coisa, tende cuidado e sede vigilantes para vos defender contra os inimigos de vossa honra e de vossa virtude. Vede, minhas damas, como de toda parte estes homens vos acusam dos piores defeitos! Desmascarai suas imposturas pelo brilho de vossa virtude; fazendo o bem, convencei que todas essas calúnias são mentiras (PIZAN 2012, p. 340).

A narrativa de Pizan promove o sentimento de catarse, ou seja, são suplantados os entulhos da tradição misógina pelas pedras da fortaleza das mulheres alicerçadas pelo exemplo louvável de mulheres mediante o processo da tomada de consciência, a valorização do feminino e o direito de seu lugar na sociedade. Pizan, ao assumir o papel de mulher-

escritora na sociedade defende que a natureza feminina não poderia ser vitimada pela condição do “sexo frágil”, desmistificando o falso raciocínio acerca da natureza das mulheres e sobre o silenciamento feminino no que diz respeito ao poder falocêntrico que promoveu a subordinação aos homens:

Aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e calar-se. Pois este silêncio, imposto pela ordem simbólica, não é somente o silêncio da fala, mas também o da expressão, gestual, ou escriturária. O corpo das mulheres, sua cabeça, seus rostos devem às vezes ser cobertos e até mesmo velados. “As mulheres são feitas para esconder a sua vida” na sombra do gineceu, do convento ou da casa. E o acesso ao livro e à escrita, modo de comunicação distanciada e serpentina, capaz de enganar as clausuras e penetrar na intimidade mais bem guardada, de perturbar um imaginário sempre disposto às tentações do sonho, foi-lhes por muito tempo recusado, ou parcimoniosamente cedido, como uma porta entreaberta para o infinito desejo (PERROT, 2005, p. 10).

Pizan em *A Cidade das Damas* conferiu a visibilidade e a valorização da imagem da mulher sob um novo olhar feminino. A narrativa registra o exemplo feminino através da superação e do conhecimento traçado pelas três vias da sapiência iluminado pelas *Damas Razão, Retidão e Justiça*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão desta pesquisa nos levou a considerarmos o livro *A Cidade das Damas*, o marco literário sobre o lugar do feminino no Medievo. Christine de Pizan com o seu pioneirismo é considerada *avant la lettre* sobre as questões de Gênero na literatura pela originalidade da sua obra literária e a coragem de escrever em defesa das mulheres à sua época.

Com esta pesquisa, compreende-se que a narrativa de *A Cidade das Damas* parte do mundo feminino da autora, dos sentidos, do saber e de suas experiências enquanto mulher-escritora no Medievo. A autora retrata a interioridade feminina combativa ao escrever caracterizada pela voz narrativa da narradora-personagem, que com o apoio das três *Damas* alegóricas eleva a dignidade feminina contra o discurso dos costumes, ou seja, a misoginia.

A produção literária de Pizan no Medievo torna-lhe conhecida como mulher-escritora e historiadora, mas acreditamos também encontrar a filosofia no seu texto, portanto uma filósofa. Uma vez que Literatura e Filosofia estariam imbricadas em especial atenção no que diz respeito à ética e à justiça quando a autora reivindica o direito do Gênero feminino em relação à sociedade machista e patriarcal da época medieval. O discurso alegórico das vozes antimisóginas das *Damas* Razão, Retidão e Justiça fundamenta o pensamento da autora na luta empenhada contra a misoginia mediante o princípio da igualdade entre mulheres e homens na sociedade de seu tempo, como também às futuras gerações.

A narrativa é uma obra alegórica de denúncia à misoginia. A autora utiliza-se das virtudes razão, retidão e justiça, símbolos das civilizações ocidentais, para construir suas personagens personificadas em três *Damas*: Razão, Retidão, e Justiça. Estas considerações fundamentaram o nosso estudo quando observamos que na obra em tela a narrativa de Pizan é uma resposta não só à sociedade misógina medieval, mas também à nossa época contemporânea. A importância de estudarmos um texto gerado no ardor da transição medieval para o Renascimento lança luzes sobre as questões acerca dos Estudos de Gênero na Contemporaneidade e possibilita resgatarmos a memória feminina sob uma outra genealogia de mulheres-escritoras.

Sob o contexto histórico das mulheres no Medievo sabemos que não foi uma época fácil. Contextualizando a época de Pizan com a História, nós observamos que não



havia um projeto social reservado para as mulheres estudarem ou se dedicarem a uma profissão sem serem hostilizadas, pois o século XV ainda influenciado pelo patriarcado não permitia a visibilidade das mulheres nem na escrita, nem na fala, ocasionando a exclusão social. A mulher estava sob a custódia dos ditames masculinos e precisava manter-se assim para não ser ainda mais difamada pela opressão machista vigente nas sociedades arcaicas.

Pizan viveu numa época de grande efervescência político-social na França medieval. Ela testemunhou A Guerra dos Cem Anos (1337-1453), a Peste Negra, a ascensão da monarquia, a secularização do Estado desligando-se do poder clerical entre outros aspectos como o sentimento ufanista. A questão da hegemonia do latim foi rompida promovendo a visibilidade das línguas vernáculas simultaneamente ao surgimento dos valores humanistas que se encaminhavam ao Iluminismo no século XVIII.

Com o advento do Renascimento ainda existia uma enorme resistência à inclusão social das mulheres no âmbito público. Esta ausência do espaço feminino levou a historiadora Joan Kelly (1977) a indagar-se: “Tiveram as mulheres um Renascimento?” A resposta é clara: não. Os autores masculinos tinham o espaço garantido para a divulgação de suas obras sem nenhuma dificuldade, mantendo o monopólio do saber e da autoridade em detrimento das mulheres-escritoras ocultando suas obras.

O Renascimento recriou um espaço para valorizar a produção artística e resgatar o classicismo filosófico. Embora este espaço ainda estivesse fortemente associado à produção artística e literária masculina, empalidecendo a visibilidade e a valorização da mulher que ainda era bastante ofuscada e desmerecida na Europa do século XV, foram apresentadas nesta pesquisa outras obras de autoria feminina no Medievo em períodos anteriores, além da obra de Christine de Pizan.

As mulheres cerceadas pelas hostilidades dos homens não foram apenas combatidas pelas suas obras, muitas tiveram que pagar com a sua própria vida, a exemplo de Marguerite Porete, Joana D’Arc, entre outras. O cenário sombrio de caça às bruxas que caracterizou o Renascimento originou o problema da demonolatria mencionado na Introdução desta pesquisa. Na história das mulheres, Joana D’Arc é um exemplo contundente desses terríveis episódios na história medieval. Ela foi acusada de feitiçaria sendo morta pela Inquisição.

As obras emblemáticas de Platão, Aristóteles, de Galeno na Antiguidade clássica e de Santo Agostinho, Mathéolus, Jean de Meung no Medievo, entre tantas outras obras de caráter misógino, serviram de matrizes para perpetuar e endossar as concepções equivocadas sobre a natureza da mulher. Os tratados médicos têm uma literatura bastante hostil às mulheres, isto é, a mulher era considerada como “macho mutilado e imperfeito”. Uma “imperfeição, quando não se pode se fazer melhor”. O discurso sobre a interiorização era recorrente na Medicina, no Jurídico, no Religioso e no Literário e sobretudo na História Universal.

Pizan surge no Medievo, século XV, extremamente letrada e esclarecida e denuncia a misoginia ao desconstruir a imagem equivocada sobre a mulher que se fossilizou ao longo do tempo na tradição ocidental. Para tanto, reivindica, entre outros aspectos, para as mulheres a igualdade dos sexos, pois considera que homens e mulheres são iguais em sua dignidade, embora anatomicamente diferentes. À sua época, o acesso à educação era permitido aos homens que tinham o domínio da linguagem escrita, logo eram eles que sabiam ler e escrever em latim. Pizan torna-se, de certo modo, guardiã dos ideais humanísticos, que principiam-se com os debates sobre a mulher na *Querelles des femmes*, quando pela primeira vez uma mulher pegou a pena para defender o seu sexo.

A produção de autoria feminina que foi excluída do cânone na história da literatura, nos leva (hoje) a questionarmos o esquecimento e o esvaziamento das vozes de mulheres-escritoras no espaço público. Pizan se torna o expoente das primeiras discussões sobre Gênero na literatura. A *Cidade das Damas* foi construída sobre alicerces sólidos, pois foi concebida com os elevados princípios morais e de virtudes fortalecidos pela sapiência das três *Damas* alegóricas Razão, Retidão e Justiça. É considerada na Contemporaneidade uma obra pioneira nas questões feministas e nas abordagens de Gênero no Medievo. Simone de Beauvoir, Georges Duby e Michelle Perrot e Éliane Viennot são alguns dos autores que favorecem a fortuna crítica de Christine de Pizan na Contemporaneidade.

Constatamos que ao identificar a misoginia no Livro Primeiro, a *Dama Razão* inaugura o discurso apologético em favor das mulheres desmistificando as concepções equivocadas e atrozes que se proferiram contra elas. A razão que estava associada ao poder masculino pela autoria masculina foi utilizada para desqualificar a mulher como um ser inferior e uma cidadã de segunda classe. Elas foram desmerecidas da faculdade de pensar e de escrever não alcançando os homens nem em mérito, nem em virtudes e

consideradas inferiores biologicamente. Portanto, a misoginia é decorrente das obras canônicas de autores masculinos ao longo de uma tradição milenar na História, na Filosofia, na Medicina, na Teologia, no Direito e na Literatura.

As três *Damas* dão lugar às mulheres contemporâneas que conseguiram um lugar ao sol nas múltiplas esferas sociais ou que ainda lutam e reivindicam por seus direitos. Estudar uma obra renascentista do fim da Idade Média na atualidade é um resgate histórico e literário da autoria feminina do passado, porque podemos analisar o que foi dito primeiramente sobre a condição feminina e em defesa da mulher postergando para a atualidade.

Com Pizan, esses estudos lançam luzes para novas discussões na literatura em parceria com as questões de Gênero como uma forma de denunciar as desigualdades sexuais que se estendem até os dias atuais. A querela das mulheres iniciada no Medievo não findou inteiramente, ela é redimensionada com bem mais força pelos Estudos de Gênero ganhando visibilidade com as questões acerca da mulher no meio acadêmico e sendo discutidas na sociedade por meio das Políticas Públicas na sociedade contemporânea denunciando e opondo-se ao preconceito e à exclusão social.

O legado que nos deixa a narrativa, além do conjunto da obra christiniana, é a luta e a reivindicação da autora postergando às sociedades modernas o lugar de respeito que as mulheres devem ocupar no âmbito social. Pizan nos leva a revisitar a história literária retirando os entulhos de uma tradição misógina desfavorável às mulheres e descortina a possibilidade para reescrever uma outra genealogia feminina sob o viés da Razão, da Justiça e da Retidão.

Dessa maneira, Christine de Pizan em *A Cidade das Damas* cria o lugar do feminino, ou seja, uma cidade edificada e povoada por mulheres ilustres que simbolizam a resistência feminina caracterizada na voz narrativa que é a resposta à sociedade misógina de sua época. Para Rita Schmidt em *Literatura e Feminismo* (1999), no que diz respeito ao conceito de voz na literatura esta é uma maneira “de dar visibilidade à autoria feminina e assim, reconstituir a voz da mulher e suas representações no contexto da natureza gendrada da autoria/paternidade cultural que funda o prestígio da função autoral.” O mutismo das mulheres levou-as ao patíbulo onde foram vitimadas com as mais horrendas formas de misoginia. A ausência de um projeto social para as mulheres fortaleceu a hegemonia do patriarcado nas estruturas do poder social, religioso e cultural promovendo a exclusão da mulher nos espaços públicos restringindo-a ao âmbito do privado sob a custódia do *pater famílias*.

No Medievo, embora a mulher tenha sido excluída do espaço público na sociedade francesa, constatamos que existiram mulheres-escritoras e que elas publicaram como é o caso de Hildegarda de Bingen, Marguerite Porete e a própria Christine de Pizan.

Por fim, o que propõe a autora em *A Cidade das Damas* é redimensionar o feminino na história das mulheres, não mais sob a perspectiva machista respaldada na hegemonia das obras de autoria masculina dos filósofos, clérigos, médicos e literatos que difamaram as mulheres, mas sob o olhar feminino de uma mulher-escritora que escreve para mulheres, sobre mulheres dando visibilidade e voz às mesmas de seu tempo e as que virão. Pizan na narrativa não explicita a emancipação feminina, mas são os primeiros acenos acerca das questões da mulher que surgem no Medievo as quais são rediscutidas séculos mais tarde pelo movimento feminista no século XX.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. textos adicionais e notas de Edson Biri. 1ª. ed. São Paulo: Edipro, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 117-132

BECKER, Udo. **Dicionário de símbolos**. Trad. Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 1999 (Coleção dicionários).

**BÍBLIA DE JERUSALÉM**. Trad. Euclides Martins Balancin [et al.] São Paulo: Paulus, 5ª impressão, 2008.

BLOCH, R. Howard. **A misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Trad. Claudia Moraes. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. 280 p.

BOCCACCIO, G. **Contos do Decameron**. São Paulo: Scrinium, 1996.

\_\_\_\_\_. **Mujeres preclaras**. Trad. e apresentação de Violeta Díaz Corralejo. Madri: Cátedra letras Universales, 2010.

BROCHADO, Cláudia. Mulheres escritoras e a construção de uma outra genealogia: Isabel de Villena, escritora ibéria do século XV. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA ANPUH-São Paulo, 2001. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=775](http://www.snh2011.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=775)>. Acesso em: 10/10/2013.

CALADO, Luciana Eleonora de Freitas. **A Cidade das Damas**: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan. 2006. 371 f. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

CANDIDO, Antônio. **A personagem de ficção**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CASAGRANDE, C. A mulher sob custódia. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). **História das mulheres no Ocidente**. Trad. de Egito Gonçalves. Coimbra: Afrontamento, 1990, v. 2, p. 99-141.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 77.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Trad. Vera da Costa e Silva [et al.]. 28. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. Trad. Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

CRUZEIRO, Maria Manuele (Ed.). **O espelho de Cristina**. Lisboa: biblioteca Nacional, 1987.

DEPLAGNE, Luciana Eleonora de Freitas Calado. A reescrita do mito das Amazonas na obra *A Cidade das Damas* de Christine de Pizan. **Rev. Anu. Lit. Universidade Federal de Santa Catarina**, Florianópolis. v. 18, n. esp. 1, p. 115-136, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18nesp1p115/25238>> Acesso em: 20.01.2016.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: PIZAN, Christine de. **A Cidade das Damas**. Florianópolis: Editoras Mulheres, 2012.

DERRIDA, Jaques. **Posições**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte. MG: Autêntica, 2001, p. 48.

DORTIER, Jean- François. **Dicionário de Ciências Humanas**. Revisão e coordenação da tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2010.

DUBY; PERROT, M. (Orgs.). **História das Mulheres no Ocidente**: a Idade Média. Trad. de Ana Losa Ramalho [et. al.] Coimbra: Afrontamento, v. 2, 1990.

FONSECA, Pedro C. L. Christine de Pizan e *Le Livre de La Cité des Dames*: pontos de releitura da visão tradicional da mulher. In: XIV Seminário nacional mulher e literatura/v seminário internacional mulher e literatura. Brasília, 2011. **Anais eletrônicos**. Brasília: Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: <[http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wpcontent/uploads/2012/01/pedro\\_carlos.pdf](http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wpcontent/uploads/2012/01/pedro_carlos.pdf)> Acesso em: 10/10/2013.

\_\_\_\_\_. Vozes da misoginia medieval: Aristóteles disseminando em Santo Isidoro de Sevilha, Santo Anselmo e São Tomás de Aquino. **Notandum**, 2009, n. 21, p. 23-29.

FÈVRE, Jehan Le. **Les lamentations de Matheolus et Le livre de Leesce de Jehan le Fèvre**. Paris: Bouillon, 1892-1905, 2 v.

FORTUNA, Felipe. **Louise Labé**: amor e loucura. São Paulo: Siciliano, 1995.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Trad. Victor Jabouille – 6. ed. – Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2011, 612 p.

HANSEN. João Adolfo. **Alegoria**: construção e interpretação da metáfora. 2. ed. – São Paulo: Atual, 1987.

HUISMAN, Denis. **Dictionnaire des 1000 oeuvres-clés de la philosophie**. [S.l.] Éditions Nathan, 2010.

JAEGGER, Werner. **Paideia**: a formação do homem grego. Trad. de Artur M. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 812-863.

KAPLISCH-ZUBER, Christiane. Introdução. In: DUBY; PERROT, M. (Orgs.). **História das Mulheres no Ocidente**: a Idade Média. Trad. de Francisco G. Barba; Teresa Joaquim. Coimbra: Afrontamento, v. 2, 1990.

LAGARDE, André; MICHARD, Laurent. **Moyen Age**: les grands auteurs français. Anthologie et histoire littéraire.[S.l.] Bordas/VUEF, 2002. Collection littéraire Lagarde et Michard, p.XXXIV.

LANSON, Gustave. **Histoire de la littérature française**. Paris: Hachette, 1909, p. 165-166.

LASCH, Christopher. A comédia de amor e a *querelle des femmes*: uma sátira aristocrática ao casamento. In: \_\_\_\_\_. **A mulher e a vida cotidiana**. Amor casamento e feminismo. Trad. de Heloísa Martins Costa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 165-166.

LAUSBERG, Heirinch. **Manual de Retórica literária** (Fundamentos de una ciência de la literatura). Madrid: Gredos, 1976, t. II, p. 283.

LEMARCHAND, Marie-José. Introdução, notas e bibliografia. In: PIZAN, Christine de. **Le Livre de la Cité des Dames**. Ediciones Siroela S. A, 1995, Madri, 2000.

LÉON, Vicki. **Mulheres audaciosas na Idade Média**. Trad. De Marita Fornos Magalhães. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos, 1997.

LLOBET, L. E. **Christine de Pizan (1364-1430)**. Madrid: Ediciones del Orto, 1999.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luísa (Orgs.). **Dicionário da Crítica Feminista**. Porto: Afrontamento, 2005.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Editora Cultrix, 3. ed. 1982.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **Cancioneiros medievais galego-português**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007, p. 3.

MEUNG, Jean de. **The romance of the rose by Guillaume de Lorris and Jean de Meung**. Princeton: Princeton University Press, 1971.

MILAGROS RIVERA. **Textos y espacios de mujeres**. Icarai: Barcelona, 1990, p. 28.

OPTIZ, Claudia. O quotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500). In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). **História das mulheres no Ocidente**. Trad. de Ana Losa Ramalho et al.: Afrontamento, 1990, v. 2, p. 353-435.

PELLEGRIN, Nicole. **Écrits féministes de Chrisitne de Pizan à Simone de Beauvoir**. Anthologie présentée par Nicole Pellegrin. Éditions Flammarion, Paris, 2010.

PERNOUD, Régine. **Luz sobre a Idade média**. Trad. Antônio Manuel de Almeida Gonçalves. Portugal: Europa - América, LDA, 1997.

PERROT, MICHELLE. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. – Bauru, SP: EDUSC, 2005, p. 10-14.

PIZAN, Christine. **A Cidade das Damas**. Trad. e apresentação de Luciana Eleonora de Feitas Calado Deplagne. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012, 352 p.

\_\_\_\_\_. **La Cité des Dames**. Texte traduit et présenté par Thérèse Moreau et Éric Hicks. Éditions Stock Moyen Âge, 1992.

\_\_\_\_\_. L'Épître au dieu d'Amours. In: ROY, Maurice (éd.). **Oeuvres poétiques de Christine de Pizan**. Tome II. Paris: Firmin-Didot, 1986.

\_\_\_\_\_. **Mulheres Públicas**. Trad. Roberto Leal Ferreira – São Paulo: fundação da UNESP, 1998, p. 10.

PIPONNIER, Françoise. O universo feminino: espaços e objectos. In: DUBY; PERROT (Org.). **História das Mulheres no Ocidente: A Idade Média**. 2 v. Trad. de Ana Rosa Ramalho et al. Coimbra: Afrontamento, 1990, p. 441-511.

PLATÃO. **Diálogos socráticos: TEETETO**. Trad. Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2008.

POIRION, Daniel. **Dictionnaire des Genres et Notions littéraires**: (Les dictionnaires d'Universalis). Encyclopedia Universalis France, S. A., 2013.

PORETE, Marguerite. **O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor**. Trad. e notas de Sílvia Schwartz. Editora Vozes LTDA. Petrópolis, RJ, 2008.

RÉGNIER- BOHLER, Danielle. Vozes literárias, vozes místicas. In: DUBY; PERROT (Org.). **História das Mulheres no Ocidente: a Idade Média**. 2 v. Trad. de Francisco G. Barba; Teresa Joaquim. Coimbra: Afrontamento, 1990, p. 517-591.

STRUBEL, Armand. Le style allégorique de Christine de Pizan. In : \_\_\_\_\_. **Une femmes de lettres au Moyen Âge: études autour de Christine de Pizan**, 1995, p. 357-372.

TEIXEIRA, Faustino. Apresentação. In: PORETE, Marguerite. **O Espelho das Almas Simples**. Trad. e notas de Sílvia Schwartz. Editora Vozes LTDA. Petrópolis, RJ, 2008, p. 17-29.

VIDAL, Marciano. **Feminismo e ética**: como “feminizar” a moral. Tradução Maria J. Rosado. Edições Loyola. São Paulo, Brasil, 2005, p. 29.



VIENNOT, Éliane. Les Amazones dans le débat sur la participation des femmes au pouvoir à la Renaissance. In : LEDUC, Guyonne (Org.). **Réalité et représentations des Amazones**. Paris: L'Harmattan, 2008.

\_\_\_\_\_. Les intellectuelles de la renaissance: enjeux et conflits d'une émergence. In: RACINE, Nicole ; TREBITSCH, Michel (Org.). **Intellectuelles du genre en histoire des intellectuels**. Éditions Complexe, (S.l.), 2004.

WUENSCH, Ana Míriam. O que Christine de Pizan nos faz pensar? **Revista Graphos**. v. 14. Número 3. Ideia/Editora Universitária, João Pessoa, 2012.